

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
NÍVEL MESTRADO**

ROBERTA SILVEIRA SCHULER ROSA

**“O PERSONAGEM É O MAIS IMPORTANTE DA REPORTAGEM”:
O Personagem Construído na Narrativa de Cotidiano do Jornal *Diário Gaúcho***

**São Leopoldo
2015**

ROBERTA SILVEIRA SCHULER ROSA

**“O PERSONAGEM É O MAIS IMPORTANTE DA REPORTAGEM”:
O Personagem Construído na Narrativa de Cotidiano do Jornal *Diário Gaúcho***

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação, pelo Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Orientadora: Prof.^a Dra Beatriz Alcaraz Marocco

São Leopoldo
2015

R788p Rosa, Roberta Silveira Schuler
“O personagem é o mais importante da reportagem” : o
personagem construído na narrativa de cotidiano do Jornal
Diário Gaúcho / por Roberta Silveira Schuler Rosa. – 2015.
150 f.: il., 30 cm.

Dissertação (mestrado) — Universidade do Vale do Rio
dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da
Comunicação, 2015.

Orientação: Profa. Dra. Beatriz Alcaraz Marocco.

1. Narrativa. 2. Personagem. 3. Jornalismo popular.
4. Diário Gaúcho. I. Título.

CDU 070.12(816.51)

Catálogo na Fonte:

Bibliotecária Vanessa Borges Nunes - CRB 10/1556

ROBERTA SILVEIRA SCHULER ROSA

“O PERSONAGEM É O MAIS IMPORTANTE DA REPORTAGEM”: O
PERSONAGEM CONSTRUÍDO NA NARRATIVA DE COTIDIANO DO JORNAL
DIÁRIO GAÚCHO”

Dissertação apresentada como requisito
parcial para obtenção do título de
Mestre, pelo Programa de Pós-
Graduação em Ciências da
Comunicação da Universidade do Vale
do Rio dos Sinos - UNISINOS.

Aprovada em 10 de abril de 2015

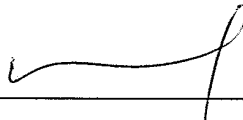
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Luiz Gonzaga Figueiredo Motta – UFSC



Profa. Dra. Cassilda Golin Costa – UFRGS



Profa. Dra. Beatriz Alcaraz Marocco – UNISINOS

Ao meu esposo, Cristiano, por embarcar comigo neste e em todos os projetos de vida que escolhi. Pelo amor, pelo companheirismo, e por nunca deixar de acreditar que seria possível.

Aos meus pais e irmãos, por serem os alicerces da minha vida e, ao lado do Cristiano, meu porto seguro.

AGRADECIMENTOS

Ao longo desses dois anos de aprendizado, algumas pessoas estiveram comigo e acompanharam de perto o árduo processo de construção do conhecimento pelo qual passei. Cada uma à sua maneira, todas me ajudaram a enfrentar momentos de dúvidas, de angústias, serviram de exemplo, e até abriram mão da convivência por acreditarem na importância deste passo para minha trajetória pessoal e profissional. Viveram comigo da alegria do ingresso no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UNISINOS, até o momento da defesa desta dissertação de mestrado.

A Deus, pelo dom da vida e a graça da saúde, que me permitiram estabelecer este desafio e ter o discernimento e a sabedoria para percorrer todos os caminhos até alcançá-lo.

À minha família, por todo amor e todo o zelo, mas também pelos exemplos e pela crença de que só o esforço e a luta são a base de todo êxito. Obrigada pelo incentivo ao estudo e por sempre acreditarem na minha capacidade.

Ao meu esposo, Cristiano, por estar comigo em todos os momentos importantes da minha vida desde 1996. Obrigada por compreender a necessidade de sacrifício das nossas horas de convivência e até mesmo do nosso orçamento para que eu pudesse realizar o sonho de cursar o mestrado. Pelo amor, pela disponibilidade, pelo incentivo. E, principalmente, por embarcar comigo na aventura mais apaixonante da vida que é ter um filho.

À Prof^a Dra Beatriz Marocco, pela competência e pelos ensinamentos que me ofereceu durante todo o processo de realização desta pesquisa.

Ao Prof. Dr. José Luiz Braga, pelo exemplo de pesquisador e por encorajar uma repórter de jornal diário a tornar-se uma pesquisadora da área da comunicação. Os retornos recebidos a cada produção acadêmica realizada foram o combustível que permitiu avançar nesta caminhada.

À Profª Dra Christa Berger, pela maneira afetiva de transmitir conhecimento. Pelas incontáveis sugestões de leitura que não serviram apenas para a pesquisa, mas para a vida.

À Profª Dra Cybeli Almeida Moraes, pela amizade que nos liga desde a infância, e pelo incentivo para que eu aceitasse o desafio de dar o primeiro passo na direção da carreira acadêmica.

Aos colegas do jornal *Diário Gaúcho*, pelo apoio durante a realização desta pesquisa e pela compreensão por conta das ausências para que pudesse acompanhar as aulas do programa de pós-graduação.

Aos colegas do mestrado, em especial à Laura Arrué, pela amizade, pelo compartilhamento constante de ideias, pelo encorajamento, pelos cafés e pela companhia, ainda que virtual, durante a realização desta pesquisa.

RESUMO

O personagem é o mais importante da reportagem. Esta afirmação consta no primeiro mandamento da reportagem do jornal *Diário Gaúcho* e é o ponto de partida desta pesquisa. O objetivo desta dissertação é investigar como ocorre a construção do personagem na narrativa de cotidiano deste jornal popular, além de compreender o papel do jornalista-narrador, que localiza, seleciona os personagens e articula a narrativa. A partir da pesquisa bibliográfica, que busca a aproximação com a narratologia para elencar os elementos que compõem a narrativa – entre eles o personagem –, foi possível, no procedimento de análise de dez reportagens que formam o *corpus* desta pesquisa, descrever a função do personagem no enredo e identificar os efeitos de sentido que o jornalista-narrador evoca a partir deste elemento. Com este percurso empreendido, conseguiu-se localizar personagens que, juntos, formam uma galeria e, assim, dizem sobre a produção do *Diário Gaúcho*, confirmando a validade do primeiro mandamento da reportagem. Na narrativa de cotidiano publicada na editoria de Geral, o personagem é localizado e retratado em seu ambiente, em geral as comunidades da periferia de Porto Alegre e da Região Metropolitana. Profissionais do *Diário Gaúcho* tentam incluir em suas narrativas personagens que sejam semelhantes aos leitores do jornal, numa tentativa de promover a identificação com a audiência. Os personagens são selecionados de modo a servirem de ponto de partida para narrativas que tratem sobre superação (de limites, de preconceitos), para contarem dramas do cotidiano, comuns à população deste segmento (colocando em xeque a atuação de organismos públicos), ou ainda para serem os condutores de narrativas que ofereçam entretenimento ou algum tipo de reflexão – todas as narrativas demonstram algum efeito de sentido pretendido como a comoção, o encorajamento, ou o simples deleite. Os personagens, na maioria das narrativas, desempenham ações – que são a notícia – ou são afetados por essas ações ou a ausência delas. Na narrativa, o personagem é identificado pelo nome completo, idade e profissão. A sua caracterização aparece também por meio da descrição e do discurso do jornalista-narrador, das falas do personagem, pela participação de personagens secundários e até mesmo pelo espaço onde a história se passa.

Palavras-chave: Narrativa. Personagem. Jornalismo popular. *Diário Gaúcho*.

ABSTRACT

The character is the most important element of the news report. This statement is in the first news commandment of the *Diário Gaúcho* newspaper and is the starting point of this research. The goal of this work is to investigate how the construction of the character in everyday narrative in this newspaper takes place, in addition to understanding the role of the journalist-narrator, which locates and selects the characters and articulates the narrative. The literature, which seeks closer ties with narratology to list the elements that make up the narrative – including the character –, made it possible, through the analysis procedure of ten news reports that form the *corpus* of this study, to describe the purpose of the character to the plot and identify the effects of meaning that the journalist-narrator evokes from this element. By undertaking these procedures, we were able to find characters that together form a gallery and thus represent *Diário Gaúcho's* production, confirming the validity of the aforementioned first commandment. In the local news narrative published in the General section, characters are located and portrayed in their environment, in general communities on the outskirts of Porto Alegre and the Metropolitan Region. *Diário Gaúcho's* journalists try to include characters in their narratives that are similar to newspaper readers, in an attempt to promote identification with the audience. The characters are selected to serve as a starting point for addressing narratives about overcoming (limits, prejudices), reporting on daily dramas, common to this population segment (questioning the action of public institutions), or conducting narratives that offer entertainment or some kind of reflection – all narratives demonstrate some effect of intended meaning as commotion, encouragement, or simple delight. The characters in most narratives, play actions – which make up the news – or are affected by these actions or lack thereof. In the narrative, characters are identified by full name, age and profession. Their characterization also appears through the description and discourse of the journalist-narrator, these characters' quotes, the participation of secondary characters and even the location in which the story takes place.

Keywords: Narrative. Character. Popular journalism. *Diário Gaúcho*.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 A NARRATIVA E O PERSONAGEM	15
2.1 O NARRAR E A NARRATOLOGIA	15
2.2 OS ELEMENTOS DA NARRATIVA.....	18
2.2.1 O Personagem	18
2.2.2 O Enredo	22
2.2.3 O Tempo	24
2.2.4 O Espaço	25
2.2.5 O Narrador	26
2.3 A NARRATIVA JORNALÍSTICA.....	27
2.4 PERCURSO METODOLÓGICO	29
2.4.1 Em Busca de um Método de Análise	30
3 O DIÁRIO GAÚCHO E A REPORTAGEM	36
3.1 DO SENSACIONALISMO AO JORNALISMO POPULAR DE QUALIDADE	36
3.2 O LEITOR COMO ALVO PRINCIPAL	39
3.3 <i>FAIT DIVERS</i> , HISTÓRIAS DE VIDA E REPORTAGENS DE SERVIÇO	45
3.4 OS DEZ MANDAMENTOS DA REPORTAGEM DO <i>DIÁRIO GAÚCHO</i>	47
3.5 O JORNALISTA-NARRADOR E A PRÁTICA.....	51
4 O PERSONAGEM NA NARRATIVA DE COTIDIANO	57
4.1 O EX-MENINO DE RUA TORNOU-SE ESCRITOR.....	57
4.2 A DECORAÇÃO DE NATAL DE ISABEL	63
4.3 O HOMEM QUE VIVE ENTRE OS FINADOS.....	68
4.4 AS VÍTIMAS DA FILA DA SAÚDE PÚBLICA	70
4.5 A GARI QUE VIROU MISS	75
4.6 A MULHER QUE COLECIONAVA	80
4.7 A MARATONISTA DA TERCEIRA IDADE	83
4.8 A MULHER QUE NÃO SORRI HÁ 26 ANOS	86
4.9 O TAXISTA MAIS ANTIGO DA PRAÇA	89
4.10 O ANDARILHO MARATONISTA.....	92
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS	105
APÊNDICE A - ENTREVISTAS	109

ANEXO A - OS DEZ MANDAMENTOS DA REPORTAGEM	136
ANEXO B - REDAÇÃO DO <i>DIÁRIO GAÚCHO</i>.....	137
ANEXO C - REPORTAGEM <i>SALVE, JORGE!</i>.....	138
ANEXO D - REPORTAGEM <i>UM LAR PRONTO PARA O NATAL</i>.....	139
ANEXO E - REPORTAGEM <i>SÁBADO PARA LOTAR O PÁTIO DE GILMAR</i>.....	140
ANEXO F - REPORTAGEM <i>ESPERA GERA SEQUELA</i>	141
ANEXO G - REPORTAGEM <i>SHOW DE BELEZA E AUTOESTIMA</i>.....	142
ANEXO H - REPORTAGEM <i>VASSOURA CAMPEÃ</i>	143
ANEXO I - REPORTAGEM <i>UM HOBBY GIGANTESCO</i>	144
ANEXO J - REPORTAGEM <i>42KM DE SAÚDE E BOM EXEMPLO</i>.....	145
ANEXO K - REPORTAGEM <i>COM DORES, VERGONHA E ABANDONO</i>	146
ANEXO L - REPORTAGEM <i>JUVENAL: TAXISTA AOS 91 ANOS</i>	147
ANEXO M - REPORTAGEM <i>OBSTÁCULO NA RETA FINAL</i>.....	148
ANEXO N - REPORTAGEM <i>UM BRILHANTE SEXTO LUGAR</i>.....	149
ANEXO O - REPORTAGEM <i>VELOCISTA DE DIA, ANDARILHO À NOITE</i>.....	150

1 INTRODUÇÃO

Houve um momento, na redação do jornal *Diário Gaúcho* (DG)¹, no qual um quadro pendurado numa das paredes (ver Anexos A e B) despertou minha atenção. No ambiente por onde circulam dezenas de jornalistas, entre repórteres, editores, diagramadores e repórteres fotográficos, havia a lista de mandamentos a guiar a reportagem desta publicação popular. Emoldurada, a tábua dava as diretrizes para a produção jornalística diária do DG – como também vou chamar o jornal que é objeto deste estudo.

O primeiro dos mandamentos (provavelmente o mais importante) jogou luzes sobre um dos elementos da narrativa jornalística que sempre me fascinou: o personagem², que corresponde ao *quem* da fórmula chamada lead³. “O personagem é o mais importante da reportagem. E o personagem é a pessoa comum. O *Diário Gaúcho* ouve a pessoa comum e conta suas histórias” (OS DEZ..., 2005) – diz o mandamento⁴. Kapuscinski (2002, p. 38, tradução nossa) ensina que “Não há jornalismo possível à margem da relação com outros seres humanos. A relação com os seres humanos é o elemento imprescindível de nosso trabalho”. Por acreditar que o jornalista, em especial o repórter, é um trabalhador que acima de tudo gosta de gente, se interessa por essa massa humana que dá vida às reportagens, sempre dediquei uma atenção especial à tarefa de garimpar pessoas que seriam personagens das narrativas jornalísticas construídas em pouco mais de uma década de trabalho a serviço da reportagem do DG. “Compreender a passagem de uma

¹ É um dos oito jornais impressos do Grupo RBS. Foi lançado no dia 17 de abril de 2000. A circulação do *Diário Gaúcho* é de 152.486 exemplares (IVC, agosto de 2014), o oitavo em circulação do país (dados do ano de 2013). Tem 1,2 milhão de leitores habituais. (MARPLAN, 2013 apud GRUPO RBS, [2014?]). O jornal, em formato tablóide, circula em Porto Alegre, Região Metropolitana e principais cidades do Rio Grande do Sul. Atualmente, custa R\$ 0,90 em dias de semana e, na edição de sábado e domingo, R\$ 1. A forma de comercialização se dá pela venda avulsa. Não há assinaturas. Tem uma linha editorial voltada à prestação de serviço, em conjunto com eventos, promoções e ações especiais. Seus pilares editoriais são esporte, entretenimento, serviço e segurança.

² Embora na origem do termo ele seja precedido pelo artigo feminino “a” (derivado de *persona*, a máscara do teatro romano) e a rede de autores consultada para esta produção acadêmica assim o utilizem, a palavra admite ambos os gêneros e minha opção pelo artigo definido masculino “o” dá-se a partir da forma usual deste termo nas redações de jornal, entre elas a do *Diário Gaúcho*. Mieke Bal (2001) chama o personagem de ator da narrativa.

³ Conjunto de perguntas fundamentais (Quem, Que, Quando, Onde, Como e Por que?) que devem ser respondidas no início das reportagens, sintetizando o que é a notícia.

⁴ As diretrizes foram criadas em um seminário sobre a prática da reportagem do qual todos os jornalistas do *Diário Gaúcho* participaram. Os mandamentos são o resultado de uma reflexão coletiva sobre a produção jornalística do DG realizada em meados dos anos 2000.

pessoa real à persona, ou figura de papel” (MOTTA, 2013, p. 188) é ponto de partida para esta investigação.

Vicchiatti (2005, p. 12) esclarece que “[...] o jornalista pós-moderno precisa pensar sua função de instrumento-leitor da realidade em bases amplificadas, sintonizadas no ser humano”. E explica a importância dos personagens: “Ao trazer para as páginas de jornais as emoções do cotidiano, o sofrimento dos personagens, suas histórias de vida procura atender a uma necessidade que acredita ser da sociedade atual”. (VICCHIATTI, 2005, p. 87). Herrscher (2009, p. 51, tradução nossa) diz que “Pela forma de contar, de introduzir os personagens, de optar implicitamente por um ponto de vista, estamos fomentando uma identificação entre o leitor e um ou mais personagens ou fontes”. Já Neveu (2006, p. 172) chama atenção para um jornalismo atento à vida cotidiana dos leitores, evocando pessoas comuns. Com isso, é possível “[...] restituir a experiência de pessoas ou grupos habitualmente ignorados pelo jornalismo”. Essas são algumas das provocações que fui encontrando ao longo de um percurso de leituras sobre o jornalismo, que convergiram para o estudo sobre pessoas reais que se tornam personagens, ou, conforme Motta (2013), figuras fabricadas pelo discurso.

Em 14 anos, a vivência de redação adquirida no *Diário Gaúcho* não deu conta de responder, precisamente, quem é o personagem que aparece na narrativa de cotidiano (publicada na editoria de Geral⁵) deste jornal. Há suspeitas a partir do conhecimento advindo da prática, que circula naturalmente entre repórteres e editores, por meio das trocas de experiências – até porque no grupo de profissionais ainda permanecem alguns jornalistas que ajudaram a criar o *Diário Gaúcho* e são referência na disseminação de seus mais caros conceitos. A coesão do grupo de repórteres, o pensamento coletivo incorporado na rotina de produção, e o uso de um pequeno manual de redação criado internamente em 2005, contribuem para que as reportagens tenham unidade e observem a algum regramento em relação à estrutura dos textos. Até porque “Há muitas maneiras de escrever uma história, mas nenhuma pode prescindir de personagens”. (SODRÉ, 1986, p. 125). Mas falta especificidade para que se diga que há uma definição para o personagem que habita a narrativa deste jornal popular.

⁵ É a espinha dorsal do jornal, contempla a maior variedade de assuntos, como economia doméstica, educação, saúde, mobilidade. Além da Geral, o DG tem as editorias de Polícia, Variedades, Esportes e Opinião. Em 2014, a estrutura da editoria de Geral contava com uma editora, um sub-editor e três repórteres.

Pelo fato de a redação não ser o ambiente mais apropriado para profundas reflexões teóricas, foi neste hiato que percebi a oportunidade de investigar, no âmbito acadêmico, a produção jornalística do *Diário Gaúcho*, uma publicação relativamente nova, cujos conceitos, em boa parte, ainda não foram completamente sedimentados. Com o apoio de autores que se debruçam sobre a narrativa, busco um caminho para entender como é construído o personagem e as funções deste elemento fundamental.

É importante alertar que o distanciamento absoluto em relação ao objeto de estudo, por ser funcionária do jornal, não é possível. Mesmo que haja o esforço de neutralizar meu repertório pessoal (utilizado na feitura diária da reportagem do *Diário Gaúcho*), este será em vão – de qualquer modo, foram excluídas do *corpus* as reportagens elaboradas por mim. Ao assumir um posicionamento mais frio e problematizador, buscando um espírito crítico⁶, acredito que poderei realizar uma análise que se propõe isenta, a fim de alcançar um conjunto descritivo e analítico de como funciona a reportagem deste jornal popular e a construção de seus personagens. Motta (2013, p. 19) aponta um caminho ao sugerir “lançar sobre o objeto (a comunicação narrativa) um olhar escrutinador, sistemático e rigoroso, através de processos que permitam relacioná-lo ao seu contexto de produção e recepção”.

Da inquietação que deu origem ao projeto para ingresso no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), no final do ano de 2012, o tema desta dissertação foi sendo lapidado até chegar à proposta que será desenvolvida integralmente neste estudo. Inicialmente, o foco ainda não havia sido bem delineado, e a intenção era investigar algo que eu identificava como humanização da reportagem. Sobre a humanização, observo tratar-se do “Processo de seleção de determinados traços do indivíduo ou de uma situação com o objetivo de pôr em destaque a vivência humana comum e geral”. (MEDINA, 2008, p. 92). Alves e Sebrían (2008) pensam que a humanização transmite quem são os agentes dos fatos, as pessoas que os vivenciaram. Vicchiatti (2005), por sua vez, entende que a humanização melhora a recepção da notícia pela aproximação com o leitor. Estas avaliações preliminares serviram de base para o

⁶ “Atitude que busca com seriedade a verdade, pondera razões, confronta motivos, situa concretamente o objeto analisado”. (MOTTA, 2013, p. 24).

projeto de pesquisa que, mais tarde, foi ancorado à narrativa, com a substituição da humanização pelo estudo do personagem.

O objetivo geral deste trabalho é desvendar como é realizada a construção do personagem na narrativa de cotidiano do jornal *Diário Gaúcho* pelo jornalista-narrador⁷. Isso será feito a partir do exame minucioso da enunciação narrativa, do processo de comunicação, por meio de reportagens. A expectativa é identificar tipos, formando assim uma galeria de personagens que, juntos, dirão sobre a produção de reportagens da editoria de Geral do DG. Os elementos que aparecerem com regularidade ajudarão a responder o principal questionamento desta pesquisa.

Os objetivos específicos são os seguintes:

- a) analisar os personagens principais das reportagens da editoria de Geral do *Diário Gaúcho* e sua relação com os demais elementos da narrativa jornalística;
- b) descrever as funções do personagem principal no enredo;
- c) identificar os efeitos de sentido relacionados ao personagem que o jornalista-narrador lança mão a fim de oferecer ao leitor elementos para a construção dos próprios significados;
- d) explicitar, a partir do texto das reportagens, a posição do jornalista-narrador enquanto operador de todo o processo (que inclui a seleção do personagem, seu posicionamento no enredo, suas falas), e também como testemunha do que está narrando;
- e) problematizar a narrativa de cotidiano publicada na editoria de Geral a fim de perceber se acomoda ou instiga a transformação social.

A pesquisa será organizada de modo que o capítulo inicial apresentará o aporte teórico para a discussão da narrativa e seus elementos, entre eles o personagem, além de explicitar a metodologia que será adotada a fim de atender aos objetivos deste estudo. Para desenvolver esta etapa, serão incluídos autores

⁷ Motta (2013) utiliza este termo para designar aquele que articula a narrativa jornalística. Ao longo desta pesquisa, este termo será utilizado como sinônimo de repórter. Segundo Motta (2013, p. 109), há pelo menos três narradores (ou vozes) sobrepostos na comunicação jornalística: o veículo, o jornalista e o personagem. “No decorrer do processo de enunciação de cada assunto reportado, esses três narradores levam a cabo uma negociação simbólica e política com os outros narradores pelo poder de voz”.

que são caros à narratologia⁸, como Brait (1993), Bremond (2008), Forster (1974), Genette (2013), Motta (2013), Propp (2010), entre outros.

Já o terceiro capítulo procurará pistas de como o *Diário Gaúcho* trabalha a reportagem, a partir do pensamento de diferentes profissionais que atuam na redação do DG atualmente, e de como eles entendem o lugar do personagem na produção jornalística deste jornal. Amaral (2006) e Bernardes (2004) serão trazidos para situar a pesquisa no escopo do jornalismo popular.

O quarto capítulo será formado pela análise de dez reportagens que foram selecionadas a partir de um processo de leitura flutuante que envolveu 199 reportagens da editoria de Geral do jornal *Diário Gaúcho* que foram publicadas entre os meses de setembro e novembro de 2013, na etapa de aproximação com o objeto. Neste capítulo, serão observados elementos fundamentais na análise da narrativa: a história (as ações), os personagens, o espaço e o tempo, além dos efeitos de sentido e de real destacados pelo jornalista-narrador.

Por fim, o último capítulo será dedicado às considerações finais, elaboradas a partir dos elementos identificados na análise, cotejados com a teoria sobre o tema. Nos anexos, constarão as páginas das reportagens analisadas.

A motivação principal para a realização desta pesquisa está em contribuir com a reflexão sobre a narrativa jornalística do *Diário Gaúcho* a fim de melhorar a forma de produzi-la. Motta (2013) elenca seis razões para o estudo das narrativas, e a intenção de melhor contá-las está entre elas. Outros dois motivos apontados pelo autor também estão no horizonte desta pesquisa: o estudo da narrativa para “1) compreender quem somos, como construímos nossas autonarrações; 2) entender como representamos o mundo”. (MOTTA, 2013, p. 27).

É preciso analisar as narrativas porque cada um de nós (e nossa sociedade inteira) está recoberto por mantos superpostos de narrativas que refletem e condicionam nossas crenças e valores, nossa história e costumes, nossas leis e culturas. É preciso estudá-las porque contá-las e recontá-las dá sentido à vida humana. (MOTTA, 2013, p. 62).

⁸ De acordo com Motta (2013), o termo foi cunhado por Tzvetan Todorov, para designar a teoria e a análise da narrativa a partir de um estudo sobre a estrutura dos contos de Boccaccio, publicado em 1969, no qual ele buscava construir uma gramática universal da narrativa. “É a teoria da narrativa e os métodos e procedimentos empregados na análise das narrativas humanas. É, portanto, um campo de estudo e um método de análise das práticas culturais”. (MOTTA, 2013, p. 75).

2 A NARRATIVA E O PERSONAGEM

Em busca de condições para compreender a construção dos personagens que compõem as narrativas de cotidiano publicadas na editoria de Geral do jornal *Diário Gaúcho*, é necessário requisitar o aporte teórico nos estudos da narrativa, a fim de garantir ferramentas importantes para a realização da análise. No entanto, não é pretensão deste trabalho fazer uma revisão integral de todos os autores que se debruçaram sobre o tema, mas apresentar uma pequena síntese das ideias dos principais estudiosos, percorrendo um breve caminho a partir da origem da narrativa, desde Aristóteles, passando pelas contribuições do formalismo russo, do estruturalismo francês, sempre tendo os elementos fundamentais que sustentam a narrativa – o enredo, o tempo, o espaço, o narrador, e o personagem – no horizonte.

Na última parte deste capítulo, será apresentada a metodologia que será adotada nesta dissertação, e demonstrado o percurso metodológico desenvolvido até aqui, o que inclui a definição do *corpus* e outras decisões tomadas anteriormente à análise. A tentativa é de empreender uma metodologia criativa, aceitando a provocação de Motta (2013, p. 119) ao analista de narrativas, que “[...] deve trazer para suas abordagens e procedimentos operacionais iniciativas imaginativas – desde que elas sejam bem justificadas, coerentes em relação ao problema de pesquisa e pertinentes em relação ao objeto”.

2.1 O NARRAR E A NARRATOLOGIA

Narrar é uma prática universal que acompanha o homem (GANCHO, 2004). Desde as gravações produzidas nas pedras no tempo das cavernas, passando pelos mitos transmitidos por entre os povos ao longo das gerações, até a Bíblia, com os ensinamentos destinados ao povo cristão, todas as manifestações são narrativas. Barthes (2013, p. 19) diz que “[...] a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há em parte alguma povo algum sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos, tem suas narrativas”.

Há diversos tipos de narrativas – entre elas o cinema, o teatro, as novelas, o romance, o jornal, por exemplo. Tudo o que se conta (que é informado de maneira seriada) é narrativa. Para Motta (2013, p. 71), “Narrar é relatar eventos de interesse humano enunciados em um suceder temporal encaminhado a um desfecho. Implica,

portanto, narratividade, uma sucessão de estados de transformação responsável pelo sentido”.

A narrativa propõe uma relação de troca – entre aquele que conta e aquele que ouve, assiste ou lê – que promove o prazer do discurso. O autor avalia que todo discurso é poder que se exerce entre quem narra e quem recebe. “Isso não quer dizer que haja necessariamente uma situação de desigualdade ou uma precípua dominação política ou discursiva. Cada situação de comunicação implica uma correlação social e comunicativa própria, local, empírica”. (MOTTA, 2013, p. 19).

No verbete dedicado à narrativa no *Dicionário da Comunicação*, explica que “A narrativa é uma realização mediata da linguagem que propõe comunicar uma série de acontecimentos a um ou mais interlocutores, de modo a compartilhar experiências e conhecimentos, e alargar o contexto pragmático”. (VOGEL, 2009, p. 270). A narrativa pode contar coisas que realmente aconteceram (fática) ou histórias inventadas (ficção). Já Bal (1998) relaciona a narrativa destacando elementos como acontecimentos e atores.

Um texto narrativo será aquele em que um agente relate uma narração. Uma história é uma fábula apresentada de certa maneira. Uma fábula é uma série de acontecimentos lógicos e cronologicamente relacionados que atores causam ou experimentam. Um acontecimento é a transição de um estado a outro. Os atores são agentes que levam a cabo as ações. Não são necessariamente humanos. Atuar se define aqui como causar ou experimentar um acontecimento. A afirmação de que um texto narrativo é aquele no qual se relata uma história, implica que o texto não é a história. (BAL, 1998, p. 13, tradução nossa).

De acordo com Adam e Revaz (1996), a *Poética*, de Aristóteles, se apresenta como a primeira teorização sobre a narrativa. “A análise da narrativa é uma técnica de pesquisa relativamente nova, embora suas raízes provenham da Grécia antiga”. (MOTTA, 2013, p. 75). Para Motta (2013), a obra de Aristóteles é fundamental porque discute a imitação do real (mimese)¹, os personagens, as partes da tragédia, os efeitos provocados pela tragédia, entre outros elementos que ainda hoje servem de ponto de partida para análises de narrativas.

¹ Conforme Adam e Revaz (1996) designa a imitação ou a representação da ação. “Constitui desde então, simultaneamente um modo particular de representação (personagens agem e falam perante nossos olhos) e o objeto da representação”. (ADAM; REVAZ, 1996, p. 38). O termo mimesis foi, inicialmente, traduzido como imitação do real, mas com o aprofundamento dos estudos, a verossimilhança tornou-se mais importante. “Não cabe à narrativa poética reproduzir o que existe, mas compor as suas possibilidades”. (BRAIT, 1993, p. 31).

Com a publicação de *Morfologia do Conto Maravilhoso*, em 1928, por Vladimir Propp, surge uma nova metodologia de análise criada a partir da pesquisa de contos infantis europeus. A sistematização criada por Propp passou a ser a estrutura das narrativas. “A obra de Propp é considerada fundadora da narratologia moderna por causa do esforço dele para conferir status científico à crítica literária (até então de caráter humanista e intuitivo)”. (MOTTA, 2013, p. 76). Segundo Adam e Revaz “A chave deste livro reside na procura de constantes tanto nas personagens – reduzidas a sete tipos² –, como nas suas ações – 31 funções³”. (ADAM; REVAZ, 1996, p. 11).

A análise da narrativa nasce vinculada ao formalismo russo e ao estruturalismo antropológico e literário francês⁴, conforme Motta (2013). A narratologia passa a existir a partir do esforço dos analistas destas correntes em decompor as partes componentes das histórias narradas e estabelecer uma gramática única.

Reuter (2011, p. 10) explica que, conforme a abordagem narratológica, “as narrativas apresentam formas de base e princípios de composição comuns. São essas formas e esses princípios que constituem o objeto de pesquisa da narratologia como teoria da narrativa”. Reuter (2011) faz uma ressalva destacando que não é possível compreender tudo acerca de todas as narrativas e, sendo assim, não há descrições e análises únicas e definitivas. Há instrumentos que podem ser manejados a fim da operacionalização da análise e interpretação.

Adam e Revaz (1996) destacam que, a partir do final dos anos 1970, a narratologia passa por uma mudança. Deixa a descrição dos fatos estruturais para a valorização da comunicação.

A narratologia contemporânea volta a considerar o discurso narrativo numa perspectiva de estratégia de comunicação. O produtor, na narrativa, estrutura o seu texto em função do efeito que ele procura produzir na pessoa que o

² O agressor (ou malvado), o benfeitor (ou providente), o adjuvante, a princesa (ou personagem procurada) e seu pai, o mandatário (o que envia o herói em missão), o herói e o anti-herói.

³ São elas, segundo Reuter (2011, p. 33-35): situação inicial; afastamento; interdição; transgressão; interrogação; informação; cumplicidade; malfeito; meditação ou transição; início da ação contrária; partida; primeira função do doador; reação do herói; recepção do objeto mágico; deslocamento; combate; marca; vitória; reparação; retorno; perseguição; socorro; chegada incógnito; pretensões mentirosas; tarefa difícil; tarefa cumprida; reconhecimento; descoberta; transfiguração; casamento.

⁴ O início do estruturalismo é marcado pela publicação, na França, de uma edição da revista *Communications*, em 1966. Tratava da análise estrutural da narrativa, na busca por um modelo narrativo único, a partir de artigos escritos por teóricos como Roland Barthes, Tzvetan Todorov, Claude Bremond, A. J. Greimas, Umberto Eco, Gerard Genette, entre outros (MOTTA, 2013).

interpreta. A interpretação do leitor ou ouvinte assenta, não apenas na importância literal do texto, mas igualmente no postulado de uma intenção comunicativa do produtor-enunciador. (ADAM; REVAZ, 1996, p. 13).

Esta pesquisa busca olhar para narrativas da imprensa construídas sob a forma de reportagens de jornal impresso, voltadas ao público popular, que contem sobre a realidade.

A narrativa põe naturalmente os acontecimentos em perspectiva, une pontos, ordena antecedentes e consequentes, relaciona coisas, cria o passado, o presente e o futuro, encaixa significados parciais em sucessões temporais, explicações e significações estáveis. Faz o agenciamento dos fatos no processo de tessitura da intriga como sistema, ou composição em um todo diegético que tem princípio, meio e final, no dizer de Paul Ricoeur. (MOTTA, 2013, p. 71).

2.2 OS ELEMENTOS DA NARRATIVA

Bal (1998) destaca o pensamento de Barthes para afirmar que os textos narrativos são baseados num modelo comum, que faz com que a narrativa tenha unidade e seja reconhecida como tal. Segundo Gancho (2004), toda narrativa se estrutura sobre cinco elementos. “Sem os fatos não há história, e quem vive os fatos são os personagens, num determinado tempo e lugar” (GANCHO, 2004, p. 11), completa a lista com a presença do narrador.

O conhecimento prévio dos elementos da narrativa será de extrema importância na tarefa de dissecar as narrativas publicadas na editoria de Geral do *Diário Gaúcho*.

2.2.1 O Personagem

“Toda personagem representa um ser humano. A definição ressalta a representação das qualidades humanas, identificando a personagem como uma réplica do homem: de pessoa a persona (*dramatis personae*)”. (MOTTA, 2013, p. 172-173, grifo do autor).

Aristóteles foi o primeiro teórico a pensar o conceito de personagem, segundo Brait (1993). Observou a semelhança entre personagem e pessoa, trabalhado no conceito de *mimesis*. “Aristóteles estava preocupado não só com aquilo que é ‘imitado’ ou ‘refletido’ num poema, mas também com a própria maneira de ser do poema e com os meios utilizados pelo poeta para a elaboração de sua obra”.

(BRAIT, 1993, p. 29). Dois aspectos se mostram essenciais em sua teoria: o personagem como reflexo da pessoa humana e o personagem como construção, conforme as leis que regem o texto.

Conforme Brait (1993), ao longo do avanço das pesquisas, desde o século XVI, diversas foram as conceituações que o personagem foi recebendo, como por exemplo: um modelo a ser seguido, depois uma fonte de aprimoramento moral, um ente superior ao modelo humano, a representação do universo psicológico do seu criador, ou ainda uma projeção da maneira de ser do escritor.

A partir do século XX, E. M. Forster compreende o personagem como um dos três elementos essenciais do romance (juntamente com a intriga e a história). Essa concepção “[...] possibilita a averiguação da personagem na sua relação com as demais partes da obra, e não mais por referência a elementos exteriores, permite um tratamento particularizado dos entes ficcionais como seres de linguagem”. (BRAIT, 1993, p. 40).

Com o esforço dos formalistas russos, o personagem se distancia da relação com o ser humano e passa a ser encarado como um ser de linguagem. Para eles, há a preocupação com “[...] os elementos que concorrem para a composição do texto e com os procedimentos que organizam esse material, denominado fábula o conjunto de eventos que participam da obra de ficção, e trama o modo como os eventos se interligam”. (BRAIT, 1993, p. 43). A narrativa é, conforme esta corrente, a soma desses recursos empregados. Vladimir Propp e sua obra *Morfologia do Conto Maravilhoso* contribuíram muito para o estudo do personagem desvinculado do ser humano.

A partir da década de 1950, segundo Brait (1993), os teóricos avançaram rumo a uma concepção semiológica do personagem. Após condensar diversas pesquisas, Philippe Hamon (1970) propôs seis categorias para diferenciar os personagens por meio das suas ações. Segundo Reuter (2011, p. 42-43, grifo do autor), essas *instruções de leitura* ajudam na categorização dos personagens. Sintetiza desta maneira:

1. A *qualificação diferencial* diz respeito à natureza e à quantidade de qualificações atribuídas às personagens. São assim nomeadas e descritas, de maneira diferente, qualitativa (escolha de traços, orientação positiva ou negativa) e quantitativamente. Elas são mais ou menos antropomorfizadas, mais ou menos caracterizadas física, psicológica e socialmente. São mais ou menos apreendidas em suas relações.

2. A *funcionalidade diferencial* tem relação com o fazer das personagens: seu papel na ação, mais ou menos importante, com ou sem sucesso.
3. A *distribuição diferencial* articula o fazer e o ser, refere-se às dimensões quantitativa e estratégica das aparições das personagens: eles aparecem mais ou menos frequentemente, por mais ou menos tempo, com um papel e efeitos mais ou menos importantes.
4. A *autonomia diferencial* trabalha também o fazer e o ser, mas a partir de modos de combinação das personagens entre elas. Quanto mais importante é a personagem, mais possibilidades ela tem de aparecer sozinha em certos momentos, mais oportunidades tem de encontrar outras personagens.
5. A *pré-designação convencional* combina o fazer e o ser das personagens em referência a um determinado gênero. A importância e o status da personagem podem ser codificados por marcas genéricas tradicionais: tais traços físicos, tal ação. De repente, já na sua primeira aparição, o leitor familiar ao gênero pode categorizá-lo.
6. O *comentário explícito* diz respeito ao discurso do narrador sobre a personagem. Indica o status da personagem ou a maneira de categorizá-la: “nosso herói”, “esse indivíduo sinistro” etc.

Candido (2011, p. 53-54) destaca que “Enredo e personagem exprimem, ligados, os intuítos do romance, a visão da vida que recorre dele, os significados e valores que o animam.” Ele coloca que o personagem é o elemento mais atuante da narrativa, mas só adquire essa potência no contexto. Também faz um tipo de classificação dos personagens:

1. Personagens transpostas com relativa fidelidade de modelos dados ao romancista por experiência direta – seja interior (personagem projetada na qual o escritor incorpora sua vivência), seja exterior (transposição de pessoas com as quais o romancista teve contato direto).
2. Personagens transpostas de modelos anteriores que o escritor reconstituiu indiretamente – por documentação ou testemunho, sobre os quais a imaginação trabalha.
3. Personagens construídas a partir de um modelo real, conhecido pelo escritor, que serve de eixo, ou ponto de partida. O trabalho criador desfigura o modelo, que pode se identificar.
4. Personagens construídas em torno de um modelo, direta ou indiretamente conhecido, mas que apenas é pretexto básico, um estimulante para o trabalho de caracterização, que explora ao máximo as suas virtualidades por meio da fantasia, quando não as inventa de maneira que os traços da personagem resultante não poderiam convir ao modelo.
5. Personagens construídas em torno de um modelo real dominante, que serve de eixo, ao qual vêm juntar-se outros modelos secundários, tudo refeito e construído pela imaginação.
6. Personagens elaboradas com fragmentos de vários modelos vivos, sem predominância sensível de uns sobre os outros resultando numa personalidade nova.
7. Há, ainda, os personagens cujas raízes desaparecem de tal modo na personalidade fictícia resultante que, ou não tem qualquer modelo consciente, ou os elementos eventualmente tomados à realidade não podem ser traçados pelo próprio autor. Nestes casos, as personagens obedecem a certa concepção de homem, a um intuito simbólico, a um impulso indefinível, ou quaisquer outros estímulos de base, que o autor corporifica, de maneira a supormos uma espécie de arquétipo que, embora

nutrido da experiência de vida e da observação, é mais interior do que exterior. (CANDIDO, 2011, p. 71-73).

A partir da obra de Bourneuf e Ouellett (apud BRAIT, 1993, p. 48-51, grifo do autor) cita quatro funções possíveis desempenhadas pela personagem no universo fictício:

- Elemento decorativo: a personagem, se está no romance, desempenha uma função, pois pode constituir um traço de cor local, ou um número indispensável à apresentação de uma cena em grupo.
- Agente da ação: cada momento da ação representa uma situação conflitual (personagens perseguem-se, aliam-se, defrontam-se). Os estudos de Souriau e Propp indicam seis categorias do agente da ação: *condutor da ação* (personagem que dá o primeiro impulso à ação), *oponente* (personagem que possibilita a existência do conflito), *objeto desejado* (força de atração, fim visado), *destinatário* (personagem beneficiário da ação), *adjuvante* (personagem auxiliar, ajuda ou impulsiona uma das outras forças), *árbitro, juiz* (personagem que intervém em uma ação conflitual a fim de resolvê-la).
- Porta-voz do autor: a soma das experiências vividas e projetadas por um autor em sua obra. A personagem seria uma amálgama das observações e das virtualidades de seu criador.
- Como ser fictício: a personagem é situada dentro da especificidade do texto, considerando a sua complexidade e o alcance dos métodos utilizados para apreendê-la.

Para Reuter (2011, p. 41), “As personagens têm um papel essencial na organização das histórias. Elas permitem ações, assumem-nas, vivem-nas, ligam-nas entre si e lhes dão sentido. De certa forma, toda história é história de personagens”. Gancho (2004) destaca que o personagem é quem realiza a ação.

Diversos autores fizeram a classificação dos personagens de acordo com suas características e ações. Forster (1974) divide os personagens entre *planas* (giram em torno de uma ideia dominante, sem profundidade psicológica) e *redondas* (complexas, multidimensionais, reúnem várias características, mostradas em diferentes contextos). O personagem plano pode ser *tipo* (tem características típicas, invariáveis, quer sejam elas morais, sociais, econômicas, ou de qualquer outra ordem) ou ser *caricatura* (reconhecido por características fixas e ridículas, está presente em histórias de humor).

Do ponto de vista dos estudos da narratologia, revela Motta, o “[...] personagem é uma construção estratégica do narrador para provocar certas impressões, sentimentos, identificações ou rejeições no receptor ou audiência a respeito do personagem”. (MOTTA, 2013, p. 195).

Na análise dos papéis dos personagens, Reuter (2011) opta pelo caminho traçado por Claude Brémond, que propôs que os papéis sejam analisados a partir de três posições fundamentais: o *paciente* (papel de base), o *agente* (exerce a ação) e o *influenciador* (intervém antes da ação).

Esse modo de análise permite dessa forma estudar os papéis sucessiva ou alternadamente, assumidos pelas personagens e o sentido de suas transformações. Isso pode fundamentar apreciações psicológicas sobre tal ator: ativo, passivo, volúvel. (REUTER, 2011, p. 49).

Forster (1974, p. 33) classifica o protagonista como o tópico mais interessante. “Não precisamos perguntar o que aconteceu, mas sim, a quem aconteceu. O romancista estará recorrendo à nossa inteligência e imaginação, não simplesmente à nossa curiosidade”. Forster (1974) chama de massas verbais suas personagens (uma vez que podem ser criadas em sua mente), pois trabalha o romance. No jornalismo, os personagens poderiam ser vistos como massas humanas.

2.2.2 O Enredo

O enredo é o conjunto de fatos, de acontecimentos de uma história. E os acontecimentos estão sempre relacionados com os personagens que participam deles, ou são atingidos por eles, afinal “[...] não existe uma só narrativa no mundo sem personagens.” (BARTHES, 2013, p. 44). Forster (1974, p. 69) define a história como “[...] uma narrativa de acontecimentos dispostos em sua sequência no tempo. Um enredo é também uma narrativa de acontecimentos, cuja ênfase recai sobre a causalidade”. Para Gancho (2004) o enredo pode ser chamado ainda de intriga, ação, trama, fábula.

Adam e Revaz (1996) pensam a narrativa como a representação de ações. Os autores esclarecem que a ação necessita da presença de um agente, que provoca a mudança (ou tenta evitá-la) e o acontecimento é desencadeado sem a intervenção de nenhum agente, ocorre sob o efeito de causas. Bal, por sua vez, define acontecimento como “[...] a transição de um estado a outro que causam ou experimentam os atores”. (BAL, 1998, p. 21, tradução nossa).

Em relação ao enredo, é fundamental observar o elemento que articula as partes da narrativa e prende a atenção do leitor: a intriga, o conflito – é o motor da

história, conforme Motta. “Sem intriga não há estória, sem estória não há narração, e sem narração, a análise da narrativa não é possível”. (MOTTA, 2013, p. 99). Gancho explica (2004 p. 13): “O conflito se define pela tensão criada entre o desejo da personagem principal (isto é, sua intenção no enredo) e alguma força opositora, que pode ser uma outra personagem, o ambiente, ou mesmo algo do universo psicológico”. As partes do enredo são determinadas pelo conflito.

Gancho (2004, p. 13-14, grifo do autor) divide da seguinte forma:

- *Exposição*: coincide com o começo da história, no qual são apresentados os personagens, os fatos iniciais⁵. É a parte que situa o leitor diante da história. Fica clara a intenção do enredo, vinculada ao desejo/necessidade do personagem principal.
- *Complicação*: é a parte do enredo na qual se desenvolve o conflito. É a maior parte da narrativa, na qual agem forças auxiliares e opositoras ao desejo do personagem, que intensificam o conflito.
- *Clímax*: é o momento de maior tensão, no qual o conflito chega a seu ponto máximo. É referência para outras partes do enredo, que se organizam em função dele.
- *Desfecho*: é a conclusão da história, a solução dos conflitos (final feliz ou não).

Embora avalie que o conflito seja pouco valorizado pelos autores da narratologia, Motta (2013, p. 167) considera que “[...] o conflito dramático é o *frame cognitivo* (enquadramento, perspectiva, ponto de vista) através do qual o narrador organiza a difusa e confusa realidade que pretende relatar”. Segundo Motta (2013), os conflitos narrados se originam de conflitos sociais e psicológicos, de origem econômica, política, entre outros. “É ele que dispõe as ações e as personagens na estória. É ele que tece a trama através do relato dos incidentes, peripécias, rupturas, descontinuidades, transgressões ou anormalidades”. (MOTTA, 2013, p. 169).

Reuter (2011) sintetiza um modelo (usado por Greimas e outros teóricos) que facilita a compreensão da intriga: a narrativa é a transformação de um estado inicial em um estado final. A transformação que ocorre na narrativa começa a partir de uma complicação, algo que movimenta a história. A partir de então, sucedem uma série de ações, até que um novo elemento, a resolução, encerra as ações, dando origem a um novo estado, que perdurará até a ocorrência de uma nova complicação, reiniciando o ciclo.

⁵ Aparecem os elementos constituintes da situação inicial. Conforme Adam e Revaz (1996): circunstâncias (tempo e lugar) e componentes (agentes e acontecimentos). Esses quatro elementos coincidem com os elementos do *lead* jornalístico: Quando? Onde? Quem? O quê?

O ponto de virada, que também é parte do enredo, pode ser visto a partir de ações que modificam fundamentalmente a história. “Grandes transformações (transgressão, inversão, ruptura, por exemplo) são sequências narrativas que indicam sucessões e transformações maiores, e o conjunto das sequências, a estória”. (MOTTA, 2013, p. 144).

2.2.3 O Tempo

O tempo é um dos elementos fundamentais porque, conforme Schüler (1989) é o tempo que organiza o narrado (a história em si), é o pano de fundo do enredo. Bal (1998) vê os acontecimentos como processos e como tais eles ocorrem mediante uma sucessão de tempo ou uma cronologia. Ao tratar do tempo na narrativa, Forster (1974) faz uma conexão com a vida cotidiana: o jantar depois do almoço, a terça-feira depois da segunda, e assim por diante, outras ações seguidas. “Parece haver algo mais na vida além do tempo, algo que pode, convenientemente, ser chamado ‘valor’, mensurável não por minutos ou horas, mas pela intensidade”. (FORSTER, 1974, p. 21). Conforme Forster (1974), o mérito da história está em fazer com que a audiência queira saber o que se passa depois e nisso também há o sentido de tempo.

Para Reuter (2011) a principal razão do tempo na narrativa é fazer a fixação realista (ou não) da história. “Quanto mais precisas elas forem, em harmonia com aquelas que regem nosso universo, mais remeterão a um saber que funciona fora do romance e mais participarão, com outros procedimentos, da construção do efeito do real”. (REUTER, 2011, p. 56-57).

Já Gancho (2004) destaca que o tempo pode determinar a época em que se passa a história (história acontece no tempo). Nem sempre, porém, o tempo da narrativa coincide com o tempo real em que a história foi escrita. Também determina a duração da narrativa (história ocupa tempo). A narrativa pode ocorrer num curto período ou durante anos, séculos, por exemplo. E o tempo organiza a história (desenrola-se temporalmente). O que pode ser de forma cronológica, na ordem natural dos fatos, pode ser mensurável em horas, dias, meses, anos, ou não. A autora cita ainda o tempo psicológico “[...] que transcorre numa ordem determinada pelo desejo ou imaginação do narrador ou das personagens, isto é, altera a ordem

natural dos acontecimentos”. (GANCHO, 2004, p. 25). Um exemplo é o flashback (volta no tempo).

Adam e Revaz (1996) destacam a temporalidade externa (data da produção do texto, da publicação, da leitura) e a temporalidade interna (o tempo próprio da história). Há a duração do narrante (o texto propriamente dito) e a duração do narrado (da história). “A narrativa pode demorar-se sobre uma parte da vida de uma personagem e, igualmente, saltar anos ou resumi-los em algumas linhas”. (ADAM; REVAZ, 1996, p. 57).

No texto, é interessante observar, há diferentes referências de tempo. Os autores Adam e Revaz (1996) citam exemplos. A referência temporal absoluta pode ser histórica (Sábado, 6 de julho de 1996), ou vaga (uma vez, no futuro). Já como referência temporal relativa, há a possibilidade de aparecer enunciado (na véspera, nessa manhã), ou numa situação (ontem, ao fim da tarde).

Pelo caráter de atualidade da narrativa fática, geralmente a indicação de temporalidade mais comum é o ontem (mas o jornalista-narrador também se apoia em outros organizadores temporais⁶). Ao recuperar informações sobre os personagens, ele pode recorrer ao passado, ou fazer a projeção do futuro. Outra característica da narrativa fática (jornalística) é a dificuldade para respeitar a linearidade temporal: na maioria das vezes, a história é contada a partir do desfecho, do ponto alto. A partir de então, o jornalista-narrador percorre o caminho inverso, buscando contextualizar e explicar o que ocorreu com o personagem durante o desenrolar da narrativa até o ponto alto, descrito na abertura do texto.

2.2.4 O Espaço

É o lugar onde se passam as ações. Sua função é “[...] situar as ações das personagens e estabelecer com eles uma interação, quer influenciando suas atitudes, pensamentos, emoções, quer sofrendo eventuais transformações provocadas pelos personagens”. (GANCHO, 2004, p. 27). A narrativa pode detalhar o espaço, atribuir-lhe características (cidade grande, zona rural, por exemplo). Da

⁶ “Os índices temporais sobre os quais nos apoiamos são várias ordens: indicações temporais absolutas mais ou menos precisas, indicações relativas à situação de fala ou de escrita (‘aqui’ e ‘agora’ contextuais), indicações temporais relativas ao contexto, isto é, referenciadas umas em relação às outras na linearidade do enunciado.” (ADAM; REVAZ, 1996, p. 57).

mesma forma que o tempo, o espaço colabora para a construção do efeito de real (ou não), a veracidade da história.

Bal (1998) observa que o lugar tem função social (e pode ajudar a definir um personagem, indicar sua classe social, por exemplo). Observa que a interpretação a ser feita acerca do lugar onde os acontecimentos ocorrem depende das referências de cada leitor, daquilo que ele conhece. “Um espaço consiste num marco fixo, esteja ou não tematizado, dentro do qual tem lugar os acontecimentos. Um espaço de funcionamento dinâmico é um fator que permite o movimento dos personagens”. (BAL, 1998, p. 104, tradução nossa).

Reuter (2011, p. 51-52) trabalha a análise do espaço na narrativa a partir de quatro eixos:

- As categorias de lugares convocados: correspondentes ao nosso mundo (ou não), exóticas ou não, urbanas ou rurais etc.
- O número de lugares convocados: um só lugar, vários lugares.
- O modo de construção dos lugares: explícito ou não, detalhado ou não, facilmente identificável.
- A importância funcional dos lugares: simples moldura, elemento determinante em diferentes momentos do desenrolar da história.

2.2.5 O Narrador

Segundo Reuter (2011), o narrador possui duas funções: uma delas é narrativa, pois ele conta e evoca um mundo, e a outra de direção, pois tem a missão de organizar a história, fazer descrições e mediar as falas dos personagens. No modo mostrar, a impressão que se tem é de que a história é apresentada de maneira que vemos seu desenrolar com nossos próprios olhos. Já no modo contar, fica evidente a mediação.

“Esse modo, o do contar (também chamado de *diegese*), é sem dúvida o mais frequente na nossa cultura, das epopeias às notícias de jornal, passando pelos romances”. (REUTER, 2011, p. 60, grifo do autor). No caso da narrativa jornalística, o narrador sempre é visível pelo fato de que seu nome (acompanhado do endereço de e-mail, no caso do *Diário Gaúcho*) é assinado no topo da narrativa. Outra característica deste tipo de narrador é o uso de cenas e de falas dos personagens. Reuter (2011) acrescenta que as falas são mediadas pelo relato do narrador: ou resumem um discurso sem recuperar o conteúdo e a forma (falas narrativizadas), ou no modo de discurso indireto (registro da fala sob a influência do narrador) e

discurso indireto livre (o narrador reproduz indiretamente a fala do personagem e também o que não fala, mas pensa). Motta (2013, p. 159) ressalta que existe

[...] uma relação social e cultural entre um narrador e um destinatário (ou um meio de comunicação e seu público ou audiência) em uma situação de comunicação concreta entre sujeitos vivos, interlocutores ativos que têm objetivos e intenções de coconstruir o sentido (em relações de cooperação ou de conflito, se houver assimetria entre eles).

Há outras situações nas quais se percebe o modo narrativo do mostrar (mimese), que tem o objetivo de “[...] dar ao leitor a impressão de que a história se desenrola, sem distância, diante dos seus olhos, como se ele estivesse no teatro ou no cinema. Constrói-se, assim, a ilusão de uma presença imediata”. (REUTER, 2011, p. 60). Na narrativa jornalística, esse tipo de narrador é localizado quando o texto privilegia a descrição de ambientes, de feições dos personagens e de cenas, por exemplo.

O princípio da objetividade colabora para que o narrador procure tornar a narração menos aparente, como se o leitor não dependesse da mediação. As falas dos personagens aparecem sem a mediação do narrador, como se fossem pronunciadas diretamente dos personagens e reproduzidas para o leitor.

Schüler (1989) acrescenta mais um elemento: “O narrador pode ver os acontecimentos de perto ou à distância, pode penetrar na psique das personagens ou restringir-se a observar fisionomias, gestos, acompanhar os acontecimentos no seu efeito exterior”. (SCHÜLER, 1989, p. 26).

2.3 A NARRATIVA JORNALÍSTICA

A narrativa jornalística, conforme exemplifica Motta (2013) pode configurar-se numa única reportagem ou numa notícia de interesse humano, tragédias pessoais, fatos inusitados, cuja estrutura se parece com a do conto (e pode ser estudada como qualquer narrativa de ficção). “Toda notícia é uma narrativa, sejam notícias *hards* (importantes) ou *softs* (leves ou interessantes). Ambas são narrativas sobre a realidade e utilizam-se de diversos valores culturais para contar uma história”. (AMARAL, 2006, p. 70, grifo do autor).

Para Motta (2013), as notícias do dia a dia, as *hard news* produzidas com linguagem direta e objetiva, a partir do *lead* jornalístico, oferecem maior dificuldade no caso de serem tomadas como narrativas. Pontua que este tipo de texto “[...] não tem a pretensão de encadear sequências integrais nem de compor a intriga no sentido integral do termo” (MOTTA, 2013, p. 96), daí a dificuldade de encará-lo como narrativa porque trata-se de um texto fragmentado e inconcluso.

Um ponto de tensão evidente no pensamento do autor está justamente no papel do jornalista: “Jornalistas não contam histórias, reproduzem fielmente a realidade como um espelho, diz o jargão da profissão. Em princípio, não há nenhuma semelhança entre esse estilo duro e as expressões poéticas, como os contos, filmes ou romances”. (MOTTA, 2013, p. 96). Ao partir do pressuposto de que as narrativas de cotidiano publicadas na editoria de Geral do jornal *Diário Gaúcho* são centradas em personagens – construídos a partir do contato com pessoas reais, que habitam os espaços os quais os jornalistas percorrem para, posteriormente retratar o universo das classes populares de Porto Alegre e da Região Metropolitana, a partir dos relatos dessas pessoas ou das ações que elas realizam – já existem elementos suficientes para considerar as reportagens deste jornal narrativas, que podem ser analisadas como tais.

A recorrente presença de personagens, conflitos e cenários de um assunto nas páginas e telas confere a eles certa unidade, e continuidade e nos autoriza a unir as partes, recompor o acontecimento-intriga temático, como o leitor faz. Com essa retessitura da intriga aparecerá uma ordem narrativa lógica, como um enredo. Aparecem o significado orgânico de cada episódio, os conflitos estruturantes, os papéis dos agentes, heróis, vilões, adjuvantes. Surge uma representação (mimese) mais tangível que fará surgir também a moral da história (as metanarrativas de fundo). A história jornalística se revela então na sua totalidade. (MOTTA, 2013, p. 98).

Motta (2013, p. 194-195) dá pistas de como o analista deve empregar sua metodologia:

O caminho da análise é priorizar a regra da oposição ou do conflito, elemento estruturador da intriga de uma maneira mais evidente que em outras narrativas. Rastreado o conflito principal e os conflitos secundários do noticiário a respeito de determinado episódio (de um acontecimento-intriga), fica mais fácil observar as relações de enfrentamento nas quais estão envolvidas as personagens, identificar suas motivações e manifestações, suas condutas, ações e papéis na história. Aparecerão com maior facilidade a figura do protagonista, a do antagonista (pessoas ou instituições), o mocinho e o bandido, ou o herói e o vilão. E em consequência, surgirá quem são os adjuvantes de um lado ou de outro lado. Pode-se então identificar as partes em conflito, a evolução da história e seu

epílogo, quais forças políticas, econômicas, religiosas ou psicológicas estão envolvidas e como. Pode-se visualizar forças éticas, morais ou ideológicas as mantêm, como evoluem na estória e como se restabelece o equilíbrio, se for o caso. Tomando-se o conflito como ponto de partida, pode-se estudar a intriga e suas personagens a partir de uma perspectiva pragmática.

2.4 PERCURSO METODOLÓGICO

Dez reportagens publicadas na editoria de Geral entre os meses de setembro e novembro do ano de 2013 foram selecionadas para a realização desta pesquisa. Até a definição do *corpus*, foi realizado um percurso metodológico extenso, que contou com a leitura flutuante de 199 reportagens do *Diário Gaúcho* colhidas em três meses e, posteriormente, a identificação de categorias descritas longamente na produção do texto submetido ao exame de qualificação e apresentado ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, em junho de 2014.

Naquela etapa, o agrupamento das reportagens a partir de características comuns entre seus personagens resultou numa classificação própria, de certa maneira ainda dissociada do aparato teórico necessário para o estudo da narrativa, e nomeada da seguinte forma: *personagem-protagonista* (a ação do personagem é a notícia, atua em histórias positivas, inspiradoras, é o herói⁷ da narrativa), *personagem que ilustra uma situação-problema* (sofre os efeitos de alguma ação e reage, torna público um drama pessoal, ilustrando estatísticas), *personagem-matéria* (é central na história, a reportagem não existiria sem a participação dele, embora não desempenhe nenhuma ação ou participe de conflito específico), *personagem-testemunha* (vê o fato e o descreve, embora não seja participante dele) e, por fim, as *reportagens sem personagem* (recurso utilizado no desenvolvimento de pautas com temas técnicos ou de abordagem difícil⁸, por exemplo).

O processo de amadurecimento da metodologia a ser adotada nesta dissertação permitiu determinar não apenas o *corpus* de dez reportagens, mas

⁷ Brait (1993, p. 88-89) define herói como “protagonista de uma narrativa. Personagem que recebe a tinta emocional mais viva e mais marcada numa narrativa. Suporte para um certo número de qualificações e funções que o distinguem como a personagem principal de uma determinada narrativa.” Já Martinez (2008, p. 42) sugere que “o herói seja entendido como uma pessoa que, por um determinado motivo – seus feitos, seu valor ou sua magnanimidade –, seja escolhida para ser o protagonista de uma história de vida.” Nas reportagens do *Diário Gaúcho*, na maioria das vezes, a essas características do herói é somada a qualidade de quem realiza um feito, supera adversidades.

⁸ Como, por exemplo, vítimas de violência sexual, devedores anônimos, ou reportagens de temas técnicos como a crise econômica mundial.

também definir os elementos fundamentais a serem investigados nas narrativas jornalísticas, tendo o personagem como foco principal.

Na definição do *corpus*, foram elencadas reportagens da editoria de Geral, e excluídas da análise as produções especiais, de fôlego, por não serem tão frequentes e representativas da reportagem diária clássica deste jornal. Também foram descartadas da amostra as reportagens produzidas por mim durante o período de coleta, na tentativa de assegurar o distanciamento necessário do objeto de estudo com o qual possuo vínculo de trabalho.

A proposta apresentada não prevê a coleta de informações adicionais de bastidores com os autores das reportagens a fim de complementar a descrição do processo de construção das narrativas. O personagem (suas conexões na história e com o leitor) será visto apenas a partir do texto publicado no jornal (a recepção também não será considerada na análise, embora o texto só se torne obra na interação com o receptor, segundo Motta). A decisão ocorre no esforço de promover o distanciamento suficientemente seguro entre a pesquisadora e o objeto de pesquisa.

A realização de entrevistas com três jornalistas que atuam na redação do *Diário Gaúcho* atualmente – a editora da Geral, Lis Aline Silveira (que foi repórter da mesma editoria), a repórter Aline Custódio, que atua na Geral, e o editor-executivo Felipe Bortolanza, que viveu recentemente a experiência de editor da Geral até 2013 – dará conta de preencher lacunas que a análise suscitar. O que se pretende na entrevista aberta⁹, nas conversas informais, sem um script determinado, com estes profissionais é compreender como o jornal vê na atualidade o personagem como elemento da reportagem deste jornal popular e de que maneira ele é construído na rotina produtiva.

2.4.1 Em Busca de um Método de Análise

Ao sugerir uma série de movimentos interpretativos em relação à narrativa, Motta adverte que “Cada análise da comunicação narrativa segue um caminho próprio e individual”. (MOTTA, 2013, p. 133). Para Motta (2013), alguns analistas podem esgotar os procedimentos narrativos e extrair conclusões mais amplas.

⁹ De acordo com Medina (2008, p. 11), “[...] o centro do diálogo se desloca para o entrevistado; ocorre liberação e desbloqueamento na situação inter-humana e esta relação tem condições de fluir; atinge-se a auto-elucidação”.

Outros, porém, utilizam de maneira parcial os procedimentos de análise a serviço de seus objetivos específicos, dedicando mais atenção aos aspectos da narrativa que pretendem privilegiar – como é o caso desta pesquisa, que quer olhar com mais atenção para a construção do personagem.

Antes de indicar como a análise será conduzida e os procedimentos metodológicos que foram empreendidos até aqui, é importante destacar que as narrativas selecionadas como *corpus* desta pesquisa serão examinadas na instância analítica do plano da estória (ou conteúdo), conforme modelo de divisão previsto por Motta (2013)¹⁰. “O foco está na sequência das ações, encadeamentos, enredo, intriga, conflito, cenários, personagens seus papéis ou funções”. (MOTTA, 2013, p. 135). Motta (2013), no entanto, que esta instância depende do plano da expressão (discurso, linguagem) porque sem ele não é possível identificar as intenções comunicativas:

O jornalismo utiliza certas expressões para produzir o efeito de ironia. Pistas de ironia são constantemente encontradas no discurso das notícias e imprimem à narrativa jornalística efeitos diferentes do efeito real originalmente declarado. A hipérbole é outra figura de linguagem fartamente usada na retórica jornalística – basta observar as manchetes. Seu uso exacerba e enfatiza os fatos, produzindo o efeito surpresa, do espanto, da incredulidade, etc. É nesse plano, portanto, que a análise pode identificar os usos estratégicos da linguagem para produzir determinados efeitos de sentido, tipo comoção, medo, riso, etc. (MOTTA, 2013, p. 136).

Já o plano da estória “É o plano virtual da significação, em que uma realidade referente é evocada pelo texto narrativo através de sequências de ações cronológicas e causais desempenhadas por personagens, estruturando uma intriga (enredo ou trama)”. (MOTTA, 2013, p. 137). É previsto, portanto, que os dois planos se cruzem durante o trabalho analítico porque um plano não existe sem a participação do outro e ambos são interdependentes, conforme o pensamento do autor. Em contato com o objeto, será possível observar as intenções do jornalista-narrador, os elementos que compõem o enredo, as características dos personagens, sua funcionalidade no transcorrer da história, os conflitos, entre outras unidades.

Serão adotados alguns procedimentos da metodologia sugerida por Motta (2013), como por exemplo, identificar (a partir de leituras e releituras das reportagens) os encadeamentos básicos da narrativa em análise, como o enredo funciona, o início, o meio e o fim. “Uma análise da comunicação narrativa só pode

¹⁰ Sugere que as narrativas sejam estudadas além desta em outras duas instâncias: plano da expressão (linguagem ou discurso) e plano da metanarrativa (tema de fundo).

ser realizada quando se conhece muito bem a estória integral e o enredo no qual se estrutura”. (MOTTA, 2013, p. 140). No caso das histórias que não se encerram numa mesma reportagem, haverá a análise de mais de uma reportagem sobre o mesmo tema, a fim de reconstituir a totalidade da história.

O analista precisa decompor e recompor a estória com rigor e identificar suas partes componentes, as sequências básicas, os pontos de virada ou inflexões essenciais, os limites dos episódios parciais, as conexões entre eles, os conflitos principais e secundários, o protagonista e o antagonista principais e seus adjuvantes, como o enredo organiza a totalidade, e assim por diante, a fim de compreender como o narrador compôs a estória na situação de comunicação. (MOTTA, 2013, p. 141).

Os pontos de virada¹¹ serão de extrema relevância porque são ações que modificam a história e devem ser analisados como tais. Da mesma forma, o exame das reportagens terá a incumbência de localizar o uso de recursos de linguagem pelo jornalista-narrador para criar efeitos de real (atualidade, referencialidade geográfica, naturalização do discurso, convencimento do leitor de que o texto é uma representação fiel do mundo e da realidade, o uso de citações para demonstrar que são pessoas reais que falam, sem a interferência do jornalista-narrador) e efeitos de sentido (comoção, medo, riso) na história.

Num segundo movimento, assumo o pressuposto que Motta considera de que “[...] a narrativa é utilizada para atrair, seduzir, persuadir, convencer, obter resultados, efeitos de sentido, satisfazer a um desejo e a um projeto discursivo do narrador”. (MOTTA, 2013, p. 147). Assim, no caso do observável desta pesquisa – as reportagens de cotidiano publicadas na editoria de Geral do *Diário Gaúcho* – é esperado que se encontre as intencionalidades (conscientes ou não) do jornalista-narrador na feitura da reportagem. Até porque o objetivo final do jornal é garantir a circulação do produto, e isso pode ser alcançado por meio de estratégias empregadas na construção das reportagens, a fim de promover a identificação do público com o conteúdo que produz. Na análise, os componentes da narrativa “[...] precisam ser compreendidos como artifícios, truques, artimanhas estratégicas da comunicação narrativa”. (MOTTA, 2013, p. 147).

Motta (2013) chama atenção, a partir do pensamento de Paul Ricoeur, para a necessidade de compor a intriga para “[...] fazer surgir o universal do singular, o

¹¹ Ao citar o roteirista norte-americano Syd Field, Motta (2013) traz os *plot points* como sinônimo de pontos de virada, ou seja, eventos que revertem a narrativa para outra direção, movem a história.

necessário ou verossímil do episódico”. (MOTTA, 2013, p. 148). Desta maneira, será possível encontrar nas narrativas pontos de conexão, que aproximam os leitores.

Há diversos autores que trabalham com a configuração da intriga. A partir da ótica dos estruturalistas, as sequências-tipo aparecem para orientar o foco no desenrolar da história. Entre os modelos apresentados por Motta (2013), o de Paul Larivaille é o que parece mais aplicável à narrativa de cotidiano do DG, 1) situação inicial; 2) perturbação; 3) transformação; 4) resolução; 5) situação final. É importante ressaltar que nem todas as reportagens observam essa sequência-tipo e, portanto, este aprofundamento não será possível em todas as narrativas.

Outro ponto que merecerá atenção durante o exame das reportagens será o de identificar a funcionalidade dos episódios de suspense (produção de efeito de sentido) e como aparece a linha de tensão na narrativa (do desenrolar da história até o clímax, o desfecho). Se os jornalistas-narradores utilizam o artifício do suspense para retardar a conclusão da história, capturar a atenção do leitor até o fim da narrativa, gerando a motivação para que ele queira saber o que acontece depois.

Identificar os conflitos dramáticos da história é o passo seguinte que será dado no desenvolvimento da análise. “Ao serem identificados enquanto projeto discursivo de apreensão e organização da difusa e confusa realidade, sua percepção orienta e guia os procedimentos posteriores, esclarecendo as astúcias enunciativas e os efeitos de sentido”. (MOTTA, 2013, p.167). Motta (2013) observa ainda que os conflitos narrados se originam em conflitos sociais e psicológicos, de ordem econômica, política, ideológica ou religiosa, por exemplo. “O conflito dramático é o frame estruturador fundamental de qualquer narrativa porque é ele que dispõe as ações e as personagens na história”. (MOTTA, 2013, 169).

Pelo fato de haver sempre pelo menos dois lados em um conflito, com interesses opostos, é esperado o uso da imparcialidade, que se baseia no princípio da escuta dos dois lados. Uma pista do que será possível encontrar está num dos princípios do jornalismo: a voz do reclamante em oposição à voz do reclamado – ou seja, a apresentação de um problema e o devido contraponto, a fala da fonte popular, e a fala da fonte oficial. O jornalista-narrador coloca

[...] uns contra os outros e tece astuciosamente as intrigas, a fim de manter a narrativa aquecida e atraente para o destinatário. Quem escuta, vê ou lê os relatos pode efetuar uma rápida conjectura sobre temas secundários e deduzir os significados profundos. (MOTTA, 2013, p. 171-172).

O movimento mais importante a ser realizado durante a análise diz respeito ao personagem. A realização das etapas anteriores é fundamental para que sejam compreendidos os demais elementos (como, por exemplo, a história, o conflito) e com maior clareza possa ser analisada a construção do personagem, figura central na narrativa. Motta (2013) observa que muitas análises concentram-se na construção do personagem, no dinamismo e no discurso dele. O personagem é uma figura fabricada pelo discurso, e que não deve ser confundida com uma pessoa real. “Um analista da narrativa jornalística precisa manter em mente que as personagens que as notícias relatam habitam a realidade da própria narrativa, assim como nas narrativas realistas da biografia e do documentário”. (MOTTA, 2013, p. 190).

O foco da análise do personagem da narrativa jornalística¹² é identificar o que ele faz como figura construída, como o relato jornalístico construiu esse personagem e seu papel na narrativa. Portanto, não é possível dissociar o personagem do narrador: ele é resultado de escolhas do jornalista-narrador, que, por sua vez, tem o leitor do jornal como alvo. “É ele quem impõe força à personagem, que a faz mover-se na estória, que a transforma em um sujeito simpático ou antipático, que lhe impõe ciladas, conquistas, derrotas, prêmios, etc.”. (MOTTA, 2013, p. 177). É a intencionalidade do jornalista-narrador que determina se uma fala do personagem é destacada, se uma característica é evidenciada ou apagada. Cabe a ele até mesmo selecionar o personagem que será o ator a realizar coisas na progressão da narrativa, conforme Motta (2013).

É fundamental considerar “[...] a questão da identificação do leitor ou do público com a personagem da estória, completando o círculo hermenêutico pessoa-persona-pessoas”. (MOTTA, 2013, p. 187). Há casos em que a identificação com o personagem pode servir para motivar uma mudança de vida, provocar a reflexão, ou até mesmo elevar a autoestima do leitor.

Interessa à análise pragmática identificar as razões estratégicas pelas quais a personagem possui esta ou aquela qualidade ou defeito, principalmente porque ela age de uma ou outra maneira na estória, como resultado da premeditação enunciativa do narrador. Dessa maneira, o analista deve sempre relacionar as artimanhas do narrador com as possíveis interpretações por parte da audiência. É assim que se move a análise pragmática da narrativa. (MOTTA, 2013, p. 177).

¹² Motta (2013) alerta que o analista não examinará a realidade, mas uma narrativa a respeito da realidade. O objeto é a versão e não a história.

Cabe observar o uso de designantes dos personagens (profissão, por exemplo), assim como outras escolhas nos atos de fala do jornalista-narrador: *idoso, a menina, a vítima*, recursos para referenciar os personagens e produzir efeitos de real, além das falas atribuídas aos personagens. A análise ainda indicará, sem maior aprofundamento, se os personagens são redondos ou planos. Do ponto de vista da ação, a partir do modelo de Brémond (2013), serão apontados como agentes (interfere antes da ação e influencia o estado de equilíbrio) ou pacientes (é principal, sofre efeitos de alguma ação e reage).

Por fim, a análise deverá contemplar a localização da *moral da história*. Para Motta (2013), a partir da narrativa, o leitor pode apreender algo sobre si mesmo e sobre a realidade, é uma oportunidade de experimentar o mundo. A sugestão do autor é de que o analista faça o mesmo percurso que o leitor, porém com menos espontaneidade.

Mesmo a narrativa jornalística, por mais que se pretenda isenta e imparcial, é também fortemente determinada por um modelo consuetudinário ético. Os jornalistas só destacam certos fatos da realidade como notícia porque esses fatos transgridem algum preceito jurídico, ético ou moral, algum consenso cultural. A notícia representa sempre uma ruptura em relação a algum significado estável. Nenhuma notícia está nas páginas e telas sem que haja uma razão ética ou moral que justifique o seu relato. (MOTTA, 2013, p. 206).

3 O DIÁRIO GAÚCHO E A REPORTAGEM

Este capítulo pretende recuperar brevemente alguns caminhos percorridos pelo jornalismo popular – contexto no qual está inserido o jornal *Diário Gaúcho* – desde quando era sinônimo da ideia de sensacionalismo, passando ao que há autores chamando atualmente de jornais populares de qualidade¹. Está prevista uma descrição detalhada do jornalismo produzido pelo DG, às vésperas de completar 15 anos de história, tendo a prática da reportagem, o personagem e sua construção como horizonte.

Para além dos estudiosos do jornalismo e da narrativa, foram ouvidos em entrevistas três profissionais que atuam na redação do *Diário Gaúcho* na atualidade – a repórter Aline Custódio, a editora Lis Aline Silveira e o editor-executivo Felipe Bortolanza – para compartilharem o saber acerca do personagem que circula na redação do DG, a fim de aprofundar a investigação sobre o processo de construção deste elemento da narrativa jornalística, bem como desvendar os artifícios utilizados nas práticas cotidianas. O aproveitamento do repertório desses jornalistas é parte do procedimento de recolha de dados a fim de preencher lacunas identificadas ao longo do percurso exploratório e analítico desta dissertação. O exame minucioso da lista de Mandamentos da Reportagem do *Diário Gaúcho* também deve ajudar a compor a estrutura da reportagem deste jornal popular.

O que se percebe, de antemão, é que o jornalismo produzido pelo DG é alicerçado na relação estreita com o leitor, público-alvo e sua fonte de pautas, a base para a representação da realidade. “No *Diário Gaúcho*, a imagem do público é um dos pilares para a constituição da noticiabilidade. A partir dela são definidas as regras internas de constituição de pautas e enfoques são definidos os assuntos e toda a rotina de apuração do jornal”. (BERNARDES, 2004, p. 85).

3.1 DO SENSACIONALISMO AO JORNALISMO POPULAR DE QUALIDADE

Quando concluiu seu estudo sobre o sensacionalismo na imprensa, em meados da década de 1990, Angrimani (1995) já projetava que o jornal

¹ De acordo com Seligman (2008), a Associação Nacional de Jornais (ANJ), em 2006, chamou de jornais populares de qualidade as publicações voltadas para as classes C, D e E, que custavam centavos de real e têm linguagem e formato chamativos. A motivação ocorre porque essas publicações passaram a demonstrar um padrão jornalístico e não mais uma mera tendência mercadológica.

sensacionalista estaria com os dias contados. Alguns anos depois, o *Diário Gaúcho* foi lançado em Porto Alegre, pelo Grupo RBS, em abril de 2000, quando o jornalismo popular já havia sido desvinculado da ideia de uma produção do noticiário que extrapola o real e cuja credibilidade é discutível.

Estudiosos do sensacionalismo indicam que esta modalidade era baseada no tripé crime-sexo-escândalos. Para Amaral (2006, p. 21), “[...] está ligado ao exagero; à intensificação, valorização da emoção; à exploração do extraordinário, à valorização de conteúdos descontextualizados; à troca do essencial pelo supérfluo ou pitoresco e inversão do conteúdo pela forma”. O jornalismo popular, diferentemente, “[...] se define pela sua proximidade e empatia com o público-alvo, por intermédio de algumas mudanças de pontos de vista, pelo tipo de serviço que presta e pela sua conexão com o local e o imediato”. (AMARAL, 2006, p. 16). Peruzzo (2006) explica que a comunicação popular traz o povo como gerador e protagonista principal da notícia e também como destinatário. Caetano (2014) utiliza o entendimento do diretor da TeleSur-Brasil, Beto Almeida para descrever o que é um jornal popular: “[...] é um veículo que assuma as dores do povo de maneira respeitosa, questionadora, informativa e transformadora”.

O retrato que Amaral (2006) fazia do DG em 2006 era de que o jornal trabalhava com a espetacularização, misturando informação e entretenimento. Quase uma década depois de sua pesquisa, o conceito precisa ser revisado porque informação e entretenimento são dois pilares fundamentais na constituição de qualquer jornal popular, e que não são excludentes. É importante considerar que o entretenimento também informa, como Amaral (2006) mesmo destaca. Falar em jornalismo é falar em informação para a cidadania.

Na capa do jornal popular “[...] há manchetes que misturam temas tão diversos como a morte de crianças em um incêndio, resultados do futebol, reclamação da população, mulheres em poses sensuais e, ainda, o destino dos personagens de uma telenovela” (AMARAL, 2006, p. 83). Com este pensamento, a autora desconsidera que a primeira página deste tipo de publicação deve ser uma espécie de cardápio a apresentar o que o jornal tem de mais interessante a oferecer ao seu público – a fim de motivá-lo a ir até a banca todos os dias para adquirir o jornal. É um público heterogêneo, que pode reclamar e, ao mesmo tempo, querer saber sobre a novela, ou sobre a tragédia familiar que promove a empatia e pode servir de alerta também. A diferença entre a abordagem popular e a sensacionalista

é perceptível: enquanto a primeira conta a história respeitosamente, na tentativa de ser fiel aos fatos, de colocar o leitor na cena, buscando o contraponto e uma brecha para incluir algum serviço, a segunda expõe gratuitamente a miséria, o horror e o drama vivido pelos personagens, por exemplo.

Durante muito tempo, o sensacionalismo² foi a estratégia das publicações populares. Angrimani (1995, p. 19) resgata a origem do jornalismo sensacionalista, que “parece ter se enraizado na imprensa desde seus primórdios”. França e Estados Unidos são citados pelo autor como dois países onde se originou o processo. Entre 1560 e 1631, aparecem os primeiros jornais franceses, *Nouvelles Ordinaires* e *Gazette de France*. Nos Estados Unidos, o primeiro jornal sensacionalista foi lançado em 1690, o *Publick Occurrences*. Exagero, inverossimilhança, imprecisões, *fait divers* eram algumas características associadas a essas e outras publicações do gênero (ANGRIMANI, 1995). Os jornais “[...] passam a tratar de temas ‘de interesse humano’ como o relato detalhado de feitos reais, crimes e dramas de família. Deixam os artigos opinativos de lado e buscam retratar o cotidiano da população”. (AMARAL, 2006, p. 17). Já no Brasil, a publicação mais conhecida do gênero foi *Notícias Populares*, do Grupo Folha. “Seu discurso persuasivo deixava a esfera da polêmica para assumir um tom autoritário, taxativo, estigmatizante”. (SELIGMAN, 2008, p. 2).

No que diz respeito à linguagem, o clichê é a fórmula principal da publicação sensacionalista. “É preciso chocar o público. Fazer com que as pessoas se entreguem às emoções e vivam com os personagens. A linguagem editorial precisa ser chocante e causar impacto. O sensacionalismo não admite moderação”. (ANGRIMANI, 1995, p. 39-40).

De acordo com Seligman (2008), nos jornais populares de qualidade, no lugar da linguagem chula e das matérias inventadas, os jornais buscam a linguagem simples, o didatismo, a prestação de serviços e a credibilidade, atendendo ao público local. Já Amaral (2006, p.134) acredita que “Um bom jornal destinado ao público popular deve considerar que seu leitor é também sujeito de um discurso sobre o que ocorre na sociedade, e porta características sociais e culturais específicas”. Giner (2014), por sua vez, diz que são jornais para a família, que se pode levar para casa. E a credibilidade destas publicações populares alcança a

² Amaral (2006) faz uma provocação dizendo que todo o jornal pode ser considerado sensacionalista porque procura prender o leitor para ser lido e, com isso, alcançar uma tiragem satisfatória.

lealdade dos leitores. São jornais feitos para pessoas comuns, sejam velhos, jovens, homens, mulheres, pedreiros ou donas de casa.

3.2 O LEITOR COMO ALVO PRINCIPAL

Para Amaral (2006, p.65), “O jornalismo caracteriza-se como popular quando se interessa pela vida das pessoas do povo. Assim, um fato tem muito mais probabilidade de ser notícia se tiver impacto na vida de uma pessoa comum ou puder ser comentado por alguém do povo”. Essa premissa é o indicativo de que existe um conjunto de personagens em potencial para as narrativas do jornal popular, por exemplo. Os personagens são pessoas das classes C, D e E³, que vivem na periferia de Porto Alegre e da Região Metropolitana.

A editora de Geral, Lis Aline Silveira, explica a intenção do jornal ao buscar os personagens de suas narrativas:

“A gente procura uma pessoa que se pareça com o leitor, com o público-alvo do jornal. Se for lembrar a maneira como eu procurava meus personagens como repórter era uma maneira muito particular. Eu olhava para as pessoas, digamos uma pauta que o case⁴ poderia ser aleatório. Eu olhava e quando dava aquela cruzada de olhares, eu sentia: ‘é aquela pessoa!’. Ou aquela pessoa que tinha um jeito mais curioso, que eu via que estava interessada em tudo, que não estava alheia. Geralmente aquela senhorinha de meia idade, essa é a mais clássica. Ela fala sobre economia, sobre comportamento, é afetada pela falta do ônibus, pela fila da saúde, ela tem filhos, ela faz as compras. Eu vejo quando falam num case clássico, essa senhorinha de meia idade moradora da periferia, que anda de ônibus, vai ao supermercado, que tem filhos, às vezes netos. Ela se preocupa com economia, transporte, educação, com saúde, é muito da vivência dela, dos assuntos da vida real”.

Lis acredita que há, sim, uma localização geográfica dos personagens próprios da narrativa do *Diário Gaúcho*. Esta é uma estratégia para aproximar a narrativa do leitor.

³ De acordo com o levantamento Critério de Classificação Econômica do Brasil (CCEB), elaborado pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisas (ABEP), integram a classe D as famílias com renda mensal de R\$ 776. Já a classe C2 é aquela com renda média de R\$ 1.147 e a C1, os que têm renda de cerca de R\$ 1.685. Já fazem parte da classe B2, as pessoas com renda mensal familiar de R\$ 2.654 e B1 com renda de 5.241.

⁴ Na redação do *Diário Gaúcho*, a expressão case é usada como sinônimo de personagem.

“Quando vamos pegar o leitor médio é ali que vamos buscar: no (bairro) Santa Tereza, no (bairro) Partenon⁵, no Centro, mas junto a um terminal de ônibus ou comércio popular. Não vai ser no Moinhos Shopping, ou na (rua) Dinarte. Isso o repórter vai incorporando. Quando chega alguém novo, que não conhece (a redação e o modo de apuração), todo mundo vai recomendando: ‘vai no Santa Tereza, procura na Restinga’. E vai incorporando naturalmente. Como começou isso eu não sei dizer, mas era bem dessa necessidade de a pessoa se ver no jornal, de o leitor ver alguém como ele, a identificação”.

Felipe Bortolanza concorda que o universo do personagem diz sobre ele e buscá-lo em seu lugar de origem ajuda na construção de uma narrativa mais autêntica.

“O personagem pode estar na frente do jornal, mas seguramente é muito mais personagem nosso o que está na periferia, que está num lugar dele, que não está passando por algum lugar que ele não sabe sobre o que vai estar falando. Mais rico é onde ele se ambienta. Vai ter o ambiente dele, a vizinhança dele. Tudo termina sendo mais rico assim, o ambiente diz do personagem. Ele deslocado vai ficar até com vergonha de falar, isso eu já percebi enquanto repórter. Quanto mais perto de casa, mais rica é a predisposição, o ambiente da foto e a naturalidade com que ele se manifesta”.

Para Benetti, “[...] todo discurso é norteado pelo que se imagina sobre o outro”. (BENETTI, 2007, p. 6). É fundamental, portanto, que repórteres e editores do *Diário Gaúcho* conheçam o público-alvo para estabelecer o que é notícia e mais ainda aproximar-se do personagem.

No DG, a relação com o público-alvo é estabelecida a partir da própria atividade do repórter: ele está nas ruas, percorrendo as periferias e comunidades de Porto Alegre e da Região Metropolitana, entrevistando a população, fazendo fontes entre líderes comunitários, presidentes de clubes de mães, membros dos conselhos escolares, dos conselhos de saúde, vendo a pauta nascer na fonte da qual todo o jornalista deveria beber, ou seja, a vida real. Esta é, possivelmente, a estratégia mais eficaz para construir uma narrativa mais próxima da realidade e que seja reconhecida pelo leitor, com a qual ele se identifique, afinal, os personagens do jornal estão nos ambientes onde circulam os leitores. A aproximação (entre público-alvo e jornal) se dá pela credibilidade do veículo e pela confiança depositada na

⁵ Bairros da periferia de Porto Alegre.

publicação por meio dos profissionais, que se fazem conhecer, gastando solas de sapato, caminhando entre as comunidades.

Ao mesmo tempo, o leitor também se sente motivado a procurar o jornal e ser gerador de pautas – por meio de ferramentas como *e-mail*, telefone, *WhatsApp*, redes sociais e até escrevendo cartas – para comunicar suas demandas, sugerir reportagens, personagens, pedir a ajuda do jornal para resolver algum problema. O leitor vem sendo um pauteiro informal, que transforma-se em personagem de alguma reportagem, e até mesmo pode passar a fazer parte da lista de fontes do repórter. As agendas telefônicas dos repórteres do *Diário Gaúcho* estão cheias de contatos de moradores de vilas, de pessoas comuns que se tornaram informantes de seu universo. Cabe ao repórter, entretanto, o cuidado de selecionar nas comunidades aquelas fontes nas quais confia, e estabelecer as regras desta relação, sob pena de publicar alguma distorção da realidade.

Aline Custódio é uma repórter que costuma cultivar fontes populares. Segundo ela, há personagens que mantêm contato com a redação depois da publicação de uma reportagem da qual participaram. Eles se sentem a vontade para colaborar com o jornal sugerindo pautas, e até mesmo ajudando a localizar outros personagens. É uma rede que se forma e assim o repórter acaba embrenhado no universo que é do leitor e ao mesmo tempo do personagem.

“Não é esse o objetivo, tanto que tem alguns com os quais eu nunca mais falei. Mas os mais antigos, eles realmente ligam. Principalmente as lideranças comunitárias sim. Se ele sai no jornal, provavelmente depois ele vai te procurar de novo, tu nem precisa procurar ele, ele te procura, é bem comum isso. Principalmente se a matéria não digo uma matéria positiva, mas uma matéria que colocou realmente o que ele tinha pensado ele vai te ligar para agradecer primeiro, ou vai te mandar um e-mail hoje em dia, e ele vai te ligar de novo para sugerir outra reportagem. E outra: o repórter não pode esquecer do cara, o repórter não pode esquecer da fonte, eu tenho mania de ligar. Eu ligo muito, gasto telefone, mando mensagem, para saber como está, eu tento não esquecer. Tanto que eu saí do jornal e eu voltei e eu mantive as mesmas fontes, eu não perdi as fontes porque eu tenho esse costume, eu tenho os celulares deles todos, boa parte está no meu celular pessoal, eu tenho a minha agenda pessoal de lideranças que podem me ajudar e eu ampliei ela com a questão do orçamento participativo. Ali não tem fontes, não é gente que eu conheça, eu tenho os contatos ali, e eu vou ligar: ‘Ó, eu vi teu nome ali no orçamento, quero saber se tu pode me ajudar’, daqui a pouco pode virar uma fonte. Essa coisa do personagem virar fonte é comum.”

Principalmente entre as lideranças, às vezes nem ela é personagem, mas ela te ajuda a encontrar alguém”.

Antes mesmo de identificar as características do personagem que dá vida à narrativa do DG, é preciso entender o que é pauta no jornal popular. Amaral elenca uma série de itens que podem ancorar as reportagens do DG: “[...] possuir a capacidade de entretenimento; for próximo geográfica ou culturalmente do leitor; puder ser simplificado; puder ser narrado dramaticamente; tiver identificação dos personagens com os leitores (personalização); for útil”. (AMARAL, 2006, p. 63). Os valores-notícia da personalização, da proximidade e da utilidade são os que se vê com mais clareza praticados no *Diário Gaúcho*. Aline Custódio fala sobre a característica da utilidade:

“Quando eu penso na reportagem da editoria de Dia-a-Dia, eu vejo a editoria como a principal do jornal. Ela que abre o jornal, depois da página dois, é ela quem dá serviço, principalmente serviço, para a população, é ela que apresenta personagens, muito mais do que a editoria de Polícia, Variedades e a parte de Atendimento ao Leitor [...]. Eu vejo a editoria de Dia-a-Dia como uma porta para o leitor entrar no jornal. Muito mais do que o floreio do Variedades, e as mortes na editoria de Polícia. É na editoria de Dia-a-Dia, ou Geral como a gente fala, que a pessoa vai realmente ter a informação sobre Porto Alegre, sobre a Região Metropolitana, sobre economia popular e até história de personagens também. Eu vejo a editoria de suma importância para o Diário Gaúcho.”

Em relação à personalização, é importante destacar que incluir as fontes populares nas reportagens é também a chance de corrigir uma distorção que havia na imprensa até a criação dos jornais para o público das classes C, D e E: as falas das fontes populares eram quase inexistentes nos jornais de referência. Com o surgimento das publicações focadas neste segmento, as fontes oficiais e as especializadas, por exemplo, apresentaram importância reduzida.

Esse tipo de imprensa muitas vezes amplifica a fala dos setores populares e coloca o leitor popular, normalmente situado na periferia do direito à fala, no centro do jornal. A ‘existência social’ é devolvida a pessoas que em outros jornais são reduzidas a problemas sociais ou problemas de polícia. (AMARAL, 2006, p. 131).

Para Amaral (2006, p.66), “A inversão das fontes tem o efeito de gerar uma aproximação com o leitor, porém não é garantia de qualidade do jornalismo, já que muitas vezes o fato de simplesmente colocar pessoas comuns a falar não garante

que o tema será esclarecido”. Esta opinião pode ser tensionada com a discussão acerca do papel das pessoas comuns, conforme a autora se refere, nas narrativas jornalísticas. Descrever a realidade vivida, dar um depoimento, contar a sua versão (a ser confrontada com outras versões, um exercício primário e diário da reportagem) são algumas das razões da inclusão das falas populares. Não cabe a elas esclarecer os fatos.

Ao ouvir as vozes do povo nas entrevistas que fez durante a revolta popular no Irã e nas *enquetes do intolerável*, desenvolvidas nos trabalhos do Grupo de Investigações das Prisões (GIP), Michel Foucault deu um novo sentido à fonte jornalística. Desde uma perspectiva foucaultiana, que aponta um modo diverso de aproximação do outro, a fonte deixa de ser refém de uma expectativa e de um modelo pré-determinado pelo jornalismo. Assim, é possível pensar que o *Diário Gaúcho*, à sua maneira, inclui em sua narrativa uma fonte que

Não corresponde à autoridade, não tem o ônus da prova, nem da verdade e nem terá uma forma jornalística prescrita nos livros de estilo. Está francamente em oposição ao modo de objetivação jornalística dos indivíduos que geralmente se volta para fontes oficiais que ocupam posições institucionais, fornecem a informação mais rapidamente, a baixo custo, e por isso são mais produtivas, e conferem à informação maior confiança e aparência de verdade. (MAROCCO, 2008, p. 41).

Essa fonte da qual trata Marocco (2008), no *Diário Gaúcho* se apresenta como uma fonte que não é apenas ciente do que informa como vive aquilo que reporta ao jornalista. Tem característica de testemunha e é privilegiada porque habita no cenário dos acontecimentos. Inclusive, por isso, aparece de maneira a confrontar as fontes oficiais e especialistas com propriedade. Cabe, então, ao jornalista-narrador, articular essas vozes.

Marocco (2008, p. 41) explica o papel da chamada fonte pedagógica,

No GIP, por exemplo, a função da fonte é pedagógica. A fonte se constitui como sujeito do próprio discurso, nenhuma autoridade falará em seu nome, a fonte não ocupa um lugar em que se lhe oprime a um modelo e que é predeterminado, participando de uma relação que se pretende libertadora da função de assujeitamento e que potencializará, a partir de uma capacidade reflexiva, uma intervenção na realidade dos sujeitos que assumem tal condição.

O entretenimento merece destaque porque, no caso do *Diário Gaúcho*, existe para além do limite da editoria de Variedades, mas também na Geral. “Tudo o que

prende e atrai o olhar, seja uma cena escandalosa, ridícula ou insólita, tem potencial para ser notícia”. (AMARAL, 2006, p. 63). A partir daí, surgem narrativas com personagens que promovam distração, emoção, diversão, e ocupam o mesmo universo de narrativas edificantes, ou de denúncia. Amaral (2006) cita quatro categorias que indicam a característica de entretenimento das reportagens: “Histórias de gente comum encontrada em situações insólitas ou histórias de homens públicos surpreendidos no dia-a-dia da sua vida privada, histórias em que se verifica a inversão de papéis, histórias de interesse humano, histórias de feitos excepcionais e heroicos”. (AMARAL, 2006, p. 64). As duas últimas – o interesse humano e os feitos heroicos – se aproximam com o que é produzido pelo *Diário Gaúcho*.

Outro ponto destacado pela autora diz respeito às temáticas abordadas pelo jornal popular, que devem ser elaboradas considerando que o lugar econômico, social e cultural é diferente do leitor de um jornal de referência, por exemplo. “É papel do jornalista que trabalha com o público popular procurar novas abordagens dos temas, normalmente ‘pautas de carne e osso’, com base no contato com os leitores e também com fontes alternativas”. (AMARAL, 2006, p. 110). O foco prioritário das reportagens da editoria de Geral, por exemplo, é a prestação de serviço. O repórter precisa conhecer a realidade do ensino público, do Sistema Único de Saúde (SUS), do transporte público, do comércio (formal e informal), das opções de lazer gratuitas, dos programas assistenciais, enfim, estar informado sobre como funcionam o cotidiano e a gama de serviços utilizados pelos leitores para os quais escreve, a fim de que as reportagens sejam apreciadas pela utilidade e pela autenticidade.

A linguagem merece atenção porque a narrativa do jornal popular deve ser construída de modo a ser compreensível, didática (sem desconsiderar o leitor como um cidadão), clara e simples (investindo até em termos coloquiais, sem cair na linguagem chula, como os popularescos faziam) – o que não significa um texto pobre. Deve ser interessante, instigante, a fim de seduzir o leitor até o final da reportagem, sem deixar de oferecer a síntese da notícia àqueles que preferirem consumir apenas as chamadas.

3.3 FAIT DIVERS, HISTÓRIAS DE VIDA E REPORTAGENS DE SERVIÇO

Quando se pensa na matriz do entretenimento, é necessário referir o papel desempenhado pelos *fait divers* entre as narrativas do *Diário Gaúcho*. Amaral traz uma ideia de *fait divers* que poderia ser atualizada porque ela entende como

relatos gratuitos e descontextualizados sobre fatos que irrompem na normalidade do dia-a-dia. Constituem-se em notícias que não têm repercussão, são impermeáveis à realidade política, que não vão além delas mesmas como fatos curiosos, crimes horrendos em lugares distantes, matérias isoladas sobre comportamento animal, acidentes inusitados, deformações monstruosas e fatos aberrantes como a notícia sobre o elefante que se embebedou num barril de cachaça ou a mulher que fez cesariana em si mesma após dois copos de tequila. Essa abordagem do jornalismo contribui com a atividade jornalística na imprensa popular porque mostra que a relação dos jornais com seus leitores-alvo se dá sobretudo pela cultura. Os jornais populares, para conectarem-se com seus públicos usam fórmulas que têm historicamente popularidade. (AMARAL, 2006, p. 77).

Para a imprensa sensacionalista, trata-se da “[...] notícia do dia (crimes, roubos, acontecimentos extraordinários), é mostrado como notícias variadas, que têm importância circunstancial, se constituem a principal fonte de ‘alimentação’ do noticiário sensacionalista”. (ANGRIMANI, 1995, p. 11). Angrimani (1995) acrescenta exemplos como relatos de suicídios de amor, chuvas torrenciais, execuções, aventuras divertidas, casos misteriosos.

Na tentativa de problematizar o pensamento dos autores, é possível avaliar que os *fait divers* talvez hoje possam pertencer à outra ordem, tenham outro impacto entre os leitores. O gênero faz parte do universo da informação e é protagonizado por pessoas comuns, que se assemelham aos leitores. Dion (2007) observa que o *fait divers* é retirado da vida real, são histórias verídicas, atuais, com as quais o leitor pode se reconhecer (e, quem sabe, refletir a respeito). Não demanda que se tenha conhecimentos prévios ao entrar em contato com a narrativa porque é acessível, universal, didática. “Mesmo tornando-se públicas, estas narrativas aproximam-se das preocupações familiares do leitor.” (DION, 2007, p. 129).

A diferença entre o *fait divers* tipicamente sensacionalista e o do jornal popular de qualidade, por exemplo, pode residir na seleção criteriosa dos temas e o cuidado com o tratamento da informação de modo a não chocar o público – fatos aberrantes, deformações monstruosas, por exemplo, não fazem parte da pauta dos jornais populares (pelo menos nas versões impressas). A ideia é cativar

(possivelmente por meio da identificação) e manter o leitor, e não apenas fisgá-lo com notícias curiosas, mas banais.

No caso do *Diário Gaúcho*, pode-se dizer que o *fait divers* nem sempre se encerra em si. Há casos em que há repercussão porque o leitor reage diante das histórias publicadas no jornal, o que gera repercussão, e o consequente acompanhamento do caso pelo jornal. Um exemplo é o caso da reportagem sobre o morador de rua maratonista (ver Anexo O), que faz parte do *corpus* desta pesquisa. Depois da publicação da primeira reportagem, leitores tomaram conhecimento da necessidade dele (uma sapatilha especial para atletismo) e interferiram na história, transformando-a pela doação do calçado especial. Isso mostra que algo inusitado, ou uma história de vida, por exemplo, pode romper a continuidade das *hard news* de um jornal popular, mas pode provocar reações nos leitores a partir do relato de um personagem sobre um episódio de superação ou de dificuldade, sendo ele um herói do cotidiano ou a vítima de algum desserviço. Desta maneira, todos são protagonistas das narrativas, pois todas as pessoas têm histórias para contar se encontrarem ouvidos atentos a escutá-las.

No *fait divers*, é perceptível a disposição de incluir uma certa moral da história, de oferecer alguma lição a partir da publicação da reportagem. É aí que reside o elemento que mexe com o leitor, que não o faz indiferente à narrativa – concordando ou não com aquilo que o jornal noticia. E esse retorno aparece sob a forma de ligação telefônica à redação para oferecer ajuda ao personagem que vive uma situação difícil, para comentar elogiando a iniciativa de tornar pública uma história positiva ou dramática, ou criticar algum detalhe evidenciado.

Num mesmo universo, numa mesma editoria, há espaço para as histórias de vida, que dão destaque a pessoas aparentemente comuns, mas que são retratadas de maneira respeitosa e próxima, dando forma a uma espécie de perfil simplificado, no qual se detalha algum feito considerado relevante – e, assim, o jornalista-narrador promove efeitos de sentido no leitor, bem como a identificação – também são publicadas reportagens de serviço, em tom didático, na intenção de facilitar a vida do leitor, passando por casos pitorescos, por matérias de denúncia, que expõem a fragilidade dos governos e outros organismos da sociedade. Em boa parte deste cardápio variado que se encontra na editoria de Geral, há personagens a conduzir essas narrativas. Felipe Bortolanza concorda:

“O grande ganho do Diário Gaúcho e outros jornais que pensam assim é fazer essa mescla. Não fazer um oba-oba de uma edição inteira e nem fazer da desgraça a cartilha toda, do início ao fim do jornal. É assim o mundo, enquanto uns choram, outros riem. Sempre vai ter alguém comemorando alguma coisa e sempre vai ter alguém reclamando de alguma coisa. Essa mescla que o repórter também está incluído, nesse dínamo de positivo com o negativo inclui desde a produção do jornal, a percepção do repórter e, claro, está muito na mão do editor na hora escolher as pautas para serem colocadas. Dentro do ideal, e acho que a gente consegue fazer isso quase 100% das vezes, é fazer essa mescla. A nossa página 3 quase sempre é de alguma coisa positiva, porque é a primeira página que tu vira a capa e dá de cara com o personagem, então tentar elevar o teu dia numa coisa mais positiva. Por outro lado, é importante ter também e a gente sabe que termina atuando como advogado e essa função de quatro poder, que muitas vezes já nem se fala mais, mas os antigos ainda falavam que a imprensa era o quarto poder justamente por isso, por escancarar as mazelas do povo, denunciar, investigar e mostrar que, de uma maneira mais rápida, a solução acontece. Se é da base antiga, ainda é sim essa parte do jornalismo como um prestador de um serviço que na gênese não é dele – de fazer resoluções, de tapar buraco de rua, etc. Mas ao escancarar esse desserviço, na maioria das vezes público, desse vácuo do serviço público, é jornalístico, mas é também eminentemente um serviço de defesa do cidadão que, em tese, não é o jornal que tem que fazer, mas assume esse papel em função dessa imersão tamanha que o jornal tem na comunidade. Isso é muito básico, muito antigo, mas que continua sendo assim”.

3.4 OS DEZ MANDAMENTOS DA REPORTAGEM DO DIÁRIO GAÚCHO

Ponto de partida desta pesquisa, o quadro com os *Dez Mandamentos da Reportagem do Diário Gaúcho* (ver Anexo A) é parte do ferramental necessário para compreender o conceito de reportagem deste jornal popular, bem como promover a aproximação com o personagem. Os mandamentos podem ser comparados a uma espécie de manual de redação, neste caso, especificamente voltados à feitura da reportagem. Em geral, os manuais tratam de estilo, da redação e da ética. Já a tábua de mandamentos pode ser vista como uma defesa da coesão e do trabalho coletivo em torno de um jornalismo de mercado, voltado ao segmento popular.

O primeiro mandamento – *O personagem é o mais importante da reportagem. E o personagem é a pessoa comum. O Diário Gaúcho ouve a pessoa comum e conta suas histórias* – suscita reflexões sobre a reportagem do DG em si. Aline Custódio professa este mandamento e confirma a importância do personagem.

“Ele é a peça fundamental da reportagem. A reportagem começa pelo personagem, muitas vezes. Mesmo que seja uma matéria de economia, sobre o preço da bergamota que subiu. Eu vou procurar um personagem que me mostre por que que o preço da bergamota subiu. Não vai ser o especialista que vai me dizer. Eu vou procurar a dona Florzinha que vai todo dia na mesma feira, ou ela pesquisa feiras diferentes, para encontrar o preço melhor. Eu sempre penso primeiro no personagem, independente da reportagem que eu vou fazer. Eu vou pesquisar, eu vou procurar alguém que me mostre aquilo que eu quero. É a construção do real, a gente tenta construir. É isso que eu procuro. O personagem é a peça fundamental, independente de que reportagem for”.

Felipe Bortolanza explica como pensa o personagem na narrativa de cotidiano:

“Eu entendo que os fatos só são fatos narrados porque impactam a vida de alguém. E se impactam a vida de alguém, esse alguém precisa ser colocado em evidência. Seja do lado bom, do lado morno da história ou do lado ruim. Falando do Diário Gaúcho, seja capa, página dentro ou no digital. Eu acredito, e a maioria das pessoas que tem entendimento de jornal popular, é que o personagem é fio condutor das histórias”.

E completa:

“[...] eu acho que o personagem, enquanto o responsável por fazer e selecionar as fotos da capa, e quem veio antes, desde o início, desde 2000, foi pensado que jamais deveria sair uma capa do jornal sem um personagem, sem pessoa. Isso eu levo quase como um dogma. [...]. A vida, as pessoas, a gente, são prioridade máxima no jornal. Isso que dá a essência do jornalismo. Mostra que o jornalismo de serviço é calcado muito em cima do personagem, de quem vibra, de quem chia, de quem sofre”.

No segundo mandamento – *A reportagem do Diário Gaúcho precisa fazer a diferença na vida do leitor e buscar, sempre, transformar a realidade que está sendo mostrada por meio de um conteúdo acessível e útil* – está identificada a intenção de que a reportagem promova a transformação social, seja um combustível para mover apatias, para que o leitor saia transformado depois da experiência da leitura de uma reportagem. Por este ditame, a publicação afirma um compromisso que não é apenas dos jornais voltados às classes populares, mas a toda imprensa: produzir conteúdos úteis e acessíveis.

O terceiro mandamento – *A reportagem do Diário Gaúcho deve ser precisa na apuração. Ao publicar uma informação, o jornal deve tirar o leitor de casa pela mão,*

conduzi-lo pelo mundo e levá-lo de volta ao lar com segurança – poderia fazer parte do manual de redação de qualquer jornal pelo fato de exigir o rigor na apuração (e na checagem das informações), sob pena de comprometer seriamente a credibilidade do jornal. Esta regra indica que o didatismo norteia a produção da reportagem, que deve ser contada de maneira a ser apreendida por todos os leitores.

Já o quarto mandamento – *A reportagem do Diário Gaúcho é ousada. É mais fácil limitar ímpetos do que mover apatias* – serve de alerta aos membros da redação, repórteres, editores, repórteres fotográficos, diagramadores, para que não percam a inquietação necessária para avançar na produção de conteúdos e surpreender o leitor constantemente. Ao mesmo tempo, pode ser encarada como uma justificativa para pautas que podem causar estranheza ao público dos jornais de referência, por exemplo, ou mesmo ao público que desconhece este jornal popular. O fato de o DG não ter assinatura (característica das publicações populares, bem como o número de páginas menor, e o preço reduzido) exige que o jornal invista em reportagens arrojadas, que promovam discussões, que rendam outras reportagens a partir da repercussão.

O quinto mandamento – *A reportagem do Diário Gaúcho é coletiva. É fruto de um trabalho de equipe* – é a indicação de que esforços e talentos somados contribuem para um produto final de qualidade. A pauta pode ser pensada por um jornalista, executada por outro (ou outros, considerando as duplas de repórter e repórter fotográfico), desenhada por outro, e editada/revisada por outro. Assim, a responsabilidade pelo material é compartilhada, no sentido de evitar erros/distorções e para qualificar o conteúdo publicado.

O sexto mandamento – *Fazer reportagem é pensar como escrever não somente com letras, mas também com a foto, com a arte, com a diagramação* – divide o peso e a importância de todos os elementos da narrativa jornalística e convoca todos os profissionais que realizam estas tarefas a se colocarem a serviço da reportagem. Afinal, tudo comunica, tudo ajuda a contar a história. A fotografia, quando retrata um personagem, por exemplo, completa a descrição feita com palavras, confirma pistas deixadas no texto escrito, traz outros elementos da narrativa, como o espaço. É salutar que se pense na elaboração de todos os itens com o mesmo cuidado.

O sétimo mandamento – *A reportagem do Diário Gaúcho obedece ao ritmo da vida de seus leitores, nas suas felicidades e nas suas necessidades* – é a prova de que a pauta do DG está ligada ao cotidiano do leitor e deve nascer nas ruas, nas comunidades, entre as vilas onde vivem as classes C, D e E. Trata-se de promover a proximidade com o leitor pelo conteúdo, que privilegia o local, em detrimento do nacional.

O oitavo mandamento – *A reportagem do Diário Gaúcho enxerga os problemas na mesma proporção de seus tamanhos. O que incomoda nosso leitor, nos incomoda* – reforça que o jornal é pautado pelo que tange a vida dos leitores e que os problemas dos leitores recebem do jornal o tratamento de acordo com a relevância na vida deles. Aí, um buraco de rua que não mereceria sequer uma nota em um jornal de referência poderia ser a manchete do jornal popular no caso de aquele buraco atrapalhar a vida de uma comunidade inteira, ou motivar um protesto bem humorado, ou ainda servir de bandeira para que tantos outros buracos espalhados pela cidade, gerando transtorno, se tornem notícia.

O nono mandamento – *As dificuldades encontradas ao fazer uma reportagem não podem ser usadas como desculpas para apresentar um resultado de má qualidade. Problema se resolve na hora que surge ou se encaminha para o responsável por resolvê-lo* – é uma orientação prática aos repórteres, que sinaliza que a feitura da reportagem de um jornal popular pode ser marcada por dificuldades na execução, de ordem prática como, por exemplo, o leitor a ser entrevistado morar numa área de difícil acesso, de risco (em função da violência), cujo endereço seja irregular (áreas invadidas, por exemplo), ou ainda dificuldades na abordagem das fontes populares, na apuração (nem todas as fontes se expressam com clareza, nem sempre se consegue checar todos os dados, nem sempre o repórter consegue documentos que comprovem integralmente o que a fonte popular expõe). Com este ditame, o jornal expressa a necessidade de o repórter ser perspicaz, não ser ingênuo e poder contar com algum superior para que tenha condições de executar seu trabalho.

O último mandamento – *A falta de dados oficiais não significa que uma situação não possa ser quantificada em uma reportagem. O Diário Gaúcho deve criar seus próprios índices, que retratem com fidelidade uma realidade* – é outra sinalização de que a reportagem deste jornal não exige apenas esforço intelectual. Requer que o repórter planeje a abordagem, a estrutura da reportagem, as fontes a

serem consultadas a partir de uma estatística que ele mesmo teve de construir. Um exemplo: numa reportagem sobre os problemas enfrentados pela população que utiliza o transporte público urbano na cidade de Porto Alegre, não havia estatísticas relacionadas às principais queixas dos usuários. Havia apenas a intuição de que atrasos e superlotação seriam os campeões de reclamações. A orientação do editor de Geral, então, foi que o repórter responsável por esta matéria abordasse 50 pessoas nas ruas do Centro de Porto Alegre, nas filas dos terminais de ônibus, e fizesse essa indagação. O repórter não ouviu duas ou três pessoas para incluir os depoimentos na reportagem. Fez uma estatística: aquelas 50 pessoas apontaram que 7,5 de cada dez ônibus circulavam atrasados e 6,9 de cada dez circulavam superlotados. E todas as 50 pessoas ouvidas foram identificadas na reportagem com nome, idade e profissão.

3.5 O JORNALISTA-NARRADOR E A PRÁTICA

“O jornalista vive um processo ininterrupto de transmissão de conhecimento em que primeiro aprende a se virar naturalmente neste novo ambiente, quando chega à redação, e depois ensina, repete o mesmo que aprendeu e pôs em circulação para os iniciantes”. (MAROCCO, 2012, p. 7). Este pensamento possibilita entender as práticas jornalísticas empreendidas pelos repórteres diariamente na redação, que resultam no produto sobre o qual estou debruçada: a narrativa jornalística. Embora o produto final seja da mesma natureza, ou seja, a reportagem, o modo como a narrativa jornalística é trabalhada e o personagem construído – e até mesmo a etapa anterior, a ida a campo, a seleção de quem será transformado em personagem – é de natureza diversa. De qualquer maneira, é um saber que circula na redação, nem sempre explícito, mas é compartilhado e adquirido naturalmente, entre os que já acumulam certa experiência e os iniciantes.

Por esta razão, no sentido de compreender como ocorre a construção do personagem, é importante recorrer aos profissionais que são responsáveis pela matéria-prima do jornal na atualidade, a reportagem. A partir do modo de fazer da repórter Aline Custódio, que tem dez anos de experiência com jornalismo popular – oito anos no jornal *Diário Gaúcho* e uma passagem de dois anos pelo jornal *Extra*, do Rio de Janeiro – ela é uma entusiasta do personagem na redação, e é reconhecida por garimpar histórias de vida marcantes.

Quando pensa na definição de personagem que circula no *Diário Gaúcho*, Aline Custódio não tem certeza se o jornal sabe, na atualidade, qual é a definição deste elemento de sua narrativa jornalística.

“Acho que a gente está num período meio solto ao mar, tentando achar o caminho. Porque com a inclusão do online, de alguma forma mudou o pensamento dentro do Diário e a gente ainda está buscando o nosso espaço. Ao mesmo tempo em que a gente sabe onde tem o nosso leitor, a gente quer saber onde tem esse novo leitor e, talvez por isso, a gente ainda está meio solto ao mar. Ainda não tem um rumo, não consigo ver a luz no fim do túnel ainda. Eu me sinto perdida. Isso me assusta um pouco, mas me desafia também a tentar descobrir para onde a gente vai”.

Mesmo consciente de que o período é de transformação devido à entrada da produção online nas redações dos jornais impressos e a necessidade de um rearranjo nos conteúdos por conta do compartilhamento necessário, Aline mantém um processo de produção muito bem sedimentado. O método de trabalho desta jornalista-narradora fornece pistas de como as pessoas são localizadas, selecionadas e transformadas em personagens na narrativa de cotidiano publicada na editoria de Geral do *Diário Gaúcho*.

Aline é do tipo de repórter que costuma definir a própria pauta. Com isso, já nasce a busca pelo personagem. Lideranças comunitárias são convocadas por ela – que mantém uma agenda de telefones repleta de contatos de fontes populares – a fim de auxiliarem na busca pelo personagem que ancore a narrativa que ela pretende construir. Mas nem sempre os personagens surgem pelas mãos dessas fontes populares. Em algumas ocasiões, a jornalista-narradora resgata iscas que foram deixadas por ela nas comunidades (em pautas anteriores), ou mesmo sai às ruas a procurar. Há regiões específicas onde localiza personagens em potencial. Para Aline, qualquer pessoa tem uma história para contar – e se tiver uma fala sua descrita na reportagem, já será considerada personagem. Ela costuma garimpar personagens nos bairros onde sabe que vivem os leitores do *Diário Gaúcho*.

“Eu gosto muito de me pautar. Dificilmente, eu deixo que o pauteiro me dê pauta. Muita coisa vem da rua. Eu estou fazendo uma reportagem e aí surge uma outra, e aí surge uma ideia. E aí eu já vou atrás do personagem. [...] Tem que ter uma predisposição a procurar. Eu vou largando iscas pelo caminho, sempre, o tempo inteiro. [...] E assim vou ampliando. E a história dos líderes é assim que surge também. Quando eu não conheço uma região, por exemplo a Lomba do Pinheiro, eu já

tenho três ou quatro pessoas que eu conheço. Se eu quero uma pessoa nova para aquela outra não precisar me ajudar, ou eu procuro no Orçamento Participativo que tem as lideranças, ou eu procuro a associação de moradores, ou eu procuro um ex-case meu que eu guardo os telefones – “Fulano, lembra que eu fiz uma matéria contigo? Por acaso tu lembra de alguém assim, assado?”. Ou, se eu não consigo dessa forma, eu vou para rua. E na rua tu sempre vai achar. A gente sabe os bairros onde estão os nossos leitores. Agora está mais ampla a coisa. Geograficamente a gente sabe. Lá estão os nossos personagens e eles nos recebem bem. Basta ir com o carro do Diário Gaúcho. Eu vou nos extremos: Rubem Berta, Zona Norte, qualquer parte da Zona Norte já dá, eu vou para extremo da Zona Leste, Agronomia, Beco dos Herdeiros, Lomba do Pinheiro, eu vou para o extremo Sul, Restinga, Lami, alguma coisa de Belém, eu vou para o Oeste, as Ilhas, ou ali na parte mais central, Cruzeiro, Cristal”.

O processo de seleção daquele que poderá ser um personagem conta com a experiência, mas também com a intuição da jornalista-narradora. Os idosos são selecionados com frequência porque são leitores, gostam do jornal e costumam dar retorno sobre as reportagens. Assim como trabalhadores de uniforme, e pessoas que vivem nas regiões onde o jornal é lido. O objetivo é sempre promover a identificação entre o leitor e o personagem da narrativa. E isso muitas vezes acontece a partir de histórias de superação, que geram efeitos de sentido no leitor.

“Eu gosto que o leitor se identifique de alguma forma, e essa coisa de superação. Tem gente que diz que isso é bobagem, mas eu gosto de histórias de superação, de gente que se esforça de alguma forma, se dedica a alguma causa, [...]. Eu tenho essa coisa de querer mostrar que é possível mesmo quando é impossível. É uma forma que eu tenho de fazer com que o leitor se inspire. Nem sempre é possível fazer isso, mas sempre que eu posso em meio às matérias mais práticas do dia-a-dia, eu tento colocar alguma coisa nesse sentido. É possível. Tem espaço no Diário para isso. A gente lida com um leitor que está crescendo economicamente falando, é um leitor que está chegando à classe C depois de muito esforço, então é um cara que entende essa coisa de superação, ninguém mais do que ele sabe o que é se superar. É importante mostrar que existem exemplos dentro dessa classe que se superaram. E se a gente não mostrar quem vai mostrar? Não vai ser a Zero Hora, o Metro, o Jornal do Comércio. É o Diário. É o Diário que entende essa classe ainda”.

No outro extremo, a narrativa também contempla histórias nas quais os personagens são vistos como vítimas de algum tipo de inoperância do poder público. Para Aline, é fundamental deixar claro à pessoa retratada que o caso dela é

exemplo dentro de um universo. E que nem sempre ter a história publicada no jornal será sinônimo de uma solução imediata. Para evitar que o entrevistado seja surpreendido pela reportagem no jornal, Aline costuma explicar o objetivo ⁶da matéria e a importância daquele personagem para a compreensão da história. Há a preocupação em evitar que a pessoa *se sinta usada pelo repórter* – regra esta que deveria ser adotada por toda a imprensa. As pessoas não estão no mundo à disposição das publicações para terem suas histórias divulgadas sem cuidado e sem uma razão que justifique a exposição. Tomar esse cuidado demonstra que o jornalismo popular não é feito a qualquer preço e precisa cultivar as fontes e os leitores, sob pena de perder a audiência conquistada. Aline também tem por hábito buscar saber a opinião da pessoa que foi retratada no texto como personagem sobre o conteúdo publicado, mas reconhece que nem sempre há o entendimento por parte do outro. Se o retorno não é espontâneo, Aline entra em contato com a pessoa.

“[...] eu não tento fazer com que o personagem seja o coitadinho nunca. É superação, eu mostro o lado ruim, mas, mas eu mostro o lado bom também. Eu não tento fazer o ‘pobrezinha, ela tá passando fome, morando numa casa de papelão’. Ela morava numa casa de papelão, mas ela estava procurando emprego, tentando melhorar de vida de alguma forma, cuidando dos filhos sozinha, uma batalhadora, eu mostrei o lado triste dela, que era importante para a reportagem, mas eu também mostrei que ela tava tentando se superar. Se a mulher mora numa casa de papelão, se tem vergonha de sair na rua com um balde cheio de cocô para largar no pátio, como é que não vou contar isso? Isso é fundamental na reportagem. Por mais que possa vitimizar, aquilo ali contava a história, eu não podia fugir. Então, muitas vezes faz parte sim contar esse lado triste porque ele faz parte da reportagem. Não significa que eu vou contar sempre o lado triste. Não. Se ele é importante para que a reportagem seja escrita, eu vou contar. E vou inclusive comentar com a pessoa: vou usar isso, vou contar isso, tem problema? Às vezes é tão difícil porque eles não entendem. O próprio entrevistado, por mais que tu tente explicar o que tu está fazendo, às vezes ele não entende [...]”.

Aline costuma observar detalhes diversos da pessoa retratada a fim de recolher material suficiente para construir o personagem. Além do ambiente, traços marcantes da pessoa, como a maneira de vestir, os tiques, a forma de se expressar,

⁶ Em geral, é papel da imprensa, ao retratar um problema, provocar o poder público para que esclareça situações de conflito e modifique a realidade exposta. Tornar público um drama promove a oportunidade de a imprensa exercer a atividade da cobrança, como intermediário entre reclamante e reclamado.

de se portar, de organizar o raciocínio, tudo pode ser utilizado na elaboração da narrativa. A jornalista-narradora destaca que nem sempre há espaço editorial para todos os elementos reunidos e colocados no texto, mas deixa clara a tentativa de incluir detalhes que ajudem a definir o personagem.

“[...] tem detalhes e eu gosto muito de perceber detalhes do personagem, independente se for uma matéria de economia. Eu lembro de uma senhora que fomos fazer uma reportagem que ela pegava e cheirava as frutas e eu botei isso no texto. Ela não fica só cuidando o preço, ela vai lá e cheira também, ela quer a qualidade, ela não quer só o preço mais barato, quer a qualidade da fruta também. Sinceramente, ninguém me ensinou isso. É uma coisa que fui pegando aos poucos, nem sabia que era um dos elementos da narrativa. Não sei se funciona com o leitor, mas nunca tive reclamação nesse ponto. A roupa da pessoa vale, se ela tem tiques nervosos, vale”.

O jornalismo popular, especialmente o produzido no *Diário Gaúcho*, permite que a reportagem não apenas tenha o personagem como sua origem, como muitas vezes a reportagem se resume à história de vida daquela pessoa, ou a algum feito realizado por ela. Isso demonstra a importância dada ao personagem, confirma que ele é, de fato, o mais importante da reportagem, conforme o primeiro mandamento da reportagem.

“Querida fazer uma reportagem sobre o Horto de Tramandaí. E comecei a pesquisar a história. Eram 8 pautas que eu tinha pensado e pesquisei sobre o horto, achei interessante, tem mais de 40 anos. Pensei ‘vai render foto’ – porque eu penso no fotógrafo sempre, eu gosto muito de imagem e penso em fazer matérias que deem prazer para mim e para o fotógrafo também, independente de quem seja o fotógrafo. Pesquisei a página do horto, vi que tinha umas fotos bonitas, o lugar era bacana e pensei, “vai render”. E aí a gente chegou lá, a matéria virou. Fui entrevistar o diretor do horto, eu não sabia, já tinham me falado, eu tava em Pinhal e comentei com o prefeito dizendo que ia fazer matéria no Horto de Tramandaí, e ele disse “O Seu Argílio, maravilhoso”. Cheguei lá, fui conversar com o Seu Argílio. Aí soube que ele era um ex-guarda, já aposentado, que tirava dinheiro do próprio bolso, que fazia um trabalho de educação ambiental no Estado inteiro, tinha árvore de Tramandaí lá em derrubadas que ele levou para plantar. E eu só olhei para o Mateus: “Mudamos a pauta”. O personagem foi fundamental. Porque a matéria ia ser o horto. E não foi, foi a história do Seu Argílio, o guarda que tirava dinheiro do próprio bolso para sustentar o horto. E aí a matéria virou. E o legal é essa comunicação com o fotógrafo porque eu avisei: foca nele, ele é o cara. O Mateus já conhece, quando eu fico sorrindo, com a satisfação de encontrar uma história incrível dessas escondida na praia. Fiquei uma meia hora

sorrindo. Eram 5 da tarde, a luz estava baixando muito rápido, o Mateus fez as fotos primeiro e depois continuamos a conversa quando anoiteceu. E deu uma luz linda, num final de tarde e estava bem bonito no meio das alfaces. E foi assim que aconteceu, o personagem que deu a história”.

4 O PERSONAGEM NA NARRATIVA DE COTIDIANO

Apoiado em autores que estudam a narrativa, e depois de mergulhar no universo do jornalismo popular e da reportagem do *Diário Gaúcho*, num processo que demandou o exame de 199 reportagens colhidas em três meses, como já foi detalhado no percurso metodológico, dez reportagens foram selecionadas para a análise que tentará responder ao problema de pesquisa.

Na operacionalização da análise, será observada a história, com o fazer do personagem, a funcionalidade (se é paciente ou agente), as características (se é plano ou redondo), além das falas do personagem costuradas na narrativa (o que se sabe da história pela boca do próprio personagem), o conflito e o ponto de virada, o tempo e o espaço onde acontece a ação. Serão observadas as descrições sobre o personagem feitas pelo jornalista-narrador, a maneira como se refere a ele ao longo da narrativa e, por fim, haverá espaço para o exame dos efeitos de sentido (e de real) que o jornalista-narrador busca gerar no leitor.

Partir do texto, tomar o texto como ponto de partida e buscar as conexões inerentes que o geraram não pode prescindir da análise do contexto. O texto e suas significações são o nexos entre a produção e o consumo, entre o ato de enunciar e o ato de interpretar (atos de alguém, algum sujeito, em algum lugar e circunstância). O texto e suas significações são apenas a forma que assume a relação entre atores sociais vivos, concretos, humanos, históricos. Só assim concebo a análise de uma narrativa, qualquer narrativa. A análise da narrativa é um caminho rumo ao significado e o significado é uma relação: não há significado sem algum tipo de troca. Não se pode fazer análise da narrativa ignorando as relações culturais que se estabelecem no ato narrativo, desde o princípio. As narrativas são relações argumentativas que se estabelecem por causa da cultura, da convivência entre seres vivos com interesses, desejos, vontades, e sob os constrangimentos e as condições sociais de hierarquia e poder. (MOTTA, 2013, p. 121).

4.1 O EX-MENINO DE RUA TORNOU-SE ESCRITOR

O *Resumo da Notícia*¹, formato habitual de o *Diário Gaúcho* oferecer a síntese da história que será contada a seguir, apresenta o protagonista da reportagem intitulada *Salve, Jorge!* (ver Anexo C): “Ex-menino de rua, Jorge Luís Martins, 54 anos, dormiu nos bancos da Praça da Alfândega. Hoje, ele volta à sua antiga ‘morada’ para lançar o terceiro livro”. (RODRIGUES, 2013, p. 3). As breves linhas

¹ Motta (2013) observa que este é um hábito pedagógico de algumas das narrativas jornalísticas atuais.

que introduzem a narrativa que o leitor conhecerá adiante já dão pistas de um conflito superado (a situação de rua) e indicam as ações principais do personagem (voltar à praça e lançar o terceiro livro, depois de vencer a dificuldade vivida na infância).

Motta (2007) destaca que é comum, na narrativa jornalística, a história começar pelo seu clímax, pelo ponto mais alto. “O impacto causado pelas linhas iniciais de um texto é fundamental para que o leitor se envolva e decida ler o texto até o final”. (MARTINEZ, 2008, p. 67). Nesta reportagem em análise, antes mesmo do *lead*, o pequeno espaço destinado à síntese já entrega ao leitor o auge da narrativa, porque foi ali que o repórter identificou a potência de noticiabilidade na história de Jorge. Mas, na verdade, não está nesta informação a fonte geradora de expectativas no leitor: o repórter constrói a narração de modo que o receptor mantenha o interesse em saber o caminho² que o então menino de rua precisou percorrer para anos mais tarde alcançar o feito de lançar um livro. O narrador retarda a descrição da sequência de acontecimentos que deverá gerar mais curiosidade no receptor para mantê-lo ligado ao texto. Isso porque “O jornalismo vive de criar expectativas. Enquanto permanecem abertos, esses episódios capturam o espírito, ‘sequestram’ e reforçam o contato com o leitor”. (MOTTA, 2007, p. 151).

Na página do jornal, a reportagem é apresentada sob a forma de um texto principal, um quadro com dados sobre a trajetória literária do personagem e o serviço do lançamento do livro, além de um texto secundário – tudo sob a cartola *Feira do Livro*. A reportagem vai mostrando, aos poucos, quem é o personagem principal a partir de um retorno ao passado dele, mesclado com informações atuais.

Nesta reportagem, as indicações de tempo aparecem de diversas maneiras. Conforme Reuter (2011), elas ajudam na construção do efeito de real, da mesma forma que a identificação de lugares. Motta (2007) explica que isso dá a impressão de que o narrador fala de coisas reais. “Esse efeito de real no jornalismo se obtém com diversos recursos de linguagem e com uma fixação do centro do relato no aqui e no agora, no momento presente”. (MOTTA, 2007, p. 156).

² Sobre o caminho percorrido pelo personagem, é possível relacionar, de certa maneira, com a Jornada do Herói, um método desenvolvido pelo mitólogo norte-americano Joseph Campbell. “Ilustra o caminho que leva a pessoa a empreender vivências que a fazem mudar padrões de comportamento conscientes e inconscientes”. (MARTINEZ, 2008, p. 53). Para Martinez (2008), o percurso da aventura do herói reproduz rituais de passagem.

A primeira das indicações na reportagem mostra atualidade, quando o jornalista-narrador informa, no primeiro parágrafo, que o lançamento do livro será hoje (o dia da publicação da reportagem), às 15h. Essa mesma datação é marcada anteriormente no *Resumo da Notícia*. Desta maneira, situa o leitor e responde à pergunta *quando?*, da fórmula do *lead*. Mais adiante, quando o jornalista-narrador faz referência à visita feita pelo personagem à Praça da Alfândega, ele utiliza outro advérbio de tempo, o ontem. Na sequência, ao recuperar episódios do passado de Jorge, o jornalista-narrador chega ao momento em que o personagem recebe a oportunidade³ de lavar as ruas. A indicação temporal, porém, não é específica, mas marca uma etapa da vida do personagem, uma ruptura: “Certo dia, um homem lhe ofereceu a chance de lavar a cozinha e a louça no restaurante da Assembleia”. (RODRIGUES, 2013, p. 3). No quadro com informações sobre a trajetória literária do personagem, há a marcação de tempo no tópico que trata da data (o ano de 2011) desde a qual ele participa de feiras do livro no país e no exterior. Por fim, na fala do próprio personagem há a última marca de temporalidade, quando ele sublinha que amanhã (hoje, no texto) é o lançamento do terceiro livro de sua carreira.

Em relação ao espaço, há uma importância funcional no lugar onde a história se passa: a Praça da Alfândega é, ao mesmo tempo, cenário de uma vida difícil, onde o menino de rua passou fome, frio e dormiu sobre seus bancos duros, e o espaço para o qual Jorge retorna⁴ para contar sua história de superação. O lugar ajuda a compor o personagem. É um elemento fundamental na história de vida dele. Não é possível contar a história de Jorge sem citar a Praça da Alfândega. O espaço é, ainda, o cenário de um encontro inusitado entre Jorge e um morador de rua que estava num dos bancos onde ele dormira na infância, numa espécie de reencontro com o passado. E o personagem aproveita a oportunidade para dizer que já viveu aquela mesma realidade do andarilho, mas que deu a volta por cima.

³ Na estrutura básica da Jornada do Herói, a aventura é dividida em três fases: a partida, a iniciação e o retorno. Essas fases são organizadas por Campbell em 17 etapas. Nem todas podem ser identificadas nas reportagens, no entanto. O chamado para a aventura, que faz parte da fase da partida, compreende o evento que mudará a vida do herói da narrativa. Nesta reportagem em análise, este momento corresponde ao oferecimento de uma oportunidade, por um homem, ao então menino de rua, de lavar a louça do restaurante. Martinez (2008) esclarece que nesta fase aparecem figuras-mestras que dão ao herói segurança e conselhos.

⁴ Na fase do retorno, conforme a estrutura de Campbell, o herói deve voltar e transmitir o conhecimento aos seus pares. Martinez (2008) coloca que ele precisa voltar à vida cotidiana e “pode agora desfrutar de uma nova biografia pessoal e abrir-se para novas experiências”. (MARTINEZ, 2008, p. 56). É possível observar este movimento na história do ex-menino de rua. Ele volta à praça para contar a sua história por meio dos livros que escreveu. Tem uma nova vida, experimentou novas coisas.

O espaço é detalhado pelo jornalista-narrador (que fala das árvores frondosas, dos recantos da área de lazer) a partir da visita do personagem à praça. A narrativa não informa, porém, se Jorge foi propositalmente convidado pelo jornal a passear pela praça (o texto também traz a expressão *visita à antiga morada*), ou se, pelo fato de a entrevista ter ocorrido na véspera do lançamento do livro, talvez Jorge já estivesse nas imediações. É possível que a ideia de realizar a entrevista na praça tenha sido um recurso para facilitar a produção das fotos, ou promover uma série de lembranças que favoreceriam, posteriormente, a construção da narrativa pelo jornalista-narrador. Com menor destaque, outros espaços são apenas citados na narrativa: como a cidade de Novo Hamburgo, o porão da casa da avó, as lápides de um cemitério, a Praça de Autógrafos e o Santander Cultural.

Na abertura da reportagem, com o uso de frases de efeito, o jornalista-narrador faz a introdução do drama e da superação que o leitor começará a compreender a partir do terceiro parágrafo (os acontecimentos estão fora da ordem cronológica): O personagem “[...] esteve na porta do inferno e voltou como herói. Tinha tudo para dar errado, mas a vida lhe abriu os braços e ele se jogou”. (RODRIGUES, 2013, p. 3). Em relação a este recurso linguístico, Motta explica que “A linguagem jornalística é por natureza dramática e a sua retórica é tão ampla e rica quanto a literária”. (MOTTA, 2007, p. 160).

O jornalista-narrador promove uma volta no tempo⁵ e recupera a orfandade, a perambulação em Novo Hamburgo, a ocupação de catador de papéis e até os dias nos quais o personagem dormia sobre lápides de um cemitério. A permanência em Porto Alegre mostra que o tempo em que a Praça da Alfândega foi o endereço de Jorge (dos 13 aos 16 anos) também compõe a descrição de outras dificuldades: a fome, o frio e a convivência com prostitutas e traficantes. Tudo isso é uma tentativa de o jornalista-narrador promover efeitos de sentido, conforme Motta (2007), como, por exemplo, a comoção, a compaixão, a perplexidade. Mas a maneira como o drama foi tocado pelo jornalista-narrador, sem demonstrar empatia, sem aprofundar um problema específico, soa superficial. Pela leitura, não é possível saber como o Jorge menino se sentia na época em que não convivia com a família, passava fome e frio. O texto não traz o impacto emocional, psicológico, causado a alguém que viveu na rua e conseguiu superar a adversidade. E essa falta de profundidade

⁵ Recurso chamado de *flashback*.

psicológica o coloca, conforme a classificação de Forster (1974) como um personagem de caracterização plana⁶, embora tenha vários aspectos a serem observados. Do ponto de vista da ação, o personagem é um agente⁷, bem sucedido, pelo fato de ter alterado a própria história positivamente.

Nesta esteira, surgem, ainda, outras questões em aberto: o garoto chegou a ter envolvimento com drogas, ou pequenos delitos? Presenciou algo do qual não esqueça? Sofreu algum tipo de violência? O sentido da crítica não se dá pela busca de um apelo sensacionalista, mas para tensionar o processo de construção do personagem – mesmo porque até as vitórias do personagem são pouco exploradas. Destacar os sentimentos experimentados por ele no ocaso e no sucesso (como diz o título do quadro publicado na reportagem) e desenvolver melhor a transição da situação de rua (conflito dramático) para o trabalho e a alimentação regulares, à volta aos estudos, que credenciaram o personagem a alcançar o ponto de virada da própria história promoveriam a sensibilização do leitor e dariam mais veracidade à reportagem.

Ao longo da narrativa, Jorge é denominado de diversas maneiras: ex-menino de rua, sobrevivente das ruas, bacharel em Administração, guri que vivia de restos e sobras nas ruas e também como Jorge, empresário, que dá palestras, participa de eventos literários e faz trabalhos até como ator. A maneira de denominá-lo vai mudando conforme a história é contada, desde os momentos de dificuldade, até a mudança para uma vida diferente. Na intenção de exaltar a superação pessoal do personagem, o jornalista-narrador prefere evidenciar o passado doloroso, em detrimento das informações atuais e positivas sobre ele – isso aparece em formato de lista, num quadro secundário. Com isso, outros questionamentos ficam sem resposta: onde Jorge vive hoje? Ele tem, finalmente, uma moradia digna? Não está mais sozinho, formou família? A quem ele é motivo de orgulho? Se ele é o herói como a reportagem parece querer indicar, a narrativa deveria contemplar mais informações além dos eventos literários dos quais ele foi patrono. O jornalista-narrador como articulador da narrativa deixa a desejar neste aspecto.

Na reportagem, ao personagem são atribuídas três falas identificadas por travessões. “O jornalista pinça da fala da fonte aspectos que pretende ressaltar

⁶ Segundo Brait (1993), são constituídas ao redor de uma única ideia ou qualidade, definidas em poucas palavras e não reservam surpresas ao leitor.

⁷ Bremond (2008) considera quem produz o acontecimento, a ação.

dando outra dimensão ao discurso, dirigindo a leitura. As citações encobrem muito bem a subjetividade porque o leitor supõe que elas reproduzem literalmente o que a fonte disse e quis destacar”. (MOTTA, 2007, p. 158). Para Motta (2007), as citações conferem veracidade e promovem a sensação de aproximação entre o personagem que fala e o leitor. No caso da história de Jorge, cada uma das falas serve para marcar um momento da narrativa. Quando ele diz “Busquei subsídios na minha história para trazer valores como a amizade, o carinho e a solidariedade” (RODRIGUES, 2013a, p. 3), faz referência ao repertório pessoal utilizado para escrever os livros. A frase enaltece o que de bom restou da trajetória difícil do ex-menino de rua, que pode servir de lição para os leitores. A moral embutida nesta fala dá conta de que amizade, carinho e solidariedade são sentimentos que podem impulsionar a vida de qualquer pessoa.

A segunda fala, por sua vez, faz o contrário, reforça a imagem negativa da época em que Jorge vivia nas ruas: “Meu apelido era Múmia Paralítica, todo mundo me conhecia”. (RODRIGUES, 2013a, p. 3). O leitor deduz que o garoto era conhecido por viver numa praça pela qual passavam diariamente inúmeras pessoas. Mas, possivelmente, o comportamento, ou quaisquer outras características não citadas no texto, ajudaram a torná-lo conhecido. A última fala de Jorge, dirigida ao morador de rua com o qual ele se encontra durante o passeio, resume a história dele e confirma a necessidade de reforçar a imagem de um herói, de um vencedor: “Eu já vivi aqui nesses bancos, passei dificuldades e hoje sou escritor. Amanhã (hoje) lançarei meu terceiro livro”. (RODRIGUES, 2013a, p. 3). A fala é uma lição de esperança para o morador de rua que é interlocutor de Jorge, mas também pode provocar a identificação do leitor que possa estar diante de um problema que considere insolúvel.

A reportagem é ilustrada por duas fotografias produzidas pelo repórter fotográfico Luiz Armando Vaz: a principal, do personagem no lugar em que é realizada a entrevista, a Praça da Alfândega, e uma foto secundária, da capa do livro de Jorge. Dentro da área da reportagem, há, ainda, um quadro identificado como *Dica do Diário*, em que constam informações sobre a obra de Fernando Pessoa, como sugestão de leitura.

A fotografia principal está no topo da página, ao lado do título e do Resumo da Notícia e ocupa três colunas. A foto não é posada e o personagem aparece com o olhar voltado para o horizonte, com livros e papéis debaixo do braço esquerdo e

caminhando por uma praça arborizada, com bancos, bancas da Feira do Livro de Porto Alegre ao fundo, algumas pessoas sentadas e outras circulando pelo local. Com a leitura do texto do Resumo da Notícia, e posterior observação da fotografia principal, o leitor confirma que o ambiente em que Jorge foi retratado é o mesmo onde ele viveu num período de sua vida, a Praça da Alfândega. A legenda da foto *De andarilho a escritor de sucesso* trabalha com a imagem registrada pelo repórter fotográfico, de um homem comum, caminhando como tantos trabalhadores fazem corriqueiramente pelo local, o mesmo no qual, anteriormente, Jorge não caminhava, mas perambulava perdido, sem rumo.

Motta (2007) observa que todas as narrativas, fáticas ou fictícias, se constroem com um fundo ético e moral. “São dispositivos argumentativos produtores de significados e sua estruturação na forma de relatos obedece a interesses do narrador (individual ou institucional) em uma relação direta com o seu interlocutor, o destinatário ou audiência”. (MOTTA, 2013, p. 120-121). A *moral da história* de Jorge aparece em dois momentos. Primeiro, quando o jornalista-narrador diz que “ele só virou a página da sua história ao fortalecer laços de amizade, passar a fazer o bem e lutar por um futuro melhor.” (RODRIGUES, 2013a, p. 3). O texto indica, portanto, que este é o caminho para superar um momento de dificuldade. E, depois, na transição da situação de rua para uma vida diferente, quando um homem ofereceu ao menino a chance de trabalhar no restaurante da Assembleia. “O guri que vivia de restos e sobras nas ruas passou a se alimentar regularmente, voltou a estudar. O resto é história de superação que hoje ilustram as páginas de sua obra”. (RODRIGUES, 2013a, p. 3).

A partir disso, é possível depreender que esta narrativa, à sua maneira, prevê estimular a transformação social por meio do otimismo que revela, de que é possível reverter situações extremas de abandono, pobreza e desesperança.

4.2 A DECORAÇÃO DE NATAL DE ISABEL

Conforme o pensamento de Reuter (2011), o lugar onde o personagem vive e a maneira como ele mora indicam, conseqüentemente, o que ele é. Na reportagem *Um lar pronto para o Natal* (ver Anexo D) mostra que o lugar onde vive a personagem Isabel Cristina Mello Bittencourt, 57 anos, não apenas ajuda a defini-la, como também é onde a ação da personagem na narrativa se passa e,

consequentemente, o acontecimento que gerou a notícia. É a partir do lugar, também, que aparece o conflito e o ponto de virada da história.

A narrativa informa que Isabel mora sob o viaduto Tiradentes da Avenida Silva Só, na Capital. A área não é apenas o palco onde ocorre a ação na narrativa, mas é um ambiente, que “É o espaço carregado de características socioeconômicas, morais e psicológicas em que vivem os personagens. Neste sentido, ambiente é um conceito que aproxima tempo e espaço, pois é a confluência destes dois referenciais, acrescida de um clima”. (GANCHO, 2004, p. 27). O ambiente no qual Isabel mora situa a personagem num grupo social e determina as condições em que ela vive.

A ação que a personagem desempenha é participar da elaboração de uma decoração de Natal embaixo do viaduto, feita pelos moradores de rua que vivem no local. Ao indicar a localização do viaduto, a jornalista-narradora confirma que ele existe e que a decoração pode ser apreciada por qualquer pessoa que quiser deslocar-se até o local, inclusive por tratar-se de uma área pública – e isso contribui para a construção do efeito de real. A decoração de Natal é descrita pela jornalista-narradora (há árvore, bolinhas coloridas e festão, todos os itens provenientes de doações), que qualifica o lugar decorado com a expressão *cenário de festa de final de ano*. (WASKOW, 2013a). O texto informa, ainda, que o lugar é chamado de lar.

Para demonstrar a força da ação da personagem e promover a sensibilização do leitor, já que “[...] a narrativa é utilizada para atrair, seduzir, persuadir, convencer, obter resultados, efeitos de sentido, satisfazer a um desejo e a um projeto discursivo do narrador” (MOTTA, 2013, p. 147), a jornalista-narradora afirma que, naquele lugar por onde pedestres passam distraídos e os motoristas preocupados com o trânsito, instalou-se o espírito natalino. De maneira subliminar, o trecho pode dar a entender que o Natal pode acontecer em qualquer ambiente, mesmo sob um viaduto, assim como a chegada do Menino Jesus se deu num lugar improvisado, uma gruta, em meio aos animais. A jornalista-narradora completa a ideia enfatizando que, “Muitos são os que param para fotografar e admirar a decoração elaborada pelos moradores de rua que vivem no local”. (WASKOW, 2013a, p. 4).

O conflito aparece quando a narradora-repórter acrescenta que a personagem “[...] acalenta o sonho de voltar a ter uma casa para receber filhos e netos”. (WASKOW, 2013a, p. 4). Incluir esta informação na narrativa é mais um artifício para alcançar os leitores e promover a empatia, uma vez que as festas de final de ano

costumam ser realizadas nas casas das famílias, preparadas especialmente para a reunião de parentes. Mas, no caso de Isabel, isso não será possível também porque além de não ter uma casa, na rua ela conta apenas com a companhia dos cães Maxweel, Tufão e Théo.

A personagem aparece entre dois mundos: o real (o viaduto chamado de lar, que vira cenário da festa de final de ano), onde ela está, e o ideal (a casa onde ela sonha conviver com filhos e netos, desempenhando afazeres comuns às donas de casa), onde ela sonha estar. Sem fornecer detalhes, a jornalista-narradora explica: “Por alguns obstáculos da vida, esse desejo ainda não se concretizou. Mas Isabel não deixa de acreditar no Papai Noel”. (WASKOW, 2013a, p. 4). A jornalista-narradora ainda apela para a fantasia, comparando o sentimento da personagem ao de “uma criança que torce para que o tão esperado pacote esteja embaixo do pinheirinho na noite de Natal”. (WASKOW, 2013a, p. 4). Não abandonar a esperança de um dia voltar a ter uma casa é o ponto de virada da história. A *moral da história* está também ali: o verdadeiro espírito de Natal existe entre aqueles que não desistem de acreditar na mudança.

A narrativa não traz os motivos pelos quais Isabel começou a viver na rua, longe da família. Isso dificulta a compreensão da personagem. Teria havido uma desavença familiar? A personagem seria alcoólatra ou usuária de drogas e, por conta dos vícios, afastou-se dos parentes? Teria tido problemas financeiros extremos, que a levaram a perder a moradia? São questões que a narrativa não responde e que reduzem a complexidade da personagem. Talvez até o verdadeiro conflito da história (a causa da situação de rua em si) tenha sido omitido com ou sem a intenção do jornalista-narrador. São suspeitas que não poderão ser confirmadas apenas pela leitura da reportagem. Motta (2007) destaca que, no jornalismo, sabemos da pessoa apenas o personagem que a imprensa mostra. “A mídia constrói personagens de acordo com seus critérios jornalísticos e de verossimilhança”. (MOTTA, 2007, p. 153). Houve, sem dúvida, alguma intencionalidade em não mostrar a vida pregressa da personagem – talvez a pedido da própria Isabel, ou pela dramaticidade da história (que desviaria o foco da narrativa), ou, ainda, por desinteresse do repórter em apurar estas informações – o texto não dá pistas.

A dimensão psicológica da personagem e suas expectativas aparecem por meio das falas costuradas na narrativa. “A personagem é um ser que pertence à história e que, portanto, só existe como tal se participa efetivamente do enredo, isto

é, age ou fala”. (GANCHO, 2004, p. 18). Então a fala “O Natal me transmite alegria. O meu coração se enche de esperança. E tudo que eu pego eu faço com carinho” (WASKOW, 2013a, p. 4) dá a ver uma personagem otimista, motivada e esperançosa, que consegue alegrar-se diante da dificuldade que poderia torná-la amargurada. As condições precárias da vida da personagem não alteraram sua visão positiva das coisas.

A fala seguinte mostra as carências da personagem, a saudade de desempenhar tarefas prosaicas, que ela não tem a oportunidade de realizar porque vive na rua. A intenção da jornalista-narradora, neste caso, além de promover efeitos de sentido, como a comoção, parece ser a de provocar no leitor a reflexão sobre as pequenas coisas da vida e a felicidade que pode morar nelas: “É desse calor que eu sinto falta, de conviver com eles fazer um doce, um pudim para eles comerem. Tenho vontade de abrir a janela da minha casa, colocar as cobertas no sol”. (WASKOW, 2013a, p. 4).

A última fala vem na sequência de um conflito secundário. Além da falta da casa e da família, a personagem convive com outra dificuldade: a necessidade de um tratamento dentário que, se um dia recebesse, gostaria de estender também à filha (identificada apenas pelo primeiro nome, Jaiane, 25 anos, e sem outras informações como onde reside, o que faz): “Tenho vontade de dar essa alegria para ela, de voltar a sorrir”. (WASKOW, 2013a, p. 4).

Embora falem subsídios, é possível enquadrar a personagem na classificação redonda: “[...] definidas pela sua complexidade, apresentando várias qualidades ou tendências, surpreendendo convincentemente o leitor. São dinâmicas, multifacetadas, constituindo imagens totais e, ao mesmo tempo, muito particulares do ser humano”. (BRAIT, 1993, p. 41). Já do ponto de vista da ação, a personagem é do tipo paciente, porque é afetada por um processo – que a levou para as ruas, onde se tornou participante da decoração natalina que virou notícia.

A reportagem teve uma chamada na capa da edição, com foto dos moradores de rua enfeitando um pinheiro sob o viaduto. Já na página interna, com a cartola “À espera do Papai Noel”, a narrativa é apresentada a partir de um texto principal, que trata da história de Isabel, acompanhado por uma fotografia dela, em três colunas, logo abaixo do título. Na imagem feita pelo repórter fotográfico Mateus Bruxel, a personagem aparece debaixo do viaduto, enfeitando uma árvore de Natal, cercada por um boneco e carrinhos de supermercado com caixas de papelão e roupas

penduradas. A imagem identifica a área pública, com pessoas caminhando na rua e um carro passando pelo viaduto.

Logo abaixo do texto principal há um texto secundário, que apresenta um segundo personagem. Ele é morador de rua, assim como Isabel, mas as histórias deles não se cruzam na narrativa. É o catador de material reciclável Valério de Oliveira Pinheiro, 35 anos, que vive há quatro anos no local e há três participa do trabalho de decoração do viaduto (há, inclusive, uma foto dele na reportagem, arrumando os enfeites). Assim como Isabel, ele tem o seu companheiro, o cãozinho Amarelo. Ao incluir essa informação no texto, inclusive com o nome do animal, a jornalista-narradora toca, principalmente, o leitor que aprecia animais de estimação, porque reforça a ideia de que os cães são companheiros do homem em qualquer circunstância, tão fiéis quanto os humanos.

Numa das suas falas, Valério resgata a motivação para enfeitar o local onde mora: “Devemos nos lembrar dos tempos de criança, quando as nossas mães faziam isso. Não podemos deixar essa cultura sair de nós”. (WASKOW, 2013a, p. 4). É outra fala que está na narrativa a fim de provocar a reflexão do leitor, especialmente por ser a constatação de que a educação recebida na infância pode seguir repercutindo na vida adulta.

A narrativa desconsidera absolutamente todo o lado dramático da situação de rua: a exposição à violência, à drogadição, à falta de alimento, de um espaço digno para dormir e fazer a higiene. Não há qualquer tensionamento do problema junto ao poder público, nem a contextualização da realidade dos moradores de rua da cidade. A narrativa coloca a personagem alheia a tudo isso e também não informa de que maneira Isabel sobrevive (não há qualquer referência à profissão ou ocupação) – só diz que ela é conhecida pela vizinhança, o que pode sugerir que ela receba algum tipo de ajuda. De certa maneira, a narrativa explora a situação da personagem a partir de um detalhe peculiar da sua história, mas não promove no leitor qualquer sentimento além de pena, consternação. Sendo assim, não estimula qualquer reação do leitor diante desta história, nem mesmo a mudança da própria personagem.

Em relação à temporalidade, a jornalista-narradora informa que Isabel mora sob o viaduto há uma década, e que há sete anos prepara a decoração de Natal no local (a ideia surgiu quando a personagem viu um ônibus decorado por perto e decidiu juntar tudo o que tinha para montar a decoração). Não há indícios no texto

da data em que a entrevista foi realizada. Assim, é possível depreender de que se trata de uma reportagem atemporal (diferentemente da reportagem baseada no factual, que precisa ser publicada no dia seguinte à produção), mas publicada, obviamente, no período anterior ao Natal.

4.3 O HOMEM QUE VIVE ENTRE OS FINADOS

Foi o fato de morar sozinho entre 8 mil sepulturas que fez com que Gilmar Xavier Rosa, 44 anos, se tornasse o personagem principal da reportagem *Sábado para lotar o 'pátio' de Gilmar* (ver Anexo E), publicada na edição do dia de Finados do ano de 2013. Viver onde ninguém está vivo – ou ninguém quer morar, como indica o texto, fazendo vizinhança com tantos túmulos, é a principal ação do personagem nesta narrativa, e a síntese da notícia⁸.

A relação espaço-tempo aparece em sequência, na apresentação do personagem: há 17 anos, ele mora no Cemitério Municipal Santo Antônio, no Bairro Estância Velha, em Canoas. “O espaço tem como funções principais situar as ações das personagens e estabelecer com eles uma interação, quer influenciando suas atitudes, pensamentos ou emoções, quer sofrendo eventuais transformações provocadas pelas personagens”. (GANCHO, 2004, p. 27). A narrativa demonstra essa interação entre Gilmar e o cemitério. A vida dele está vinculada àquele espaço, pois é local de trabalho (o texto informa que ele é zelador e coordenador de equipe) durante o dia, e é o lugar onde ele dorme à noite, na casa com três cômodos, que fica logo depois do portão de entrada (essa rotina se repete há 17 anos, o que reforça a ideia de vínculo). O título da reportagem remete a essa ligação, ao dizer que “o pátio de Gilmar” (ideia de propriedade) estará lotado no Dia de Finados, pelo costume de parentes dos falecidos visitarem as sepulturas de seus mortos sempre no dia 2 de novembro, ocupando a área externa à casa do zelador.

Na página, a reportagem cuja cartola é *Dia de Finados*, é apresentada a partir de um texto principal e dois textos secundários, além de duas fotografias feitas pela repórter fotográfica Lívia Stumpf. Na imagem principal, que ocupa cinco colunas no

⁸ Esta reportagem pode ser classificada como *fait divers*, pois “traz em sua estrutura imanente uma carga suficiente de interesse humano, curiosidade, fantasia, impacto, raridade, humor, espetáculo, para causar uma tênue sensação de algo vivido no crime, no sexo e na morte”. (ANGRIMANI, 1995, p. 26). Nesta reportagem, explora o inusitado da situação e deixa o personagem numa posição quase secundária. Motta (2013) coloca que, neste tipo de reportagem, o repórter tem uma liberdade maior para criar, utilizando uma linguagem quase ficcional.

topo da página, antes mesmo do título, Gilmar aparece de uniforme, “em seu pátio”, sentado sobre um túmulo. A fotografia é posada e ele está com a expressão séria. Na imagem menor (ocupa o espaço de duas colunas), foi fotografado diante da porta de casa, acompanhado pelo cão chamado Sem Nome. Parece mais à vontade com a situação de posar para uma foto. Já na imagem da capa, que recebeu a chamada *O homem que vive entre os finados*, Gilmar está sorridente.

Não há um conflito importante a ser resolvido na história. No entanto, a narrativa contempla dificuldades enfrentadas pelo personagem ao longo dos anos, todas relacionadas com o cemitério e a profissão. A primeira delas foi superar a frustração por ter feito um concurso público da secretaria de transportes e acabar atuando profissionalmente num cemitério. Isso aparece na primeira fala dele: “Entrei no concurso achando que viajaria em caminhões. Eu nunca tinha entrado num cemitério”. (CUSTÓDIO, 2013a, p. 6).

Outras barreiras a serem vencidas pelo personagem dizem respeito à questão psicológica para lidar com a morte. O personagem “não se assustou com o primeiro velório, mas ficou sem dormir depois de exumar um corpo. Chegou a pensar em desistir. Mesmo depois de se acostumar, ainda sente desgosto”. (CUSTÓDIO, 2013a, p. 6). A jornalista-narradora deixa para a segunda fala do personagem o impacto da função que ele desempenha: “Quando é criança, a gente chora junto”. (CUSTÓDIO, 2013a, p. 6). Ao incluir a fala, a jornalista-narradora quer dar pistas dos traços emocionais do personagem, como a sensibilidade, que aparecem pelas entrelinhas e tocam os leitores – especialmente os que já perderam alguma criança na família, ou os que têm filhos pequenos, que imediatamente se colocam na situação relatada. Não há, porém, outros indícios da profundidade psicológica do personagem, que pode ser caracterizado como plano, por ter poucos atributos. Em relação à ação, o personagem é do tipo paciente, pois “[...] toda personagem o foi, o é, ou o será”. (REUTER, 2011, p. 48).

A narrativa é construída de modo que a informação sobre a ausência da família também diz sobre o personagem (sugere a solidão, pois o texto informa que ele é natural de Santa Catarina, onde estão os parentes). Isso aparece quando a jornalista-narradora traz que o personagem é solteiro, e a mãe dele, que chegou a fazer companhia ao zelador, mudou-se do local depois de seis anos. Não aparecem na narrativa os motivos pelos quais a mãe decidiu ir embora e nem se o fato de ele residir num local tão estranho tenha impactado na vida afetiva do personagem. A

terceira fala demonstra o nível de estranhamento de quem fica sabendo que ele mora no cemitério: “As pessoas perguntam ‘como é morar lá dentro? Tu não tem medo?’ Digo que não, pois abro a porta e já estou com as ‘visitas’ na frente”. (CUSTÓDIO, 2013a, p. 6).

Depois da apresentação do personagem no texto principal, os dois textos secundários são recursos que a jornalista-narradora utiliza para contar os “causos” vivenciados pelo personagem. Assim, segura a atenção do leitor, cuja curiosidade será saciada com as peripécias pelas quais o zelador do cemitério passa. No texto intitulado *Taxista pensou ver um fantasma*, a jornalista-narradora inicia a narrativa com a indicação de tempo *certa vez*, o que remete a um tempo imaginário e dá ares de ficção à narrativa jornalística. A fala do personagem mostra que é comum as pessoas se assustarem (como foi o caso do taxista) quando sabem que Gilmar mora num cemitério: “Desci do carro e disse para ele: ‘não te preocupa que eu tô vivo. Os cachorros ali já me reconheceram. Vou abrir o portão e vou entrar’”. (CUSTÓDIO, 2013a, p. 6).

O ponto de virada da narrativa (que pode ser identificado também como a *moral da história*) aparece no outro texto secundário, numa das falas do personagem: “Aprendi a interagir com o ser humano, né? Com o público. Passei a dar valor à vida. Não adianta ter o bolso cheio se todos terminam aqui”. (CUSTÓDIO, 2013a, p. 6). O fato de o desfecho da narrativa ser a afirmação do personagem dizendo que gosta do lugar onde vive, não esconde de ninguém que é um cemitério e encara com naturalidade a curiosidade dos que se espantam com isso, desmistifica um ambiente visto com reservas (e até medo) por muitas pessoas. O personagem chega ao ponto de revelar que sua vida mudou depois que passou a morar no cemitério. Isso altera o sentido da narrativa, que poderia ser ancorada apenas pelo inusitado de uma pessoa viver entre os mortos. Apesar de promover a reflexão do leitor a respeito da certeza da morte e, conseqüentemente da valorização da vida, a narrativa não avança no sentido da transformação da realidade, fica na esfera do inusitado, de um caso a chamar a atenção do leitor.

4.4 AS VÍTIMAS DA FILA DA SAÚDE PÚBLICA

O caldeireiro aposentado João Carlos Severo, 78 anos, da cidade de Esteio, e a diarista Rosângela de Fátima dos Santos Motta, 52 anos, da cidade de Viamão,

dois pacientes que sofrem pela longa espera por cirurgias de traumatologia, são os personagens da reportagem *Espera gera sequelas* (ver Anexo F). Na apresentação, o jornalista-narrador já traz o conflito vivido pelos personagens, pois eles “[...] integram uma estatística informal e não contabilizada pelos órgãos da Saúde: a dos pacientes com lesões graves que ficam com sequelas devido à demora no atendimento”. (RODRIGUES, 2013b, p. 3).

João e Rosângela, personagens retratados na narrativa como vítimas, são do tipo pacientes, conforme Reuter (2011), que vêm a ser afetados pelo processo (morosidade do sistema de saúde) e são personagens planos, pois são construídos ao redor de uma ideia, de uma esfera, a da saúde. Nesta narrativa, ambos são afetados por uma situação de forma negativa: João tem um trauma no ombro, e Rosângela, no quadril. A morosidade no atendimento pela rede pública de saúde, conforme a queixa deles, já gerou o comprometimento dos membros. João é o personagem principal (a história dele é contada no texto de abertura e ele também aparece na capa do jornal, na fotografia que acompanha a manchete “10 mil esperam na fila para ortopedista”). O jornalista-narrador informa que o paciente espera desde 2011 por uma consulta com especialista em ombro (numa queda em casa, em 2009, ele teve ruptura completa do manguito rotador direito). Para dimensionar o impacto do problema, o jornalista-narrador destaca a dor intensa, a perda da força no braço e a limitação dos movimentos como principais prejuízos na vida de João. O personagem completa a descrição em sua primeira fala: “Não posso fazer nada, pegar coisas pesadas, comer direito e nem dormir desse lado do corpo”. (RODRIGUES, 2013b, p. 3).

Ao construir o personagem a partir do que causa sofrimento ao personagem (não apenas físico, mas também psicológico), o jornalista-narrador tenta demonstrar que está submetido ao interesse do personagem e, por consequência dos leitores (no sentido de *comprar a briga* daquele personagem e cobrar do poder público uma resposta como se fosse para si), mas não chega a dramatizar⁹. “A dramaticidade da notícia deve ficar evidente não por adjetivos, mas pela descrição dos fatos dramáticos; ou seja, a descrição da intensidade do fato dependerá de um texto bem apurado e portador de uma tensão jornalística”. (AMARAL, 2006, p. 121). O

⁹ “Tornar um fato interessante e comovente como um drama, apresentando-o sob aspecto trágico ou evocando-o com cores mais vivas do que as que realmente têm”. (AMARAL, 2006, p. 119).

jornalista-narrador parece querer que o leitor se coloque no lugar dos personagens, identifique neles alguma dificuldade semelhante pela qual tenha passado.

Já Rosângela é retratada como personagem secundária, que ajuda a reforçar o argumento apresentado pelo jornalista-narrador (de que a lista de pacientes que esperam por cirurgia pelo SUS na Capital só aumenta à medida que o tempo passa, chegando a 10 mil pacientes na fila). Embora a sequela do problema no quadril tenha causado o afastamento laboral de Rosângela e ela tenha inclusive deixado de caminhar pelo agravamento da doença, o tempo de espera dela em relação à espera de João é menor, de menos de um ano. Se os dois personagens tivessem o mesmo espaço na narrativa, nenhum deles teria destaque, com o risco de o leitor não interessar-se por nenhuma das duas histórias, sendo elas anuladas. Daí, conclui-se que foi tomada a decisão editorial de aprofundar a complexidade de apenas um personagem.

No desenvolvimento da história de João, aparece uma personagem secundária ligada a ele. Gancho (2004) explica que as personagens secundárias podem desempenhar o papel de ajudantes do protagonista. É este o papel de Lisamara da Rosa Severo, 51 anos, filha de João. A ação desta personagem é fazer a crítica em relação à situação do pai e indicar o ponto de virada da história. Acompanhando o pensamento de Syd Field, Motta (2013) observa que o ponto de virada é o tipo de evento que reverte a narrativa para outra direção. Ao informar que ingressou com pedido de providências no Ministério Público, Lisamara muda o status de João de vítima para o de um cidadão que conhece seus direitos e busca cobrá-los. Amaral (2006) destaca a importância dos jornais no sentido de mostrar à sociedade que pessoas como João podem ser elevadas à categoria de cidadãos. E em sua fala, Lisamara protesta: “É um descaso. Ele já está com um caroço na parte de cima da coluna por causa desse problema no músculo”. (RODRIGUES, 2013b, p. 3).

Na relação espaço-tempo, o texto informa onde os pacientes vivem (e buscam atendimento¹⁰, conseqüentemente), mas a narrativa é construída num outro espaço: o espaço da fila, que é um lugar (virtual) que reúne os pacientes que esperam por cirurgias. Da mesma maneira, o tempo, que é pano de fundo do

¹⁰ Os personagens residem em cidades da Região Metropolitana, mas entram na lista de espera de Porto Alegre porque a Capital tem a gestão plena do SUS, conforme a reportagem. Há uma central de marcação de consultas que encaminha os pacientes mensalmente, de acordo com a capacidade de cada especialidade.

enredo, está relacionado com o espaço, a fila, e é indicado pelos meses ou anos de espera por atendimento.

A decisão de tornar pública esta dificuldade, a partir do contato com a imprensa, pode ser interpretada como uma tentativa de os personagens obterem o encaminhamento de suas demandas. No entanto, não há garantias de que o recurso efetivamente dê resultado.

Na página, sob a cartola *Dureza no SUS*, a narrativa é organizada a partir de um texto principal (com a apresentação do enredo e dos personagens, com desenvolvimento da história de João), dois textos secundários (um deles sobre a segunda personagem, inclusive com foto) e quatro quadros explicativos (um deles tratando sobre o estrangulamento de algumas áreas da saúde, como a ortopedia) e o contraponto das secretarias de saúde. Se for feita uma comparação entre o espaço destinado aos personagens e à fala da fonte oficial, percebe-se que a narrativa sobre os personagens e o enredo em si, são maiores que a área ocupada pelo contraponto do governo.

As fotografias feitas pela repórter fotográfica Lívia Stumpf contribuem muito para o entendimento da construção dos personagens, e como estratégia de produção de efeitos de real, pois causa a impressão de que o jornalista-narrador fala de coisas verídicas. João, por exemplo, aparece sentado atrás de uma mesa, segurando o ombro machucado, com uma expressão de dor. Atrás dele, uma mulher (provavelmente a filha, Lisamara, identificada no texto, mas não na legenda da foto) mostra um exame de imagem. Embora o exame não esclareça ao leitor (leigo no que diz respeito à análise das chapas de raio-x) sobre o problema de saúde, a inclusão do elemento na fotografia ajuda a compor o universo que cerca o personagem e a dificuldade que precisa vencer. Rosângela também é retratada em seu ambiente, deitada numa cama, onde ela precisa ficar por conta do agravamento do problema no quadril. O texto completa a leitura da imagem e dimensiona a dependência da personagem: “A dor na perna direita é tanta que precisa da ajuda das filhas para se vestir e tomar banho”. (RODRIGUES, 2013b, p. 3).

O desfecho da narrativa é apresentado sob a forma de num quadro no qual é concedido ao Estado o espaço para responder aos casos relatados a partir das queixas dos personagens. Cabe ao jornalista-narrador desempenhar a ação de ligar dois segmentos do sistema até então distantes (reclamante e reclamado, paciente e SUS) para concluir a narrativa. Antes da palavra das secretarias, porém, o jornalista-

narrador inclui uma frase que antecipa o julgamento que poderá vir a ser feito pelo leitor: *jogo de empurra adia solução* (RODRIGUES, 2013b, p. 3), direcionando assim a interpretação do que virá a seguir, podendo comprometer a imparcialidade.

A voz oficial aparece então pelo discurso da Secretaria Estadual da Saúde. Dá conta de que o pedido de consulta de João entrou no sistema em 2011, mas o município de Esteio não completou informações do paciente, o que gerou indeferimento da solicitação. Já sobre o caso de Rosângela, respondeu que o pedido de consulta fora feito em fevereiro de 2013, mas teria sido cancelado porque a paciente fora atendida em outro serviço. Com nova solicitação, a paciente seguia na fila, pois o caso não era considerado grave. Para contrapor as informações prestadas na esfera estadual, as prefeituras de Esteio e Viamão também obtiveram espaço. Esteio confirmou que João entrou em 2011 no sistema de regulação, mas aguardava a chamada para consulta na cidade em Canoas, onde são disponibilizadas apenas oito fichas por mês. E conclui que o encaminhamento havia sido feito na semana anterior e o paciente seria chamado em breve. Já Viamão confirmou que o caso de Rosângela não fora avaliado como prioridade.

A narrativa não termina com o final com o qual certamente os personagens esperavam, mas o fundo moral que fica parece ser o de que a saúde não deveria ser vista como uma conquista, mas como um direito pelo qual a população deve lutar. Os personagens seguem na fila, à espera de atendimento médico, mas agora com a certeza de que não são mais um número, mas cidadãos que merecem a observância dos seus direitos. “O desafio dos jornalistas é tratar da condição humana e colocar as pessoas em primeiro lugar, sem desligá-las ao aparato social”. (AMARAL, 2006, p. 125).

O fato de os personagens terem procurado o jornal para tornar público seus problemas de saúde é um passo na direção da transformação social. No entanto, se o clamor ficar restrito a uma reportagem, por exemplo, de nada terá adiantado expor o drama e as dores do personagem apenas para alfinetar a administração pública. Um jornal que estimula o leitor a buscar os seus direitos de cidadão é aquele que não assume a demanda do personagem – até porque aquele caso é um em meio a milhares – mas que cobra que todos os cidadãos tenham o mesmo tratamento, que mostra aos leitores que eles devem conhecer os seus direitos e exigir que sejam atendidos. Neste sentido, a narrativa não avança para além daqueles casos nos

quais os protagonistas são vítimas e, de certa maneira, sugere acomodação porque o tom não é combativo.

4.5 A GARI QUE VIROU MISS

Como é tradicional na narrativa jornalística, a reportagem *Show de beleza e autoestima* (ver Anexo G) começa pelo ponto alto da história: no *lead*, informa que a personagem principal, a gari Suelen Weber Abreu, 21 anos, do Bairro Belém Novo, conquistou, numa disputa entre 34 candidatas, o título de Mais Bela Gari de Porto Alegre, na noite de sábado. Mas o destaque desta narrativa é a maneira como ela foi construída pela jornalista-narradora, que atua como uma câmera narrativa (BRAIT, 1993), porque conta minuciosamente as cenas desde onde elas ocorreram, na intenção de colocar o leitor no cenário do acontecimento. O narrador é “[...] esta instância narrativa que vai conduzindo o leitor por um mundo que parece estar se criando à sua frente”. (BRAIT, 1993, p. 52-53). Conforme Brait (1993), essa mesma câmera vai focalizar a personagem nos momentos que interessarem à história.

Conforme Reuter (2011), esse modo narrativo de mostrar dá ao leitor “[...] a impressão de que a história se desenrola, sem distância, diante dos seus olhos, como se ele estivesse no teatro ou no cinema. Constrói-se, assim, a ilusão de uma presença imediata”. (REUTER, 2011, p. 60).

Essa estratégia de produção de efeitos de real que inclui a descrição do desfile das candidatas no Ginásio Tesourinha (o primeiro espaço onde o enredo se passa): “A primeira entrada no palco, com a roupa de trabalho, foi cheia de descontração, ao som da Dança da Vassoura, do Grupo Molejo”. (WASKOW, 2013b, p. 8). A narrativa trata ainda do clima do público (qualificado como tímido, mas caloroso), da expectativa das candidatas no camarim e do momento do anúncio da vencedora, mostrando ao leitor que a jornalista-narradora esteve lá, o que confere veracidade ao relato, ancorado nos detalhes: “Ao ouvir seu nome, a Mais Bela Gari ergueu os braços e, logo depois, agradeceu ao público e ao júri, enquanto recebia os prêmios, sob os aplausos de todos”. (WASKOW, 2013b, p. 8). A fotografia principal da página confirma a descrição porque registra o momento em que Suelen levanta os braços e sorri ao saber da vitória. Conforme Motta, “O texto dá a impressão de que não há mediação, fato em si mesmo parte de uma estratégia

argumentativa. Em última instância, a objetividade é em si mesma, paradoxalmente, um ardil argumentativo”. (MOTTA, 2013, p. 200).

As falas da personagem principal também são utilizadas para dar a impressão de que é uma pessoa real que fala diretamente ao leitor, sem a interferência da jornalista-narradora. A segunda fala da protagonista tem ainda outras razões: demonstrar o pensamento dela sobre a experiência de participar de um concurso de beleza e também resumir a “moral da história”: “O que mais me marcou nesta conquista foi reconhecer minha capacidade, que eu posso mais. A gente tinha que dar o nosso melhor”. (WASKOW, 2013b, p. 8).

A reportagem não tensiona diretamente uma questão delicada que é a da invisibilidade vivida pelas pessoas que atuam na limpeza pública das cidades, que manejam com o lixo. Sutilmente, aparece a palavra autoestima, como uma necessidade a ser suprida pela promoção de um concurso de beleza. A narrativa não estigmatiza a personagem por conta da atividade, mas também não promove a crítica à sociedade que, muitas vezes, não reconhece sua importância. A fala do Rei Momo de Porto Alegre, Fábio Verçoza, coordenador do concurso, corrobora com a ideia de que o concurso alterou a percepção que as garis tinham de si: “Eu fico com a sensação de dever cumprido. Uma delas me disse que eu a ensinei a viver. Olha que coisa mais linda”. (WASKOW, 2013b, p. 8).

Na página, a narrativa é apresentada a partir de um texto principal, além de quatro textos secundários, um quadro com a classificação das candidatas premiadas e quatro fotografias. A reportagem também teve chamada de capa com a foto da vencedora.

Um dos textos secundários, que trata da família da personagem, indica uma mudança de espaço – do cenário do concurso para a casa de Suelen, no Bairro Belém Novo – o que ajuda na construção da personagem e mostra a condição socioeconômica. Pela fotografia, identifica-se a sala da casa humilde onde a vencedora (retratada com o vestido, a faixa e a coroa do concurso, mas já de chinelos de dedo, confortável, no sofá com os parentes) vive com a família.

O núcleo familiar reúne personagens secundários. Eles contribuem na compreensão das características da personagem principal pelo leitor porque revelam detalhes da trajetória de Suelen até então não contemplados. O pai da protagonista, por exemplo, o eletricitista Sérgio Luis Abreu, 46 anos, aparece na narrativa como um adjuvante, o que Brait (1993), a partir dos estudos de Souriau e Propp, define como

um auxiliar do personagem. No enredo, ele surge como quem ajudou Suelen a superar um conflito. Com a morte do irmão de 17 anos, pouco mais de um mês antes do concurso, a personagem pensou em desistir da competição. O pai teve o papel de incentivador. A reportagem não informa a causa da morte do rapaz, mas o peso da perda é visto na fala da protagonista: “Tinha dias em que eu ia, mas pensava em desistir”. (WASKOW, 2013b, p. 8).

A irmã da protagonista, a auxiliar administrativa Luana Weber, 24 anos, e a vizinha, a cabeleireira Mariana Azevedo, 26 anos, estão na narrativa para reforçar o reconhecimento ao valor da personagem principal por parte da família e dos amigos. O texto completa o perfil de Suelen com a informação de que ela trabalha como gari há dois anos (fez um curso de líder na cooperativa onde trabalha e ainda estagia na área) para sustentar a filha Maria Luiza, de três anos. A figura da *mãe da miss*, tão conhecida nos concursos de beleza, não aparece no texto (não há informação se a personagem tem mãe ou não) e nem, tampouco, se a protagonista é casada com o pai da filha Maria Luiza. Os arranjos familiares contribuem para o entendimento da personagem e a falta de elementos importantes (como a mãe e o marido) pode produzir outros significados para o leitor. Mas a fala do pai encerra a questão: “É o primeiro emprego e ela está levando a sério, trabalhando, conseguindo os objetivos. Eu estou muito orgulhoso, feliz mesmo”. (WASKOW, 2013b, p. 8).

Embora o nome do concurso seja *Mais Bela Gari* (e subentenda-se que a beleza seja um elemento fundamental), ao observar as falas dos familiares e as opiniões da protagonista selecionadas pela jornalista-narradora na construção da narrativa, em nenhum momento são descritos os atributos físicos de Suelen. Não há referência a nenhum tipo de preparação especial (apenas que Mariana cuidou do cabelo de Suelen para o concurso), por exemplo. A intenção da jornalista-narradora ao desconsiderar a beleza é demonstrar que o mérito da vitória está relacionado mais à postura profissional, pelo fato de a vencedora ser uma mulher responsável, esforçada, que ser uma pessoa bonita. Alcançar o reconhecimento por conta do mérito pessoal, profissional, é o ponto de virada da história.

Dois dias depois da publicação da matéria sobre o resultado do concurso, o jornal traz uma nova reportagem sobre a *Mais Bela Gari* de Porto Alegre. Para registrar a notoriedade alcançada pela protagonista, a reportagem intitulada

*Vassoura Campeã*¹¹ (ver Anexo H) revela como foi o primeiro dia de trabalho de Suelen após a vitória no concurso – a narrativa é estruturada a partir de um texto principal, dois secundários e uma foto da personagem em plena atividade, de uniforme, nas ruas. A marcação de tempo é o ontem, que sucedeu a folga e a comemoração com familiares e amigos. O leitor acompanha todos os passos da personagem porque o texto recupera essas informações (Suelen fez um churrasco no domingo e concedeu inúmeras entrevistas para a imprensa). A primeira frase mostra uma mudança de *status* da personagem e dá o tom da narrativa: “Ela se tornou uma celebridade”. (WASKOW, 2013c, p. 6).

O espaço onde a personagem é retratada agora é o Bairro Belém Novo. Pela fotografia, vê-se a personagem sorridente, de vassoura em punho, limpando as ruas do bairro ao lado de três colegas. Elas parecem ser observadas por pessoas numa parada de ônibus. A reportagem teve chamada de capa com foto da vencedora de volta ao serviço, varrendo uma rua do bairro.

A primeira fala da protagonista nesta reportagem revela uma mudança na vida de Suelen e posiciona o jornal *Diário Gaúcho*¹² de maneira a também promover a fama da personagem. Sair no jornal, na condição de vencedora de um concurso, gera uma série de demonstrações de estima, além da satisfação pessoal: “As pessoas vinham com o *Diário Gaúcho* (ela está na capa da edição de segunda) pra me pedir autógrafo. Todo mundo quer tirar foto”. (WASKOW, 2013c, p. 6). O texto informa que a visibilidade alcançou outras esferas: “Depoimentos nas redes sociais e mensagens no celular chegaram inclusive de desconhecidos. Com tanto carinho, Suelen está radiante”. (WASKOW, 2013c, p. 6).

Centrada no cenário da atividade profissional, a narrativa trata mais uma vez do empenho da personagem (em algumas oportunidades chega até a substituir a chefe). A fala dá a ver mais alguns traços da personalidade da protagonista: “É preciso ter responsabilidade para cuidar de uma equipe. Gosto de trabalhar com eles. E aí a gente vira um pouco psicóloga, mãe, amiga”. (WASKOW, 2013c, p. 6). Habilmente, a jornalista-narradora mostra que o fato de a personagem lidar com

¹¹ O título pode ser entendido como uma metáfora, que relaciona a vassoura (elemento indispensável à atividade da varrição desempenhada pela gari) e a qualidade de vencedora da personagem. No entanto, a vitória alcançada por ela não está ligada à lida nas ruas, mas sim no concurso de beleza do qual as garis que atuam na cidade participaram.

¹² Este pode ser entendido como um caso de auto-referencialidade. Fausto Neto (2006) trabalha a questão. Trata-se de uma estratégia utilizada pelo jornal para estabelecer relações de confiança e credibilidade com seus receptores, além de marcar a qualidade da publicação.

resíduos diariamente não a impede de manter a vaidade e a feminilidade: “Apesar da fama, algumas coisas permanecem iguais: a maquiagem e os brincos já faziam parte do visual, bem como a alegria no dia a dia”. (WASKOW, 2013c, p. 6). O trabalho com o lixo, portanto, não parece ser um tabu.

Entre os personagens secundários que aparecem na narrativa estão as colegas de trabalho. Tânia Maria Mello dos Santos, 64 anos, foi uma das incentivadoras da personagem principal no concurso. Já Cristina Gomes dos Santos, 34 anos, enumera razões para a vitória, que destacam as qualidades da amiga: “Torci o tempo todo. Ela trata todo mundo igual, não deixa ninguém quieto, está sempre de alto astral”. (WASKOW, 2013c, p. 6). Já a chefe da personagem aparece para informar que Suelen é seu braço direito e que será uma boa representante da profissão. São opiniões que ajudam a compor a compreensão que o leitor fará sobre a personagem.

Por fim, o último texto projeta o futuro, mostra as expectativas da personagem depois do concurso. Suelen revela a ansiedade pela viagem para Gramado (o texto não informa se a personagem conhecia ou não a Serra Gaúcha, nem quando seria a viagem), e por atuar como divulgadora da educação ambiental. E conclui com a lição: “Quero poder passar um pouco do meu conhecimento para as pessoas. É possível separar o lixo e até ganhar dinheiro com ele”. (WASKOW, 2013c, p. 6).

Retratada em diversos cenários (no concurso, na família, no trabalho) e em contato com inúmeros personagens, a protagonista é uma personagem redonda. Conforme Forster (1974), uma personagem redonda aparece em diferentes contextos. “O teste para uma personagem redonda está nela ser capaz de surpreender de modo convincente. Se ela nunca surpreende, é plana”. (FORSTER, 1974, p. 61). Também pode-se dizer que trata-se de um personagem do tipo agente, pois atua na modificação do próprio estado.

A narrativa demonstra o interesse em desmistificar a questão do trabalho com o lixo, mesmo sem tocar diretamente na invisibilidade. Dando rosto, expondo qualidades, mostrando quem são as mulheres que também são responsáveis pela limpeza urbana, contribui para que o leitor passe a prestar atenção neste serviço e nestas profissionais.

4.6 A MULHER QUE COLECIONAVA

Conforme o pensamento de Bal (1998), os atores que não têm um papel funcional na história, porque não causam e nem sofrem acontecimentos funcionais, não deixam de ter importância na narrativa. A autora observa que a participação desses personagens pode contribuir na indicação da classe social, ou de um uso específico do espaço, por exemplo.

Este é o caso da personagem principal da reportagem *Um hobby gigantesco* (ver Anexo I), uma colecionadora de miniaturas de sapatos que, conforme o texto, não enfrenta nenhum conflito ou realiza ação marcante, mas tem a sua razão de ser na narrativa, o seu papel a cumprir no enredo. Inicialmente, esta reportagem havia sido descartada do *corpus* por ter como protagonista uma personagem desta natureza. Mas, no amadurecimento do processo de análise, foi possível identificar elementos relacionados ao ato de colecionar¹³, e ao universo da personagem, que ajudam a defini-la. “O enredo existe através das personagens; as personagens vivem o enredo. Enredo e personagem exprimem, ligados, os intuitos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que o animam”. (CANDIDO, 2011, p. 53-54).

Além da contribuição dos membros da banca de qualificação, que sugeriram a inclusão desta personagem na análise, a localização de mais uma personagem desta natureza em reportagem publicada pelo *Diário Gaúcho* (no intervalo de um mês entre as publicações) confirmou a importância desta variedade para o estudo. Para fins de ilustração, a história adicional é a da bancária que coleciona casas, réplicas de igrejas e prédios históricos em miniatura, chegando a mais de 550 peças. Com isso, percebe-se a recorrência deste tipo de reportagem no jornal, que julga a temática como de interesse dos leitores (o hábito de colecionar, enfim, é algo bastante popular). Mesmo que não haja complicação e clímax na história, o jornal se beneficia com a audiência proveniente de reportagens curiosas, do tipo *fait divers*.

Na abertura do texto principal (a narrativa conta ainda com um texto secundário, um quadro e quatro fotografias, sob a cartola *Meus Sapatinhos*), a personagem é apresentada: Neura Cecília Todeschini, 71 anos, é professora aposentada, e na casa onde mora, no Bairro Rio Branco, na Capital, mantém uma

¹³ Lopes (2010) explica que, entre outras razões, o homem coleciona para ganhar um sentido de permanência, que é exteriorizado por meio de objetos.

coleção de 3,6 mil calçados em miniatura, réplicas que cabem na palma da mão. É uma personagem caracterizada como plana, com um número pequeno de atributos, classificada como tipo¹⁴, é a colecionadora. Em relação à ação, é uma personagem paciente, pois tem um papel de base.

Quando o jornalista-narrador trata da coleção, há dados da narrativa que podem ser associados às características da personagem. Um exemplo é quando o texto informa que “Neura é daquelas que vasculha antiquários, briques e lojinhas de R\$ 1,99 em busca de peças raras”. (RODRIGUES, 2013c, p. 3). Isso mostra a motivação, a curiosidade e a vitalidade da idosa, que ocupa seu tempo na busca por estes objetos lúdicos.

A narrativa traz ainda informações sobre o padrão de vida da personagem quando, por exemplo, cita que a mais recente aquisição custou R\$ 140 (um modelo colorido do artista plástico Romero Britto). Ter condições de despendar o valor para aplicar num hobby indica que, do ponto de vista socioeconômico, a personagem tem uma boa condição financeira. A primeira fala define a importância da coleção e, ao mesmo tempo, refere-se a uma espécie de autocensura: “É uma paixão e um vício. Muitas vezes, eu não contava para a família o quanto havia gasto. Se contasse, me mandariam para a Pinel (*lugar de pessoas consideradas loucas*)”. (RODRIGUES, 2013c, p. 3). As relações afetivas da personagem, com parentes e amigos em condições financeiras de viajar para outros países e trazer o souvenir para presentear, também são pistas para compreensão da classe social a qual Neura pertence.

Em relação aos arranjos familiares, a narrativa traz apenas que Neura é mãe de três filhos e avó de uma neta. Não há referências sobre outros moradores da casa, ou a opinião deles sobre o hábito de colecionar sapatos em miniatura. O familiar mais importante retratado na história, ainda que vagamente, é o pai da personagem, cujo amigo violonista presenteou Neura, em 1948 (quando ela tinha seis anos), com o primeiro exemplar da coleção, um tamanco. Esta é uma das marcações de tempo que aparece na narrativa, quando tudo começou. A reportagem é atemporal. Não está ancorada no factual.

A fim de dar veracidade ao relato, o jornalista-narrador descreve o cenário ao qual teve acesso. “O jornalista é, por natureza, um narrador discreto. Utiliza recursos de linguagem que procuram camuflar seu papel como narrador, apagar sua

¹⁴ Gancho (2004) explica que é uma personagem reconhecida por características típicas, invariáveis, como por exemplo: a dona-de-casa, a solteirona, a colecionadora.

mediação. É um narrador que nega até o limite da narração. Finge que não narra, apaga sua presença”. (MOTTA, 2007, p. 155). Esse apagamento é um efeito de objetividade. A estratégia do jornalista-narrador é referir aquilo que o leitor veria, caso pudesse visitar a coleção: “Dentro de armários numa sala ampla e iluminada, há exemplares usados por povos obscuros e damas da Belle Époque (período de cultura na história da Europa no fim do século 19)”. (RODRIGUES, 2013c, p. 3). A riqueza de elementos remete a um passeio pela história do calçado, segundo o texto.

Ao revelar peças “[...] como a réplica dos sapatos usados por Judy Garland em O Mágico de Oz e o modelo plataforma da cantora Lady Gaga” (RODRIGUES, 2013c, p. 3), o jornalista-narrador demonstra que a coleção mantém a personagem lúcida e em sintonia com o mundo contemporâneo. Mas o jornalista-narrador perde a oportunidade de mostrar outras nuances do universo da personagem porque não explora as histórias contidas por trás de cada peça. Assim, o eixo da narrativa parece estar na coleção e não na personagem.

No texto secundário, o jornalista-narrador convida o leitor a acompanhar duas breves histórias vividas pela personagem, relacionadas às reações de pessoas diferentes diante da coleção de sapatos: uma de choro (o sapateiro que ficou emocionado quando viu as miniaturas) e outra de riso (as crianças que, ingenuamente, acreditam que as miniaturas podem caber em seus pés). O recurso demonstra a sensibilidade da personagem e que ela tem consciência de que possui pequenas obras de arte que merecem ser admiradas por outras pessoas além da dona da coleção.

No quadro está a descrição da coleção: trata dos tipos de sapatos, (tamancos, botas, botinas, coturnos, sandálias, entre outros), dos materiais (couro, plástico, metal, tecido, borracha, entre outros) e da origem das réplicas (países como Alemanha, Croácia, Holanda, Estados Unidos, entre outros). As fotografias produzidas pelo repórter fotográfico Mateus Bruxel mostram a riqueza de detalhes dos sapatinhos e também a expressão sorridente e orgulhosa da personagem com miniaturas nos dedos das mãos. Outra informação que consta no quadro dá a ver mais um traço da personagem: é uma mulher organizada e cuidadosa, pelo fato de manter um sistema de catalogação “num caderno caprichado, por número, modelo, tipo, material, cor, estado de conservação, posição (direito ou esquerdo), dimensão, origem e valor estimado”. (RODRIGUES, 2013c, p. 3).

Motta (2007) avalia que nenhuma notícia está no jornal sem uma razão moral. E o pano de fundo sobre o qual se desenvolve a história da colecionadora é a mensagem de otimismo¹⁵, de que a terceira idade pode ser um momento leve e colorido da vida, e que um hobby pode garantir a saúde mental e física de alguém que encontra algo pelo qual se encantar. Já do ponto de vista do efeito causado no leitor – de acomodação ou de estímulo à transformação social – este tipo de narrativa pode ser classificada como entretenimento e, como tal, não assume nenhuma das duas classificações.

4.7 A MARATONISTA DA TERCEIRA IDADE

“O jornalismo representa a vida e as ações dos homens (bons e maus), relata as tragédias e as epopeias modernas. Contam histórias de nossos heróis e vilões, nossas batalhas, conquistas e derrotas”. (MOTTA, 2007, p.159). É para contar as conquistas de uma idosa de 73 anos, que se tornou maratonista em plena entrada da terceira idade, que foi produzida a reportagem intitulada *42km de saúde e bom exemplo* (ver Anexo J).

Na abertura do texto principal, a jornalista-narradora apresenta o cenário de onde a personagem, a vendedora aposentada Edi Terezinha Menezes da Costa fala: a casa de cinco cômodos, em Esteio, rodeada por mais de 600 medalhas e 300 troféus. Os prêmios são a prova da evolução no mundo do atletismo vivida pela personagem em uma década de corridas. Mostram que o ponto de virada da história é “[...] uma mudança de postura que a tornou vencedora no esporte e na vida” (CUSTÓDIO, 2013b, p.3), rendeu frutos – a primeira vitória da personagem já veio depois de menos de seis meses de treinos.

Ao incluir na reportagem a receita de como a personagem alcançou o feito de se tornar uma atleta, por meio da fala dela, a jornalista-narradora pretende mostrar que a personagem existe e a condição de maratonista é real: “Passei a treinar com mais dedicação, mudei a alimentação e comecei a pedir dicas para outros atletas. Nunca mais parei”. (CUSTÓDIO, 2013b, p. 3).

A referência de tempo aparece a partir da data comemorativa, o mês no qual Edi completou dez anos de corrida. Indiretamente, a narrativa recupera a idade que

¹⁵ Essa avaliação é resultado das contribuições dos membros da banca de qualificação, realizada no mês de junho de 2014, que contou com a participação da Prof^a Dr^a Daisy Irmgard Vogel (UFSC) e Prof^a Dr^a Cida Golin (UFRGS).

a personagem tinha quando começou a correr, pois ela “[...] só passou a se dedicar ao hobby depois da aposentadoria, em 2003”. (CUSTÓDIO, 2013b, p.3). O tempo é um dos eixos do enredo, porque marca uma etapa da vida da personagem, e pelo incomum de uma mulher tornar-se maratonista depois de idosa. A fala dela reforça a hipótese: “Correndo, esqueço que já passei dos 70 anos. Na verdade, quando me perguntam sobre isso, digo que não tenho idade, tenho saúde”. (CUSTÓDIO, 2013b, p.3). Não há no texto, no entanto, a motivação da personagem para iniciar a prática esportiva depois dos 60 anos. Consta apenas que Edi sempre admirou os esportes e foi incentivada a correr pelos amigos (que a narrativa não informa quem são).

A profissão que a personagem tinha quando estava no mercado de trabalho e o tamanho da casa onde ela vive, são recursos usados pela jornalista-narradora para compor o universo de Edi, demonstrar a condição social, e promover a identificação com o leitor. Com esses elementos, a jornalista-narradora quer sugerir que o esporte de alto rendimento pode ser alcançado por qualquer pessoa, independente de idade, classe social, desde que tenha boa saúde, como a própria personagem destaca em sua fala.

A narrativa também contempla os arranjos familiares – a personagem é viúva há 23 anos, tem uma filha, uma neta e dois bisnetos. No entanto, os membros da família não chegam a aparecer na história como personagens, desempenhando alguma ação, são apenas elementos da vida da protagonista. É possível avaliar a personagem como plana, pois a história é contada apenas a partir de um viés da vida dela, ela é a maratonista. Do ponto de vista da ação, é agente.

No decorrer da história, o cenário muda: é apresentada a segunda casa da personagem, as ruas da Capital, onde ela desenvolve uma rotina de treinamentos (corrida de 30km entre os bairros Azenha e Restinga, três vezes por semana, e musculação na academia no restante da semana). A jornalista-narradora completa a lista de benefícios alcançados na vida da personagem, a partir da corrida, como os estados brasileiros e países da América do Sul que ela conheceu na dedicação ao esporte, por meio das competições.

Além do texto principal, um texto secundário e cinco fotografias completam a apresentação da história de Edi. Pelas fotos produzidas pelo repórter fotográfico Luiz Armando Vaz, o leitor acompanha os movimentos da personagem desde a preparação para o exercício físico até a corrida – a personagem também aparece correndo na capa do jornal. É possível ver as ruas da cidade onde ela corre (efeitos

de real) e a boa forma física da idosa. A imagem principal mostra a personagem cercada pelas centenas de medalhas que recebeu em competições durante dez anos dedicados ao atletismo.

A narrativa não traz um conflito a ser resolvido pela personagem. A reportagem pontua a questão da exemplaridade, uma vez que a cartola é *Lição de Vida*. Isso prepara o leitor para uma história que valorizará os feitos da personagem, demonstrará que ela serve de exemplo por superar o peso da idade, as condições físicas e realizar algo incomum para a terceira idade. Mesmo que a história não motive os leitores a se tornarem maratonistas, terão despertada a atenção para os benefícios da atividade física para a saúde, além da conquista de amizades que o esporte proporciona e dos lugares que pode vir a conhecer. Esta é, portanto, “a moral da história”.

No texto secundário, a jornalista-narradora reserva espaço para relatar um momento marcante na trajetória da personagem: o dia em que ela conheceu seu ídolo (o ex-maratonista brasileiro Vanderlei Cordeiro de Lima) e como esse encontro alterou sua história. “Edi recorda ter sido incentivada por ele a correr uma maratona inteira”. (CUSTÓDIO, 2013b, p.3). O toque do ídolo serviu de combustível para que a personagem se inscrevesse na 77ª Maratona Internacional de Porto Alegre, na qual correu 42km (o título da reportagem faz referência a essa distância) e conquistou o primeiro lugar na categoria acima de 70 anos. A fala dela resume a satisfação: “Estou sempre testando meus limites. As corridas fizeram bem para minha saúde física e mental”. (CUSTÓDIO, 2013b, p. 3).

Por fim, a narrativa traz os planos da personagem para o futuro – ela pretende disputar a meia maratona do Campeonato Mundial de Atletismo Master. Isso indica que a questão da idade e da proximidade com o fim da vida não são tabus para a personagem. A jornalista-narradora não questiona até quando Edi pretende correr, nem problematiza se ela terá condições físicas para isso. Há um apagamento da questão do limite, do fim. A razão de ser da personagem é estar sempre se desafiando, o que a fala dela confirma: “O mais importante é que estarei fazendo o que gosto, ganhando novas amizades e me desafiando”. (CUSTÓDIO, 2013b, p. 3).

Diferentemente da narrativa anterior, sobre a colecionadora, a história sobre a maratonista da terceira idade instiga o leitor a avaliar sua vida, seus limites, sua utilidade, seu lugar no mundo. Da maneira como foi construída, a narrativa oferece ao leitor um momento de admiração pela força, coragem e vitalidade daquela

personagem e remete diretamente à vida de cada um de nós. A intenção não é promover a corrida entre os idosos, mas estimular que cada leitor corra atrás daquilo que pode lhe trazer benefícios físicos e mentais.

4.8 A MULHER QUE NÃO SORRI HÁ 26 ANOS

A narrativa começa apresentando a personagem principal da reportagem intitulada *Com dores, vergonha e abandono* (ver Anexo K) e o conflito que ela tem a resolver: “Em 26 anos morando na Vila Chácara do Banco, na Restinga, a diarista Márcia Aurélio Santos da Silva, 43 anos, não lembra a última vez que sorriu sem colocar a mão sobre a boca”. (CUSTÓDIO, 2013c, p. 8).

A jornalista-narradora então esclarece a causa do conflito e o responsável por gerar a dificuldade que atinge a personagem e tantas outras vítimas: “Sem 12 dentes (quatro embaixo e oito em cima), Márcia Aurélio faz parte dos 16 mil moradores do bairro que não têm acesso ao serviço odontológico do SUS no bairro da Zona Sul de Porto Alegre”. (CUSTÓDIO, 2013c, p. 8).

O espaço onde a narrativa se desenrola é a Vila Chácara do Banco, no Bairro Restinga, onde a personagem reside há 26 anos. Mas o problema se estende aos moradores das vilas Pitanga e Castelo (citadas num dos quadros da reportagem), que também não têm dentista (somadas as populações das três vilas, fecha o número apresentado na reportagem, de 16 mil pessoas que sofrem sem o serviço odontológico). Outro lugar que é citado no texto é o Centro de Especialidades Odontológicas (Ceo) Santa Marta, no Centro de Porto Alegre (fica a 30km de distância de onde a personagem mora, e serve de referência para pacientes da região sem dentista). A menção a este lugar reforça a distância e a dificuldade que a população enfrenta para buscar atendimento.

Já o tempo que marca a narrativa é o da espera pela instalação do Ceo no bairro: quase uma década. Mas a jornalista-narradora destaca um tempo que é contado somente pela personagem, uma espera dolorosa e individual: o número de anos que ela não consegue sorrir sem colocar as mãos sobre a boca. Ao fazer isso, a jornalista-narradora lança mão de efeitos de sentido emocionais. “Eles promovem a identificação do leitor com o narrado, humanizam os fatos brutos e promovem a sua compreensão como dramas e tragédias humanas”. (MOTTA, 2007, p. 160). A fotografia principal da reportagem, produzida pelo repórter fotográfico Mateus Bruxel,

complementa essa intenção porque parece tentar reproduzir o movimento constrangido da personagem, que leva a mão ao rosto, na tentativa de proteger a boca sem dentes, além do olhar descontente.

Depois de apresentar a personagem e o drama vivido por ela e por tantos outros moradores do Bairro Restinga, a reportagem desenvolve a questão do déficit de dentistas (com números e dados específicos sobre a realidade do sistema público de saúde na região), para mais adiante retomar a caracterização da personagem. “Márcia tem quatro filhos – oito, 15, 17 e 19 anos. Como tem renda mensal de R\$ 400, metade vinda do Bolsa Família, a possibilidade de pagar por um tratamento fica cada vez mais distante”. (CUSTÓDIO, 2013c, p. 8).

Desta maneira, a jornalista-narradora deixa clara a condição socioeconômica da personagem. Este tipo de informação, como a renda salarial, tem o objetivo de dimensionar o tamanho da carência e, com isso, destacar a necessidade de Márcia de fazer uso do sistema público de saúde, como milhares de pessoas, conforme o direito que tem como cidadã – embora a reportagem não desenvolva este aspecto em profundidade. A personagem é passiva, não faz a cobrança da melhoria, não revida diante do prejuízo. É do tipo paciente, afetada pela ineficiência do Estado, que se deixa fotografar, que permite ser mostrada como exemplo de um problema de saúde pública, mas que não expõe abertamente a sua indignação com a desassistência.

A única fala da personagem traz o prejuízo psicológico (e financeiro) do problema, mas indica que, ainda assim, ela não perde a vaidade e nem a garra para buscar um emprego: “Tenho vergonha de conversar, de sorrir. Quando vou procurar um emprego, arrumo o cabelo, coloco roupa e calçados novos, mas sempre ficam faltando os dentes. Eles são a janela para uma boa apresentação. Acho que é por isso que jamais consegui um trabalho fixo”. (CUSTÓDIO, 2013c, p. 8).

Segundo Amaral (2006, p. 125), “[...] uma das funções da fala popular é mostrar como as pessoas vivenciam o problema. Normalmente, a fala popular não explica o fato de forma contextualizada, mas sim de forma individualizada”. No caso da reportagem em análise, essa contextualização fica sob a responsabilidade da jornalista-narradora. Pela falta de mais elementos sobre a personagem, é possível classificá-la como plana. Do ponto de vista da ação, é paciente, por ser afetada pelo processo.

A narrativa é construída contando com uma segunda personagem, que aparece de forma secundária, para corroborar a situação vivida pela protagonista e detalhar a fragilidade do sistema de saúde. A doméstica Juliana Quevedo Lopes, 30 anos, da Vila Castelo, é incluída na história porque teve uma dor de dente. Foi ao posto e orientaram a buscar um Ceo. “Lá, recebeu limpeza e um medicamento para aliviar a dor. Porém, para extrair o dente dolorido, recebeu a indicação de ir ao posto no qual está cadastrada – onde não tem dentista. Resultado: segue tomando analgésicos e sem perspectiva de atendimento”. (CUSTÓDIO, 2013c, p. 8).

Como contraponto às falas das personagens (que dão rosto à estatística), há a voz oficial, a palavra da secretaria da saúde, a partir de dois quadros (que esclarecem a realidade do serviço odontológico por meio de números) e um texto secundário. Motta (2007) coloca que todo acontecimento jornalístico tem pelo menos dois lados. “Há sempre interesses contraditórios, algo que se rompe a partir de algum equilíbrio ou estabilidade anterior e que gera tensão. Em torno do ciclo equilíbrio-desequilíbrio gira a narrativa jornalística”. (MOTTA, 2007, p. 150).

O espaço destinado à fala oficial é bem menor que o espaço dedicado à personagem. O que diz a secretaria é algo protocolar, em um pequeno texto. Nele, no entanto, o coordenador da área técnica da saúde bucal da secretaria, Alex Elias Lamas indica um possível desfecho para a história de Márcia: “Para casos de urgência como o de Márcia, em áreas sem dentistas, Alex ressalta que podem buscar o HPS, o Cristo Redentor e os seis Ceos de Porto Alegre (Santa Marta, IAPI, Bom Jesus, UFRGS, Conceição e Vila dos Comerciantes”. (CUSTÓDIO, 2013c, p. 8). É concedido espaço também para que o coordenador prometa que o centro de especialidades odontológicas, com quatro consultórios, será implantado dentro do Hospital da Restinga, previsto para dezembro. O quadro traz dados técnicos e números.

Esta reportagem foi eleita a manchete da edição. Diferentemente de outras reportagens desta análise, que mostram histórias inspiradoras, de superação, ou curiosas, esta mostra a personagem na condição de vítima da ausência de um serviço básico de saúde. O jornal entende que a falta de dentista é um conflito e esse conflito é a notícia. A maneira como a publicação opta por retratá-lo é destacando o modo como a vítima se sente.

Ainda olhando a personagem, é possível perceber a confiança que ela deposita no jornal. Parece acreditar que, de alguma maneira, essa exposição pública

poderá acelerar a solução do problema pelo qual sofre há mais de duas décadas. Esse pode ser o ponto de virada da história, quando a personagem decide associar-se à mídia para ter atendida sua necessidade. É estabelecida uma relação entre a jornalista-narradora e personagem, que pretende impactar na imagem que o leitor faz do jornal, como a de um meio de comunicação que está ao lado das pessoas. Já em relação aos leitores, a narrativa não avança no sentido de promover a transformação social por não discutir abertamente o direito à saúde e nem orientar os leitores a buscarem os serviços de que necessitam sem que haja a necessidade da interferência da imprensa.

4.9 O TAXISTA MAIS ANTIGO DA PRAÇA

Na reportagem intitulada *Juvenal: taxista aos 91 anos* (ver Anexo L), o Resumo da Notícia traz a informação mais importante do enredo, a síntese da notícia em si, e o que despertou o interesse do jornal em transformar o taxista em personagem da reportagem: Juvenal Cunha da Silveira é o taxista mais antigo em atividade em Porto Alegre. Mas este dado, que torna o personagem singular, não aparece claramente ao longo da narrativa (não é possível saber se intencionalmente, ou se por descuido do jornalista-narrador, ou mesmo no processo de edição). Sem explorar este detalhe, a reportagem passa a ser apenas a história de um taxista idoso ainda na ativa – o que talvez não seja tão incomum entre os permissionários de Porto Alegre.

A abertura do texto principal contempla uma viagem no tempo, combinada com a descrição do ambiente no qual o personagem iniciou a carreira. “Ele começou como chofer de praça num flamejante Pontiac 40 da GM na Porto Alegre dos anos 60”. (RODRIGUES, 2013d, p. 8). O lugar onde Juvenal fez carreira e os costumes da época são contados, numa proposta de situar o leitor no tempo e no espaço do personagem. “A Capital tinha menos de 700 mil habitantes, poucas ruas asfaltadas e bondes circulando. Táxis eram um meio de transporte raro. Um dos poucos era conduzido por este simpático senhor das fotos”. (RODRIGUES, 2013d, p. 8). O tempo construído pela narrativa assume a função de distinguir o personagem pela época na qual desempenhou a atividade, é a moldura para a história dele.

Ao reconstituir o ambiente no qual o personagem iniciou a carreira, o jornalista-narrador tem a intenção de promover a identificação dos leitores mais

velhos com a história (pela vivência, confirmam a autenticidade daquilo que o jornalista-narrador informa e são tocados pela nostalgia) e a curiosidade dos leitores de menos idade, que passam a ter contato com uma realidade desconhecida até então.

Na sequência, a narrativa retorna para o presente, apresentando o gancho que levou o jornalista-narrador a contar a história de Juvenal no jornal: a comemoração do aniversário de 91 anos do taxista, no ponto da Rodoviária, onde trabalha, com os amigos, bolo, balões coloridos e carro de telemensagem. “O jornalismo observa o mundo desde o atual, ancora seu relato no presente para relatar o passado e antecipar o futuro. Opera uma mediação que é, ao mesmo tempo, linguística e temporal”. (MOTTA, 2007, p. 156).

O texto indica que o jornalista-narrador participa da festa porque além da descrição do cenário, Juvenal é retratado em fotografia produzida pela repórter fotográfica Livia Stumpf enquanto estava com o bolo de velas nas mãos, ao lado do táxi. Na imagem, é possível identificar as imediações da Rodoviária de Porto Alegre. Outras duas fotografias mostram a carteira de motorista do personagem, onde é possível ver o ano do nascimento (1922) e a imagem de um carro semelhante ao que Juvenal dirigiu nos anos 60. O personagem também aparece numa chamada de capa da edição, sorridente e com o bolo do aniversário nas mãos, ao lado do táxi.

A expressão “este simpático senhor das fotos” (RODRIGUES, 2013d, p. 8) é um discurso do jornalista-narrador sobre o personagem, que o qualifica, conforme o pensamento de Motta (2007). Isso passa ao leitor a necessidade de que aprove o personagem por conta da característica destacada e espera que faça a associação com algum idoso querido, com um avô, ou parente mais velho. Usando a expressão, o jornalista-narrador sugere que por ser idosa toda pessoa é simpática – como se a idade avançada permitisse ao personagem apenas este atributo. Mas, dificilmente, esta afirmação pode ser confirmada porque, geralmente, o encontro entre jornalista-narrador e personagem tem curta duração e, desta maneira, não se pode garantir que o personagem inspire simpatia. “O personagem é uma construção que mobiliza a subjetividade do repórter”. (MOTTA, 2007, p. 154).

A narrativa não traz um conflito a ser resolvido, nem um ponto alto ou um desfecho impactante. Motta (2007) observa que a identificação e análise dos conflitos são importantes para a atribuição do papel do personagem. O conflito é o que mantém a narrativa viva. No entanto, o papel de Juvenal na história é demonstrar o impressionante, pelo fato de um idoso de mais de 90 anos continuar

no mercado de trabalho, desempenhando uma atividade extenuante como a de um taxista. Trata-se de mais um *fait divers*. Ele é um personagem plano (porque é construído apenas sob o ponto de vista profissional, não há detalhes sobre a vida pessoal, a família é mencionada vagamente, o texto não informa sobre traços psicológicos, por exemplo). Em relação à ação, o personagem é um agente.

A moral da história reside em parte da fala do personagem: “Enquanto tiver saúde, vou trabalhar. Só paro no dia que a medicina disser que não dá mais”. (RODRIGUES, 2013d, p. 8). Com esta fala, o personagem é colocado como exemplo para outros idosos, para que não se deixem sucumbir pelo peso da idade e também provoca uma reflexão nos jovens – para que superem a apatia. A cartola da reportagem “Exemplo de vida” confirma a questão da exemplaridade, razão pela qual Juvenal tornou-se notícia. Não há, porém, qualquer informação sobre a motivação para o taxista continuar em atividade (se por questões financeiras, ou para manter-se ativo, por exemplo).

A narrativa apresenta outros detalhes sobre o personagem: trabalha há mais de meio século como taxista, mas antes atuou como torneiro mecânico. Um personagem secundário, o supervisor do ponto de táxi Rovani da Silva Rodrigues, surge para autenticar as qualidades do personagem: “Além de ser bom motorista, ele é benquisto por colegas. Nunca tivemos reclamações dele aqui”. (RODRIGUES, 2013d, p. 8). Na narrativa, não há qualquer referência sobre a idade limite para um motorista dirigir profissionalmente, nem os possíveis riscos (para ele e para o trânsito) de um idoso passar horas ao volante. O texto apenas diz que a renovação da permissão para trabalhar em táxi ocorre anualmente.

A fim de dar efeitos de real à narrativa, o jornalista-narrador inclui no texto o ponto de táxi onde o personagem pode ser encontrado, além do tipo do carro que ele utiliza e o prefixo. Num texto secundário, recupera uma das histórias vividas pelo personagem durante os longos anos de trabalho. Como se contasse uma história de ficção, o jornalista-narrador pretende tornar a narrativa mais atraente ao leitor, prendê-lo até o final. Ele pinça o inusitado entre os *causos* experimentados pelo personagem. “Já levei muita gente ao hospital sem dinheiro para pagar a passagem, mas uma vez transportei uma morta. Naquela época se fazia isso. Colocaram o corpo sentado no banco de trás do carro com um chapéu na cabeça”. (RODRIGUES, 2013d, p. 8).

Esta narrativa mostra o interesse que o jornal tem em contemplar personagens da terceira idade, numa tentativa de alcançar os leitores. Pesquisas

realizadas ainda no processo de construção do jornal mostravam que a terceira idade é expressiva entre a audiência. E ainda hoje o setor de atendimento ao leitor recebe retornos constantes de homens e mulheres que já passaram dos 65 anos.

4.10 O ANDARILHO MARATONISTA

Os designantes do personagem principal da reportagem *Obstáculo na reta final* (ver Anexo M), como o nome, a idade, a condição social devem ser observados para a compreensão da história de Júlio César Barbosa, 40 anos. No *Resumo da Notícia*, o jornalista-narrador informa que o protagonista é um andarilho que conseguiu se inscrever numa competição esportiva de alto nível. A isca para fisgar o leitor (para que acompanhe a história até o seu desfecho) aparece quando o jornalista-narrador apresenta o conflito a ser resolvido pelo personagem: “[...] a cinco dias da estreia, ainda não tem um calçado adequado”. (BORTOLANZA, 2013a, p. 3).

O tempo aparece como um elemento do conflito da narrativa. Indicar que faltam cinco dias para a estreia na competição e o personagem ainda não tem o equipamento¹⁶ para participar das provas de 100m e 200m rasos dá a dimensão do dilema pelo qual ele passa. “Faltam poucos dias e não tenho a sapatilha de pregos. Esta é emprestada e tenho de devolvê-la antes do Mundial. Correndo de tênis, seguramente não terei chance. Faltarão aderência”. (BORTOLANZA, 2013a, p. 3). No atletismo, milésimos de segundo dividem campeões de derrotados. Ao mesmo tempo em que o personagem persegue o menor tempo nas pistas, sofre com a angústia dos dias passando rapidamente sem que ele tenha conseguido garantir o calçado ideal para a competição. É como se um cronômetro estivesse correndo contra a realização do sonho do personagem.

A abertura do texto principal coloca uma situação divergente, que é destacada a fim de provocar a reflexão no leitor: o personagem não tem casa (e, provavelmente, não deva ter uma boa alimentação, nem condições ideais para desenvolver-se no esporte), mas vai representar o Brasil no Mundial Master de Atletismo de Porto Alegre. Ao mesmo tempo em que na narrativa é dito que o andarilho exhibe orgulhoso um boné com as cores do Brasil, permite a avaliação pelo leitor de que ele não recebe apoio desse país (o qual vai defender na competição)

¹⁶ A reportagem pode ser compreendida também como um *fait divers*. O personagem da narrativa é ‘o sem sapatilha’, quando o foco principal, a necessidade mais importante é a casa.

nem para deixar as ruas, nem para conseguir a sapatilha. A única iniciativa do Estado na direção do personagem foi da Fundação de Assistência Social (Fasc), do município de Porto Alegre, que ofereceu uma oportunidade profissional que ele desempenha três vezes por semana, com remuneração, além do pagamento da inscrição no Mundial.

A situação de exclusão social do personagem não é desenvolvida amplamente na narrativa, mas num dos textos secundários, o jornalista-narrador recupera o que levou Júlio César a viver nas ruas: ele “[...] perdeu casa e família, no Vale dos Sinos, justamente porque o crack estava destruindo o seu lar, em 2010”. (BORTOLANZA, 2013a, p. 3). Assim, a droga surge como mais um obstáculo a ser superado na trajetória do personagem.

O jornalista-narrador destaca o drama para instigar a curiosidade do leitor em descobrir de que maneira o personagem sairá daquela situação crítica. Antes disso, explica melhor o conflito: “Uma sapatilha nova custa mais de R\$ 200. Certa vez, até achou uma num brechó, mas não tinha os R\$ 50 que o comerciante pedia”. (BORTOLANZA, 2013a, p. 3). A greve dos bancos às vésperas da competição também aparece como um complicador, pois o pagamento (R\$ 300) pelo serviço que Júlio César presta à Fasc é recebido por meio das agências bancárias. A falta dele atrapalha a possível aquisição da sapatilha.

Mesmo enfatizando as dificuldades a serem vencidas para que o personagem participe do Mundial, a narrativa expressa o otimismo e a esperança dele. “Ainda acredito que vou ganhar uma sapatilha”. (BORTOLANZA, 2013a, p. 3). Além da obstinação por ser velocista, o protagonista supera obstáculos do cotidiano, como não ter onde dormir. Ele fica sob uma marquise quando não consegue vaga em albergue, ou não pode ficar na casa da namorada. O espaço onde a narrativa se desenrola é a rua, onde vive o personagem. O Cete, no Bairro Menino Deus, em Porto Alegre, é um dos locais citados porque é onde será realizada a competição.

Personagens como Júlio “[...] operam uma circulação permanente entre o mundo da identificação e o da projeção e suscitam simpatias, compaixões, dores e angústias como ocorre na arte (na literatura)”. (MOTTA, 2007, p. 153). Por expor sua carência e ao mesmo tempo sua vontade de superar os desacertos da vida por meio do esporte (que prevê a superação de limites físicos), o personagem cativa o leitor. Ao acompanhar a história desse personagem, o leitor revê sua própria história e aquilo que também precisa superar. A narrativa é construída de modo que cada

leitor se identifique com Júlio César em algum aspecto. A história dele é singular, mas ele faz parte de uma legião de sonhadores que não desistem de lutar até alcançar a vitória. Essa é a “moral da história”.

O jornalista-narrador traz outros detalhes sobre o personagem. Ele tem 1,64m, 60kg, e disputará na categoria de 40 a 44 anos. O texto não faz observações em relação à estatura do personagem, mas trata-se de um complicador porque geralmente os campeões dos 100m e 200m são atletas altos¹⁷. A narrativa destaca ainda o empenho do personagem na preparação para a prova: “De janeiro a agosto, treinou todos os dias, com a ajuda de professores de Educação Física. Em competições, ganhou seis medalhas de ouro em 2013. Na carreira, já passam de 30”. (BORTOLANZA, 2013a, p. 3).

Dois fotografias produzidas pelo repórter fotográfico Marcelo Oliveira complementam a descrição do personagem. A foto principal, que ocupa cinco colunas no topo da página, mostra o personagem correndo. A imagem destaca as pernas de Júlio César e os pés, calçados por tênis, equipamento inadequado para a prática do atletismo. Numa foto secundária, o personagem aparece usando o boné citado na narrativa e mostrando o par de sapatilhas que foram emprestadas para os treinos.

Além do texto principal, a reportagem que tem como cartola *Dilema na pista*, traz dois textos secundários, um quadro no qual o leitor encontra instruções sobre como ajudar Júlio César a conseguir a sapatilha de pregos, as fotografias, e a reprodução de duas páginas da primeira reportagem sobre a história de Júlio César publicada em maio de 2013 – que originalmente não faz parte do *corpus* da pesquisa porque foi publicada em maio de 2013, período anterior ao da coleta de material. Recuperá-la, no entanto, é importante para a compreensão integral deste personagem. Por isso, os elementos desta primeira reportagem sobre o personagem serão igualmente dissecados e as páginas incluídas nos anexos desta dissertação.

Em um dos textos secundários, o jornalista-narrador repete detalhes sobre o personagem que foram revelados na primeira reportagem, prevendo atender algum leitor que possa ter perdido a matéria publicada em maio: informa que o personagem é facilitador da Fasc. A fala dele demonstra que o personagem tem algo a ensinar: “A parte mais importante é a da abordagem de moradores de rua. Com minha

¹⁷ O velocista jamaicano e multicampeão nos 100m e 200m, Usain Bolt, por exemplo, mede 1,96m.

experiência, explico a importância de procurar ajuda especializada. Só assim se pode almejar algo bom na vida”. (BORTOLANZA, 2013a, p. 3).

O ponto de virada aparece na sequência, quando o personagem faz uma avaliação de si. O jornalista-narrador inclui na narrativa o modo como Júlio César se vê: um vencedor, que garante estar longe das drogas: “Na lida com quem vive sem teto, encontro ambientes dominados pelo vício. Mas estou resistindo, ela só me derrubou na vida. Não quero mais. Estar limpo é fundamental”. (BORTOLANZA, 2013a, p. 3).

Quando entra na parte técnica do atletismo, no último texto secundário, o jornalista-narrador faz referência à queimada na largada da prova (e o fato de não haver uma segunda chance a quem largar antes da hora). O título do texto é “Um erro será fatal”, o que dá a impressão de que o personagem também não pode errar na vida e desperdiçar a chance de recuperação por meio do esporte. “Será preciso muita concentração para não desperdiçar preciosos milésimos de segundo. Para quem tem todas as condições é difícil, imagina para mim, que durmo em albergue”. (BORTOLANZA, 2013a, p. 3).

O Resumo da Notícia da última reportagem, intitulada “Um brilhante sexto lugar” (ver Anexo N), antecipa o clímax da história do morador de rua Júlio César Barbosa: “Mesmo sem treinador e peregrinando em albergues, ele conseguiu rivalizar com os melhores atletas do mundo”. (BORTOLANZA, 2013c, p. 3). A síntese não informa, porém, se o atleta sagrou-se campeão, o que aumenta a expectativa e a tensão no leitor.

A solução do conflito (a falta da sapatilha) aparece na história ao mesmo tempo em que uma nova dificuldade é apresentada: “Os pés estavam doloridos, pois ele precisou treinar na véspera para amaciar a sapatilha nova, um presente de última hora”. (BORTOLANZA, 2013c, p. 3). Assim, o jornalista-narrador revela que o drama que poderia impedir o personagem de realizar seu grande sonho foi resolvido. Um texto secundário apresenta os adjuvantes, personagens secundários que, conforme Brait (1993) auxiliam e impulsionam o condutor da ação, neste caso o protagonista: “A história sensibilizou dois doadores de fora da Capital. Um deles, um bombeiro gaúcho que mora em Curitiba, que leu a história no site”. (BORTOLANZA, 2013c, p. 3).

Um novo conflito surge na narrativa com a entrada de outra personagem secundária na história, a namorada de Júlio César. Embora tenha falas e participe

do enredo, ela pede para não ser identificada na reportagem. “Apesar de o orgulho a fazer sorrir sem parar, ela revela que parentes ainda não entenderam bem o fato de ela se relacionar com alguém que, três anos atrás, perdeu a família (e a casa) em função do vício em crack”. (BORTOLANZA, 2013c, p. 3). Este elemento traz mais uma nuance do perfil do personagem. Ele é alguém que precisa vencer também o preconceito e a desconfiança pelos quais ainda sofre por conta de sua vida pregressa.

A fim de mostrar ao leitor que acompanhou a prova de Júlio César (estratégia de efeitos de real), o jornalista-narrador descreve o posicionamento do personagem antes da prova: “Júlio alinhou-se na raia 6 da quinta bateria dos 100m rasos da categoria 40 a 44 anos, às 13h35min de sexta, na pista do Cete representando o Brasil com a inscrição 0827”. (BORTOLANZA, 2013c, p. 3). As falas da namorada de Júlio César indicam que o jornalista-narrador assistiu às provas do atleta ao lado dela: “Ele está que nem pisca. Muito nervoso. Não é para menos. Está realizando seu sonho”. (BORTOLANZA, 2013c, p. 3). E mais adiante: “Olha que corredores grandões ali! A cada passada deles, o Júlio terá de dar três”. (BORTOLANZA, 2013c, p. 3).

As fotografias produzidas pela repórter fotográfica Lívia Stumpf mostram Júlio realizando a prova (e o seu grande sonho) na imagem principal, no topo da página. Na imagem secundária, o atleta aparece sorridente, acenando para os amigos. A descrição da prova coloca o leitor na cena da competição: “Cumpriu os 100m em 12seg48. O primeiro cravou 11seg. Também avançou na disputa o segundo colocado, com 11seg27. Ou seja, por 1seg21 Júlio foi eliminado. Chegou em sexto lugar”. (BORTOLANZA, 2013c, p. 3).

A reação do personagem encaminha a narrativa para o desfecho: “Assim que respirou, abanou para os amigos do albergue e do seu trabalho – é facilitador da Fasc, com trabalho junto aos moradores de rua. Por fim, ganhou um beijo da namorada”. (BORTOLANZA, 2013c, p. 3). O personagem constata que fez o que era possível diante dos demais competidores, que eram profissionais, e sua fala indica o ponto de virada e uma nova *moral da história*: “Minha vida passou nos 12 segundos. Foi a prova que faltava pra eu recomeçar, longe de coisas ruins e perto de quem me ama”. (BORTOLANZA, 2013c, p. 3).

Júlio César tem o papel da agente da narrativa, pois exerce a ação tanto dentro da pista, quanto a ação da mudança de vida, do encaminhamento para uma

nova situação. É um personagem redondo por ser apresentado em diversos contextos (a vida na rua, a vida pregressa, o mundo do esporte, o mundo do trabalho com moradores de rua, a relação com a namorada) e surpreender o leitor por conta de suas características.

Ao longo das três reportagens que compõem a narrativa, é interessante observar o discurso do jornalista-narrador sobre o personagem. Na cartola da última reportagem, por exemplo, ele utiliza a expressão *andarelo velocista*, numa combinação de duas características do personagem, o que desperta a curiosidade do leitor. O personagem é identificado ainda como *corredor*, *atleta* e *elite* (por estar entre os melhores do mundo na sua categoria) e qualificado como *guerreiro*, pela obstinação.

Antes da conclusão desta análise, cabe recuperar detalhes da estrutura da primeira reportagem que apresentou o personagem, intitulada *Velocista de dia, andarelo à noite* (ver Anexo O). Sob a forma de capítulos, o jornalista-narrador utiliza uma metáfora para contar a história do andarelo maratonista: utiliza a fábula do coelho e da tartaruga¹⁸ para marcar os momentos de velozes e vagarosos da trajetória de Júlio César.

A narrativa é organizada em sete momentos: *A fábula* (quando Júlio César se via como o coelho veloz, que corria e disputava provas, e a mudança negativa na vida, pela experiência das drogas, que o fizeram reduzir o ritmo, perder a família e a casa), *O ônibus* (narra um episódio no qual o personagem perdeu o ônibus mas, com seu talento para o atletismo, alcançou o coletivo na parada seguinte), *A migração* (narra a mudança de Pelotas para Novo Hamburgo e as profissões de gari, entregador de jornal e lixeiro que ele desempenhou. Também revela que o personagem teve quatro filhos), *O Abismo* (relata o período no qual a vida do personagem virou um inferno. Em vez de comprar comida para os filhos, comprava pedra para fumar. Foi despejado da família e migrou para Porto Alegre. Mas não desistiu do atletismo. Dormia na rua, numa cama de papelão, fumava crack mas, mesmo assim, não deixava de treinar), *A retomada* (narra a ocasião em que, mesmo

¹⁸ Na fábula, o coelho se exibia dizendo ser o animal mais veloz, até o dia em que encontrou a tartaruga e foi desafiado por ela a disputar uma corrida. Na prova, o coelho saiu em disparada, mas a tartaruga não se abalou e continuou no seu ritmo vagaroso. Tão certo que estava da vitória, o coelho resolveu tirar uma soneca. Achava que, no caso de a tartaruga ultrapassá-lo, bastava correr um pouco para retomar a vantagem. Mas o coelho dormiu tanto que a tartaruga, que não descansou um só minuto, acabou cruzando a linha de chegada em primeiro lugar e nem no ritmo mais veloz o coelho conseguiu alcançá-la.

com o estômago vazio e o pulmão cheio de fumaça da droga, ele conseguiu o segundo lugar numa competição, o que reacendeu nele a vontade de abandonar a vida de andarilho. Numa situação extrema de violência, num confronto com traficantes, do qual ele escapou correndo, o personagem buscou tratamento), *O serviço* (mostra que nos albergues pelos quais passou, o personagem fez amigos, entre eles um professor que ofereceu trabalho na Fasc, para fazer a abordagem de moradores de rua como ele), *O peregrino* (narra a dificuldade de encontrar um lugar para dormir quando não é mais possível ficar no albergue. Também revela que o personagem encontrou uma namorada que o incentiva. Ele diz querer vencer na pista e na vida), e, por fim, *O mundial* (mostra que o Mundial Master de Atletismo é a prioridade na vida do personagem, mas que ele não tem as sapatilhas para correr, nem o dinheiro da inscrição, nem os índices necessários para vencer a competição).

Esta primeira reportagem conta ainda com fotografias produzidas pelo repórter fotográfico Marcelo Oliveira, que mostram Júlio César em dois cenários, dois mundos: a pista de corrida e a calçada onde o personagem dorme. Duas pequenas fichas informam os dados do atleta: altura, peso, número do pé, além dos tempos que ele faz em cada uma das provas que irá disputar e a comparação com o recorde mundial. Um texto secundário traz detalhes sobre a competição que será realizada em Porto Alegre e um quadro informa os endereços dos albergues da cidade e outros detalhes sobre a abordagem de pessoas em situação de rua.

A análise das três reportagens chega à descrição do perfil de um personagem cuja história de superação é contada pelo jornal. Expor as dificuldades e as maneiras pelas quais o personagem consegue superá-las é importante para promover a reflexão e o otimismo do leitor, para que se espelhe no personagem (que tinha muitas razões para sucumbir) e encontre também um caminho para uma vida melhor. Assim, contribui para a mudança social.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O personagem é o mais importante da reportagem. E o personagem é a pessoa comum. O Diário Gaúcho ouve a pessoa comum e conta suas histórias. Este mandamento da reportagem foi o ponto de partida desta pesquisa cuja proposta foi mergulhar na narrativa de cotidiano publicada na editoria de Geral deste jornal popular e observar como ocorre a construção do personagem contando com o ferramental disponível na narratologia.

O desenvolvimento da análise das dez reportagens não se deu de maneira automática, nem estanque. Cada narrativa foi decomposta a partir dos elementos que continha e, com a relevância e o sentido de cada um desses elementos, foi observado o papel do personagem. Desta maneira, foi possível alcançar uma série de informações importantes para a compreensão da narrativa do *Diário Gaúcho* e a consequente aproximação com o processo de construção do personagem, na tentativa de responder ao problema de pesquisa proposto.

Foram localizados personagens de três ordens distintas: os heróis, que evocam sentimentos de esperança porque aparecem relacionados a vivências exemplares e de superação (o ex-menino de rua, a gari que virou miss, a idosa maratonista, o taxista mais idoso em atividade, o andarilho maratonista), as vítimas, que são protagonistas de situações de desserviço, de abandono do poder público, mas tentam esboçar alguma reação a partir da exposição do problema pela imprensa (os membros da fila que gera sequelas, a mulher que não sorri pela falta de atendimento odontológico) e, por fim, os personagens que fazem parte de narrativas de interesse humano, curiosas, que visam o entretenimento (a moradora de rua que decora o viaduto, o morador do cemitério, e a colecionadora de miniaturas).

Entre os elementos que fazem parte da narrativa e que podem contribuir para a construção do personagem, o espaço merece destaque por conta de sua funcionalidade. A descrição do espaço – o personagem, na maioria dos casos, é localizado pelo jornalista-narrador e retratado no seu ambiente, ou seja, debaixo do viaduto, na praça, no cemitério, sob as marquises e nas pistas de atletismo, entre outros – serve de base para a compreensão do universo que cerca o personagem, porque não apenas indica a classe social, o modo de vida, mas pode estabelecer elos com o leitor. O espaço fixa a narrativa ao real, não há como duvidar de sua

existência porque o personagem está inserido nele, é produto desse espaço. E a fotografia completa a compreensão.

Há, ainda, os espaços virtuais que surgem ao longo das narrativas: o espaço da fila de espera pela cirurgia ou o atendimento odontológico, o mundo ideal, com o qual a personagem sonha ter uma casa e a família reunida, por exemplo. Tem-se a impressão de que esse espaço virtual é utilizado para dinamizar a narrativa e mostrar outros ângulos do personagem, suas projeções, suas expectativas, torná-lo mais complexo.

Nestes espaços, os personagens realizam ações. Algumas dessas ações credenciaram pessoas comuns a se tornarem personagens pelo potencial de noticiabilidade daquilo que cada uma realizou provocando o interesse do jornal e, possivelmente, dos leitores. O ex-menino de rua é um exemplo. A ação dele, de retornar à praça onde viveu na infância para lançar mais um livro motivou o jornalista-narrador a contar a sua história de superação de uma infância difícil. Já a gari tornou-se personagem a partir da ação de tornar-se vencedora de um concurso de beleza. Já a moradora do viaduto protagonizou a ação de decorar uma área pública onde vive e isso gerou interesse por conta do inusitado que quebrou a linearidade do cotidiano.

Mas nem todas as ações observadas nas reportagens analisadas foram capazes de gerar movimento nas narrativas, transformá-las, portanto. Algumas nem sequer apresentam um conflito a ser resolvido (colecionadora de miniaturas, taxista mais antigo da praça, morador do cemitério, idosa maratonista). A passividade dos personagens vítimas da ineficiência do poder público, por exemplo, tornou a narrativa parada. A ação de ambos os casos era esperar, mas uma espera inerte, que ganha nuances de crítica pelas mãos do jornalista-narrador, que posiciona os personagens, seleciona falas e detalhes que podem demonstrar alguma indignação. O taxista mais antigo da praça realiza a ação de manter-se no mercado de trabalho apesar da velhice, e o homem que mora do cemitério desempenha a ação de viver entre os mortos. Mas da maneira como foram construídas essas narrativas, as ações aparecem apenas para caracterizar esses personagens e não encaminhar a história para outras direções.

O tempo é outro elemento da narrativa que contribui para a fixação realista da história e em alguns casos auxilia no entendimento sobre o personagem. Em narrativas como a da maratonista idosa, o tempo marca uma etapa da vida da

personagem e da história, mais especificamente o período a partir da aposentadoria, quando decidiu começar a correr, até completar 10 anos no esporte. Já para o taxista mais antigo da praça, o tempo é a moldura da história profissional dele, que tem início na década de 1960. Mas a narrativa geralmente é ancorada no presente (apesar de relatar o passado), no caso do taxista, na data na qual ele completa 91 anos. O uso do recurso do flashback também aparece na narrativa do ex-menino de rua: o jornalista-narrador inicia a história pelo presente, pelo que é notícia hoje, mas recupera a vida pregressa do personagem para apresentá-lo melhor ao leitor. Assim, a temporalidade, ainda que por vezes fora de uma ordem cronológica, proporciona um mergulho mais profundo no universo do personagem.

Em outras narrativas, como aquelas cujos personagens são identificados como vítimas, o tempo aparece como elemento central da história, pois embala a espera pela solução do problema. O tempo faz parte da caracterização desses personagens: uma não sorri há 26 anos pela falta dos dentes, o outro espera desde 2011 por uma cirurgia. O tempo também é elemento do conflito no caso da história do andarilho maratonista. O jornalista-narrador apresenta este elemento de maneira que é possível observar que o personagem se relaciona com o tempo tanto para fazer o menor tempo nas pistas de atletismo quanto para conseguir as sapatilhas a tempo de participar da competição.

Outra conclusão possível a partir da análise é que os personagens são construídos e posicionados nas narrativas de modo a provocar reações no leitor. São os chamados efeitos de sentido que explicam, de certa maneira, a função dos personagens. Esses efeitos garantem a leitura integral da narrativa, estimulam sensações, promovem a reflexão, e até mesmo ajudam a construir o senso crítico da audiência.

A comoção é um dos efeitos de sentido que aparecem com frequência na narrativa de cotidiano do *Diário Gaúcho*. Os personagens são posicionados de modo a avivar a sensibilidade dos leitores porque a narrativa demonstra que eles sofrem dramas comuns, superam problemas e vivem situações do cotidiano da mesma forma que o leitor, o que mostra que o jornal “conversa”, “fala direto” com a audiência, está em sintonia com o que se passa com as classes para as quais atua.

A exemplaridade é outro elemento que consta na narrativa do DG. São personagens que sugerem a motivação no leitor a avaliar sua vida e também transpor barreiras. A fala dos jornalistas consultados em entrevista nesta pesquisa

confirma que o jornal aposta em exemplos positivos, em histórias inspiradoras, que transmitam esperança. Cabe destacar a preferência do jornal pelas histórias de personagens da terceira idade. É compreensível que a publicação procure retratar idosos que enfrentam a velhice com bom humor, que não desistem de ser produtivos e realizam coisas interessantes – ainda que, por vezes, seus feitos resultem em narrativas que ofereçam exclusivamente entretenimento – porque quer alcançar os leitores desta faixa etária. Os profissionais entrevistados indicam que o DG é muito querido entre pessoas da terceira idade. O que falta, porém, é o tensionamento em relação aos direitos dos idosos, e até mesmo alguma prestação de serviço para este público.

Quando retrata um personagem na condição de vítima, é possível dizer que a narrativa suscita a empatia no leitor e talvez até mesmo desperte a compaixão, o que pode ser visto como negativo, pois paralisa e dissocia o personagem do cidadão. Mas o jornal parece transitar com frequência entre a dualidade das reportagens positivas e amenas e as reportagens de cobrança do poder público, do enfrentamento. Neste último tipo, em especial, contar com um personagem na condição de vítima do desserviço é fundamental. Assim, é perceptível que a pessoa confia na publicação no sentido de tornar pública sua demanda e o jornal se vê cumprindo sua missão de mediador da sociedade.

Outro objetivo específico desta pesquisa era olhar para o papel do jornalista-narrador. Além da atividade de repórter – que inclui circular nos ambientes onde os leitores do jornal habitam, selecionar e entrevistar pessoas de modo a transformá-las em personagens – outros elementos da atividade podem contribuir para a compreensão da narrativa e do personagem. Uma das características interessantes é a de que o jornalista-narrador age como uma câmera narrativa, descrevendo ambientes, elementos da personalidade do personagem, colocando o leitor na cena. Além da tentativa da objetividade (com o quase apagamento do jornalista-narrador), confere veracidade da mesma forma como quando inclui falas literais dos personagens.

O jornalista-narrador é dotado de intencionalidades – mescladas entre as próprias subjetividades e as recomendações do veículo de comunicação – e elas aparecem na narrativa quando ele seleciona uma fala, destaca uma situação, ou um detalhe. É ele quem constrói o personagem a partir do contato com as pessoas no lugar da ocorrência dos acontecimentos, das entrevistas, do processo de apuração.

Por isso, o papel do jornalista-narrador e o entendimento que ele possui são tão importantes na construção do personagem. O saber que vem da prática e circula naturalmente entre o grupo de repórteres e editores é essencial para definição do personagem. Só que a reflexão sobre este elemento no universo da narrativa ainda deve ter a primazia porque evita que o personagem se resuma a um par de aspas a dinamizar o texto, ou que contribua para a construção de estereótipos, para a perpetuação de preconceitos.

O que se viu ao longo da análise é que o jornalista-narrador lança mão de frases de efeito para imprimir veracidade, por vezes apela para a fantasia, para a linguagem figurada, coteja as falas oficiais com as falas dos personagens (que são editadas), impõe a cobrança ao poder público – mas oferece um espaço desigual (menor) em relação ao que diz o personagem – provoca efeitos no leitor. O que se sabe do personagem vem das mãos do jornalista-narrador.

Outra característica da narrativa de cotidiano do *Diário Gaúcho* que está relacionada ao personagem é o fato de haver sempre uma espécie de moral da história. O morador do cemitério, por exemplo, passa a mensagem de que conviver com a morte o faz dar valor à vida e às pessoas, além de desmistificar o ambiente do cemitério. Já a moradora do viaduto traz que o espírito natalino independe do espaço, pode surgir em qualquer lugar. Todas as narrativas analisadas trazem este traço pedagógico – implícito ou explícito. O que não significa que essa moral da história estimule a transformação social. Em sua maioria, as narrativas promovem o entretenimento, mas não aprofundam questões mais amplas, de cidadania, podendo gerar a acomodação. No caso da moradora do viaduto, a narrativa não tem espaço para o tensionamento acerca da situação de rua e anula a dramaticidade de uma família não ter um teto. Na história da gari que virou miss, a reportagem não estigmatiza, mas também não discute a invisibilidade da categoria a partir da personagem que rompeu com esta lógica vencendo um concurso de beleza. Por fim, na narrativa da mulher que não sorri pela falta dos dentes, a passividade da personagem não combina com a máxima de que saúde é um direito e não uma conquista. Há narrativas que parecem mais frágeis pela falta de elementos importantes sobre os personagens.

O interesse desta pesquisa foi o de contribuir com a reflexão sobre a narrativa de cotidiano do jornal *Diário Gaúcho* e, assim, melhorá-la de alguma maneira. Os questionamentos acerca do personagem são se esgotam nesta análise. Pelo

contrário. Outras janelas ficam abertas para que se olhe para a produção jornalística deste jornal popular e se pense na construção de uma narrativa ainda mais próxima da realidade.

REFERÊNCIAS

ADAM, Jean-Michel; REVAZ, Françoise. **A análise da narrativa**. Lisboa: Gradiva, 1997.

ALVES, Fabiana Aline; SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti. Jornalismo humanizado: o ser humano como ponto de partida e de chegada do fazer jornalístico. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 9., 2008, Guarapuava. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2008. Disponível em <http://www.academia.edu/1821983/JORNALISMO_HUMANIZADO_O_Ser_Human_o_Como_Ponto_de_Partida_e_de_Chegada_do_Fazer_Jornal%C3%ADstico>. Acesso em: 22 fev. 2015.

AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo popular**. São Paulo: Contexto, 2006.

ANGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue**: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995.

BAL, Mieke. **Teoría de la narrativa**. 5. ed. Madrid: Ediciones Catedra, 1998.

BARTHES, Roland. Introdução à análise estrutural da narrativa. In: BARTHES, Roland et al. **Análise estrutural da narrativa**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 19-62.

BENETTI, Márcia. O jornalismo como gênero discursivo. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 5., 2007, Sergipe. **Anais eletrônicos...** Brasília, DF: Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo - SBPJOR, 2007. Disponível em: <http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/coordenada_6_.marcia_benetti.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2014.

BERNARDES, Cristiane Brum. **As condições de produção do jornalismo popular massivo**: o caso do *Diário Gaúcho*. 2004. 258 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) -- Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/3932/000405724.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 22 fev. 2015.

BORTOLANZA, Felipe. Obstáculo na reta final. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, ano 14, n. 4.202, p. 3, 14 out. 2013a.

BORTOLANZA, Felipe. Um brilhante sexto lugar. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, ano 14, n. 4.207, p. 3, 19 e 20 out. 2013b.

BORTOLANZA, Felipe. Velocista de dia, andarilho à noite. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, ano 14, n. 4.075, p. 10-11, 18 e 19 maio 2013c.

BRAIT, Beth. **A personagem**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1993.

BREMOND, Claude. A lógica dos possíveis narrativos. In: BARTHES, Roland et al. **Análise estrutural da narrativa**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 114-141.

CAETANO, Maria do Rosário. Há espaço para jornal diário e de compromisso popular? **Observatório da Imprensa**, ed. 787, 25 fev. 2014. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/imprimir/58799>>. Acesso em: 20 abr. 2014.

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antonio et al. **A personagem de ficção**. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011. p. 51-80.

CUSTÓDIO, Aline. 42km de saúde e bom exemplo. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, ano 14, n. 4.183, p. 3, 21 e 22 set. 2013b.

CUSTÓDIO, Aline. Com dores, vergonha e abandono. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, ano 14, n. 4.212, p. 8, 25 out. 2013c.

CUSTÓDIO, Aline. Sábado para lotar o “pátio” de Gilmar. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, ano 14, n. 4.219, p. 6, 2 e 3 nov. 2013a.

DION, Sylvie. O “*fait divers*” como gênero narrativo. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras - Universidade Federal de Santa Maria**, Santa Maria, n. 34, p. 123-131, jun. 2007. Disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/letras/article/view/11944/7358>>. Acesso em: 18 fev. 2015.

FORSTER, E.M. **Aspectos do romance**. Porto Alegre: Globo, 1974.

GANCHO, Maria Vilares. **Como analisar narrativas**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2004.

GENETTE, Gérard. Fronteiras da narrativa. In: BARTHES, Roland et al. **Análise estrutural da narrativa**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 265-284.

GINER, Juan Antón. **Los nuevos periódicos populares de calidad**. [S.l.], 10 fev. 2003. Disponível em: <<http://www.gacetadeprensa.com/noticia.asp?ref=1594&pos=4>>. Acesso em: 17 abr. 2014.

GRUPO RBS. **Jornal: Diário Gaúcho**. Porto Alegre, [2014?]. Disponível em <<http://www.gruporbs.com.br/atuacao/diario-gaucha/>>. Acesso em: 17 abr. 2014.

HAMON, Philippe. Para um estudo semiológico da personagem. In: ROSSUM-GUYON, Françoise Van; HAMON, Philippe; SALLENAVE, Daniele. **Categorias da narrativa**. Lisboa: Veja Universidade, 1970. p. 77-102.

HERRSCHER, Roberto. **Periodismo narrativo: manual para contar la realidade com las armas da literatura**. Santiago: RIL, 2009.

KAPUSCINSKI, Ryszard. **Los cínicos no sirven para este oficio**. Barcelona: Anagrama, 2002.

LOPES, José Rogério. Colecionismo e ciclos de vida: uma análise sobre percepção, duração e transitoriedade dos ciclos vitais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 16, n. 34, p. 377-404, jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v16n34/16.pdf>>. Acesso em 9 set. 2014.

MAROCCO, Beatriz. **O jornalista e a prática**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2012.

MAROCCO, Beatriz. Reportagem de transgressão, um giro no tratamento da fonte jornalística. In: BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz (Org.). **Ilha do presídio**: uma reportagem de idéias. Porto Alegre: Libretos, 2008.

MARTINEZ, Monica. **Jornada do herói**: a estrutura narrativa na construção de histórias de vida em jornalismo. São Paulo: Annablume, 2008.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista**: o diálogo possível. 5. ed. São Paulo: Ática, 2008.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2013.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (Org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

NEVEU, Éric. **Sociologia do jornalismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

OS DEZ mandamentos da reportagem do Diário Gaúcho. Porto Alegre, 2005. Quadro de uso interno da redação do Diário Gaúcho.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Revisitando os conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29., 2006, Brasília, DF. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2006. Disponível em: <<http://www.unifra.br/professores/rosana/Cicilia%2BPeruzzo%2B.pdf>>. Acesso em: 7 mai. 2014.

PROPP, Vladimir. **Morfologia do conto maravilhoso**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

REUTER, Yves. **A análise da narrativa**. 3. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2011.

RODRIGUES, Eduardo. Espera gera sequelas. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, ano 14, n. 4.172, p. 3, 9 set. 2013b.

RODRIGUES, Eduardo. Juvenal: taxista aos 91 anos. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, ano 14, n. 4.241, p. 8, 28 nov. 2013d.

RODRIGUES, Eduardo. Salve, Jorge! **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, ano 14, n. 4.222, p. 3, 6 nov. 2013a.

RODRIGUES, Eduardo. Um hobby gigantesco. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, ano 14, n. 4.198, p. 3, 9 out. 2013c.

SCHÜLER, Donaldo. **Teoria do romance**. São Paulo: Ática, 1989.

SEIXO, Maria Alzira. Romance, narrativa e texto. Notas para a definição de um percurso In: ROSSUM-GUYON, Françoise Van; HAMON, Philippe; SALLENAVE, Daniele. **Categorias da narrativa**. Lisboa: Veja Universidade, 1970. p. 7-17.

SELIGMAN, Laura. Jornais populares de qualidade: ética e sensacionalismo em um novo fenômeno no mercado de jornalismo impresso. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 6., 2008, São Paulo. **Anais eletrônicos...** Brasília, DF: Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo – SBPJOR, 2008. Disponível em:

<http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjor/arquivos/coordenada_10_lauraseligman.pdf>. Acesso em 8 jan. 2015.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. 7. ed. São Paulo: Summus, 1986.

VICCHIATTI, Carlos Alberto. **Jornalismo**: comunicação, literatura e compromisso. São Paulo: Paulus, 2005.

VOGEL, Daisi Irmgard. In: MARCONDES FILHO, Ciro. **Dicionário de Comunicação**. São Paulo: Paulus, 2009. p. 270.

WASKOW, Denise. Show de beleza e autoestima. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, ano 14, n. 4.226, p. 8, 11 nov. 2013b.

WASKOW, Denise. Um lar pronto para o Natal. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, ano 14, n. 4.240, p. 4, 27 nov. 2013a.

WASKOW, Denise. Vassoura de campeã. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, ano 14, n. 4.228, p. 6, 13 nov. 2013c.

APÊNDICE A - ENTREVISTAS

Entrevista com Felipe Bortolanza, editor-executivo do *Diário Gaúcho*, concedida à pesquisadora na redação do DG no dia 3 de dezembro de 2014.

Pergunta: Como o jornal hoje vê a reportagem? O que é essencial? Como o jornal vê o personagem? Ainda hoje o personagem é preponderante, que missão ele tem no texto, na narrativa que se constrói? Ele é o herói sempre? Mostrando o personagem se quer estimular as pessoas a transformar sua realidade, sua vida? São exemplos? Ou, ainda, se mostra o personagem como a vítima de algum serviço que não está sendo prestado, tem esses dois lados? Ou o personagem é o principal e o que ele tiver para contar será notícia de qualquer maneira?

Felipe – Não tem, no jornalismo popular, especialmente, mas eu entendo em todo o jornalismo, se a gente observar, o Jornal Nacional tem muita matéria que começa com o sujeito que a reportagem achou ali na rua: “Seu Fulaninho comprou o carro em 56 prestações...” e aí depois diz que o consórcio está em alta, ou em baixa. Não é só jornal popular. É televisão, rádio, talvez, nem muito. Mas quem trabalha com imagem, a imagem da pessoa ela é muito mais do que ilustrar um assunto, um tema, um fato ou um evento acontecido. Eu entendo que os fatos só são fatos narrados porque impactam a vida de alguém. E se impactam a vida de alguém, esse alguém precisa ser colocado em evidência. Seja do lado bom, do lado morno da história ou do lado ruim. Falando do *Diário Gaúcho*, seja capa, página dentro ou no digital. Eu acredito, e a maioria das pessoas que tem entendimento de jornal popular, é que o personagem é fio condutor das histórias. Pode-se contar alguma história sem colocar nenhum personagem? Ou colocar fotos sem identificação das pessoas porque, enfim, não se conseguiu? Pode, é só uma questão de maior ou menor riqueza do material. Tudo pode ser sem pessoas. Ok. Vamos fazer fotos de fachada, não vai ter voz de ninguém, vai ter só um oficialismo. É muito release isso. Isso é muito distante do bom jornalismo, não é nem popular, é do bom jornalismo. Da mesma forma se pegasse declarações, a gente faz aqui em vez de fazer um “Fala, Povo” a gente pegar declarações do que as pessoas acharam, entra no Facebook de quem é aberto e faz um “ctrl+C”, “ctrl+V”. Isso para mim é desleixo. Não é jornalismo. A entrevista que é a base da conversa do jornalista com o

personagem é muito rica porque vai engrandecer a matéria e despertar para outras circunstâncias que vão ser outras matérias. A riqueza de ter um personagem colocado no jornal ela é muito maior do que a exposição da pessoa. Que é um capítulo à parte. As pessoas gostam de aparecer no jornal. A maioria das pessoas gosta de aparecer no jornal, seja em posição ruim ou não. Mas vai muito além da pessoa que vai ali, numa foto casando com o texto. Desde a possibilidade da escolha das pessoas, encaixar o melhor personagem dentro de cada história é um exercício jornalístico muito rico para a pauta pensada e para “N” outras pautas que podem vir de uma conversa. A conversa do jornalista para achar o personagem já é um exercício muito rico. Claro que é melhor encontrar personagens em pautas boas. As pessoas sorriem, estão satisfeitas, orgulhosas, confiantes, vão recortar o jornal, colocar pôster do jornal, mostrar para os vizinhos, guardar como recordação. Evidentemente que em pautas boas as pessoas sorriem. Acho que o sorriso seja de criança, jovem, idoso, de qualquer tipo no jornal é um prazer muito grande ter e colocar estampado. Em outras situações, em que elas estão indignadas, que estão precisando desabafar, ou que o jornal é o mecanismo que elas entendem como o de maior força para tentar atalhar o problema que elas estão vivendo, a foto talvez não seja tão bonita, o sofrimento nunca é tão bonito, evidentemente, mas também se faz necessário. Em nenhum momento a gente há de colocar um personagem que se negue a aparecer no jornal. Isso é importante de colocar. Evidentemente tem o respeito de quem quer ou não aparecer. Muitas vezes isso não é colocado no papel, é da boca. Em 99,9% dos casos o consentimento é respeitado, da parte de quem concedeu a entrevista, e está mantido na conversa de que uma vez posou para fotografia, aceitou conversar e não ligou depois para desistir, e depois quando saiu, está saído, também tem a sua função. A mazela do cidadão é, talvez, no fim, mais importante porque vai tentar solucionar um problema grave do que na boa aparecer no jornal. É uma questão de satisfação e orgulho de um lado e esperança e confiança que as pessoas têm no jornal, seja coletivamente ou individualmente. Tem o individual no Seu Problema É Nosso e tem o coletivo na Geral, na Polícia, no Esporte, no Variedades. Tem todas as entradas possíveis. Eu acho que o personagem, enquanto o responsável por fazer e selecionar as fotos da capa, e quem veio antes, desde o início, desde 2000, foi pensado que jamais deveria sair uma capa do jornal sem um personagem, sem pessoa. Isso eu levo quase como um dogma. A capa inteira foi um jogo de futebol. Ok tem ali o personagem. Não significa

que o personagem seja exclusivo do *Diário Gaúcho*. Claro que não. No futebol, os personagens quase nunca são exclusivos, fazem parte de um evento. Mas tem uma pessoa. O que não dá é ter três, quatro fotos numa página e uma é uma fachada, outra é um close de uma planta, outra é um close de uma placa de trânsito e outra é um carro. A vida, as pessoas, a gente, são prioridade máxima no jornal. Isso que dá a essência do jornalismo. Mostra que o jornalismo de serviço é calcado muito em cima do personagem, de quem vibra, de quem chia, de quem sofre.

Pergunta: No *Diário Gaúcho* tu achas que no geral o jornal consegue trazer mais elementos do personagem ou às vezes acaba restrito a uma fala? Se consegue descrever, no *lead*, ou até pela fotografia, é possível trazer mais elementos do personagem?

Felipe – O tamanho que termina dado ao entrevistado, ao personagem, à gente que aparece, varia muito. Infelizmente, não é só no *Diário Gaúcho*, em qualquer outra redação, muitas vezes para enriquecer e trazer um cidadão para uma matéria tu não vais ter todo tempo de escolha e nem todo o espaço pensado. Tem circunstâncias como esta minha matéria (*do morador de rua que disputou uma competição de atletismo de alto nível*), foi uma matéria pensada para ser uma matéria especial. E essas especiais, sim, a gente tem um trabalho maior de tempo de ouvir, tempo de redigir, tempo de conferir informações ou até de dar uma riqueza de detalhes, porque tu estás acompanhando ele por um bom tempo, e aí depois desse longo tempo tu contas uma história que não fica só em cima de uma exclamação sobre algum fato. Claro que o ideal era que todo mundo tivesse todo o tempo do mundo. Óbvio que isso não existe. Se é um Fala, Povo!, se é só a carinha e uma frase de alguém comentando tal coisa, até o personagem que ganha duas páginas, ou numa série ganha seis páginas, eu acho que a importância dele se fazer presente é a mesma. O impacto é diferente. Quanto mais tempo tu tens, mais chance de ter mais profundidade, mais elaboração de texto, casar com imagem, diagramação, escolha da fotografia. Claro que numa matéria especial é muito mais rico. Mas eu entendo que, muitas vezes, é a palavra rápida de alguém que é mais incisivo em cima de um tema que é urgente, mais jornal e menos revista, acho tão importante como duas páginas. É importante estar no jornal. É importante mostrar o

rosto e o sentimento em relação a um determinado assunto que a pessoa está inserida seja por escolha da pessoa ou por escolha do jornal.

Pergunta: Há o herói, o exemplo, que dá uma lição de vida, mas também há a questão da denúncia, o personagem que aparece se associando ao jornal para reclamar uma questão que não está sendo resolvida. O que prevalece? Existem esses dois polos, ou qualquer pessoa que tiver uma boa história será personagem?

Felipe – O grande ganho do *Diário Gaúcho* e outros jornais que pensam assim é fazer essa mescla. Não fazer um oba-oba de uma edição inteira e nem fazer da desgraça a cartilha toda, do início ao fim do jornal. É assim o mundo, enquanto uns choram, outros riem. Sempre vai ter alguém comemorando alguma coisa e sempre vai ter alguém reclamando de alguma coisa. Essa mescla que o repórter também está incluído, nesse dinamismo de positivo com o negativo inclui desde a produção do jornal, a percepção do repórter e, claro, está muito na mão do editor na hora escolher as pautas para serem colocadas. Dentro do ideal, e acho que a gente consegue fazer isso quase 100% das vezes, é fazer essa mescla. A nossa página 3 quase sempre é de alguma coisa positiva, porque é a primeira página que tu viras a capa e dá de cara com o personagem, então tentar elevar o teu dia numa coisa mais positiva. Por outro lado, é importante ter também e a gente sabe que termina atuando como advogado e essa função de quatro poderes, que muitas vezes já nem se fala mais, mas os antigos ainda falavam que a imprensa era o quarto poder justamente por isso, por escancarar as mazelas do povo, denunciar, investigar e mostrar que de uma maneira mais rápida a solução acontece. Se é da base antiga, ainda é, sim, essa parte do jornalismo como um prestador de um serviço que na gênese não é dele – de fazer resoluções, de tapar buraco de rua, etc. Mas ao escancarar esse desserviço, na maioria das vezes público, desse vácuo do serviço público, é jornalístico mas é também eminentemente um serviço de defesa do cidadão que, em tese, não é o jornal que tem que fazer, mas assume esse papel em função dessa imersão tamanha que o jornal tem na comunidade. Isso é muito básico, muito antigo, mas que continua sendo assim.

Pergunta: Como explica quem é o personagem? É possível descrevê-lo? Como ele é? Onde é encontrado? Tem uma cara? Ou não?

Felipe – Muitas vezes, o editor não tem nem ideia de como é que aquele personagem chegou porque não dá tempo de perguntar onde os repórteres conseguiram tanta riqueza de personagem em cima de fatos que ocorreram de manhã, e de tarde o personagem já está encaixado. Isso é muito trabalho de repórter, feeling de repórter. Não existe um guia para o repórter chegar no jornal hoje e pegar: “o guia do nosso personagem é esse, ele precisa ter o cabelo assim...” claro, fazendo uma metáfora. A partir do momento que percebe, folheia o jornal de uma semana, de duas semanas, ele percebe que as pessoas, em tese, se tu olhares só a foto, elas não têm nada de especial. Mas o casamento delas com o assunto, com a abordagem, com a forma de descrever o que a pessoa disse, esse molho todo é que fica muito bacana e muito legal de trabalhar. O personagem pode estar na frente do jornal mas, seguramente, é muito mais personagem nosso o que está na periferia, que está num lugar dele, que não está passando por algum lugar que ele não sabe sobre o que vai estar falando. Mais rico é onde ele se ambienta. Vai ter o ambiente dele, a vizinhança dele. Tudo termina sendo mais rico assim, o ambiente diz do personagem. Ele deslocado vai ficar até com vergonha de falar, isso eu já percebi enquanto repórter. Quanto mais perto de casa, mais rica é a predisposição, o ambiente da foto e a naturalidade com que ele se manifesta. Tu entrevistas o pipoqueiro em casa e entrevista o pipoqueiro no (bairro) Moinhos de Vento, onde ele está trabalhando, ele não vai te dar a mesma entrevista. Não porque está trabalhando e porque está em casa. Já tive essa experiência e a pessoa me disse “eu fico mais à vontade no meu ambiente”. E uma entrevista quando alguém não está confortável, já fica uma outra entrevista. “N” situações contribuem para uma boa ou uma má entrevista. Mas esse, especificamente, me chamou atenção. A pessoa estando no ambiente dela, ela fala melhor, o assunto sai mais e a foto evidentemente é melhor.

Pergunta: Existe a máxima de que pessoas se interessam por pessoas, incluir pessoas contribui para a identificação do leitor com o jornal? O sucesso de uma matéria será alcançado à medida que ela tratar sobre a realidade das pessoas que leem o jornal?

Felipe – Isso faz parte de uma lógica jornalística, de marketing, de venda, uma lógica inteira. Gente gosta de gente e não existe, me diz um filme que foi

filmado que não apareça uma pessoa. Um livro, especialmente porque estamos falando de coisa impressa, que não tenha personagens, aonde ele vai? Não existe. Alguma peça de teatro que não tenha pessoa. Gente é o básico para fazer as coisas, especialmente o jornal popular. Não tem como fazer uma matéria de clube de futebol só com dirigente. Sai, mas é uma droga perto de uma matéria onde tu tem uma torcida, tu tem o torcedor, tu tem o porteiro que fala, é melhor do que o dirigente, na nossa percepção. A questão política nossa ela é onde impacta na vida real da pessoa, não é no auge da teoria, ou do que acha ou o que não acha. Vamos no conteúdo, no que é mais próximo do real. Da questão macro, política, etc., está muito distante, projetos, intenções, são coisas que, realmente, se for pensar assim nesse ambiente, tu não vais achar personagem, tu não vais achar gente. Tu vais achar discursos, dogmas, então não é a mesma coisa. Tem outros espaços para fazer isso. Tem revistas especializadas, jornais ditos tradicionais que se ocupam mais disso, que se enquadram mais, não é crítica, se enquadram mais. O nosso fazer jornalístico vai muito mais em função de gente, histórias e citações reais. Projetos são só para colocar e depois seguir cobrando se sai ou se não sai do papel.

Pergunta: A narrativa do *Diário Gaúcho* promove a transformação ou ainda conta histórias apenas pelo inusitado, pelo entretenimento?

Felipe – Há momentos, passam por chefias, por equipes de reportagem, por editores, até por parceria com fotografia, com diagramação, com arte. Cada momento é um momento. O importante numa equipe que faz um jornal é estar sempre se questionando se o que está fazendo é o suficiente ou onde tem espaço para *pirar*. E esse espaço para *pirar*, ou para ousar, é sempre importante ter e sempre terá espaço. Uma matéria sobre o perigo de punquistas no Centro: se a gente pegar o serviço que a gente deu em 2000 e colocar agora em 2014, está perfeito, ele vai servir. Porque a mochila tem que ser colocada na frente, é o básico. Agora, se cada vez que for fazer esta matéria telefonar para um policial diferente, para um secretário municipal de segurança, para quem puder contribuir com esse assunto, daqui a pouco ele terá uma ideia diferente. Poderá apenas engordar esse serviço, ou poderá virar outra matéria. Se pegar o mesmo serviço que a gente tem, a matéria sai. Mas ela pode enriquecer muito se a gente não se acomodar nas nossas rotinas e ligar. Tu vais falar com uma pessoa, tu vais para rua. Sempre tem como

engordar. A gente não pode se acomodar e o leitor também não pode se acomodar. Será que em algumas matérias a gente não pode além de contar o fato, de dar o serviço, de fazer alguma coisa jornalística que estimule a pessoa a caminhar? Muitas matérias a gente não dava porque achava que não era do nosso público. Agora a gente já está achando que sim, a gente tem que dar essa matéria porque a pessoa pode estar interessada numa pós-graduação, pode estar interessada em fazer um trabalho que antes exigia ensino médio, e agora com a Eja, é possível. Então, essa régua tem sempre que estar levantando. A gente sempre vai abranger alguém. Isso me cutucou para ter alguma ideia de a gente poder fazer alguma coisa que não dê só o serviço, mas estimule a pessoa a também ser, no mínimo, um emissário dessa informação para que menos pessoas fiquem extremamente dependentes de a gente dar a informação.

Pergunta: Há um cardápio variado de personagens (que foram localizados na coleta do material para a pesquisa). Como é definida a lógica entre os tipos a fim de mesclar os personagens?

Felipe – Eu mesmo fui alertado enquanto estava na Geral, de que fizemos ótimas matérias no estilo de botar pé na porta de secretarias e de órgãos públicos, estávamos numa pegada muito legal. Mas já estávamos muito hard, muito pé na porta. Precisávamos ter um relaxamento, colocar um personagem só por ele, para contar a vida dele, uma iniciativa, um voluntariado, para dar essa mescla. Quando tu entras numa batida de que vai ficar muito legal várias coisas, mas se elas são muito legais dentro de uma mesma área é momento de dar uma alternada, para o jornal ser o mais plural possível, ter o entretenimento, o esporte, o variedades, o serviço, o lado bom, o lado ruim, o lado investigativo, porque é importante. Se não, vai parecer um azedume, vamos colocar pé na porta em porta que não precisa colocar pé. Todo esse negócio é um pensamento coletivo, que vem do mais responsável, do mais alto cargo, até quem está de estudante no meio da redação, que possa fazer um alerta “nossa, mas tá forte isso”. Todo mundo que pode falar, fala, desperta algum sinal de alerta para fazermos um leque cada vez mais variado. Não significa puxar freio, não fazer tantas coisas, vamos fazer, mas na hora de distribuir e publicar dá uma trabalhada legal, segurando coisas, explorando dias em que pode ter menos matérias.

Entrevista com Lis Aline Silveira, editora de Geral, concedida à pesquisadora na redação do *Diário Gaúcho* no dia 29 de dezembro de 2014.

Pergunta: Quem é o personagem do *Diário Gaúcho*? Quando você era repórter, como buscava esse personagem? Ele é o mais importante da reportagem?

Lis – Para mim, o personagem continua sendo primordial. Quando tem o case, tudo fica mais fácil. Existe uma identificação do leitor e fica mais fácil até de ilustrar, seja com fotos, para contar uma história. Sempre sou favorável. Para mim, o personagem segue sendo importante, aconteça o que acontecer no *Diário Gaúcho*, acho que não perdeu a importância e espero que não perca.

Pergunta: Tu achas que existe uma fórmula, podemos descrever como é o personagem do *Diário Gaúcho*? Ele é diferente do personagem de outro jornal?

Lis – Eu acredito que é diferente sim. A gente procura uma pessoa que se pareça com o leitor, com o público-alvo do jornal. Se for lembrar a maneira como eu procurava meus personagens como repórter era uma maneira muito particular. Eu olhava para as pessoas, digamos uma pauta que o case poderia ser aleatório. Eu olhava e quando dava aquela cruzada de olhares, eu sentia: “é aquela pessoa!”. Ou aquela pessoa que tinha um jeito mais curioso, que eu via que estava interessada em tudo, que não estava alheia. Geralmente, aquela senhorinha de meia idade, essa é a mais clássica. Ela fala sobre economia, sobre comportamento, que é afetada pela falta do ônibus, pela fila da saúde, ela tem filhos, ela faz as compras. Eu vejo quando falam de um case clássico, essa senhorinha de meia idade moradora da periferia, que anda de ônibus, vai ao supermercado, que tem filhos, às vezes netos. Ela se preocupa com economia, transporte, educação com saúde, é muito da vivência dela ali, com os assuntos da vida real.

Pergunta: Tem uma definição geográfica para buscar esses personagens? É na periferia?

Lis – Eu acredito que sim. Para realmente aproximar do leitor. Acontece com todo o repórter quando tu estás num lugar e vês uma pessoa diferente e sente “essa pessoa nem adianta entrevistar porque ela não vai querer sair no jornal, não é bem o padrão dela, ela é um padrão mais Zero Hora”.

Pergunta: Esse é um conhecimento que circula na redação, é adquirido na prática ou é dito?

Lis – É na prática. Às vezes, acontece de ser alguém diferente, mas geralmente é este padrão. E quando vamos pegar o leitor médio é ali que vamos buscar: no (bairro) Santa Tereza, no (bairro) Partenon, no Centro, mas junto a um terminal de ônibus ou comércio popular. Não vai ser no Moinhos Shopping, ou na (rua) Dinarte. Isso o repórter vai incorporando. Quando chega alguém novo, que não conhece, todo mundo vai recomendando: “vai no Santa Tereza, procura na Restinga”. E vai incorporando naturalmente. Como começou isso eu não sei dizer, mas era bem dessa necessidade de a pessoa se ver no jornal, do leitor ver alguém como ele, a identificação.

Pergunta: O DG consegue encontrar esses personagens tão peculiares porque está sempre nas ruas, só na rua se encontra os personagens ou há outras maneiras?

Lis – Eu ainda sou favorável a ir para rua e procurar, bater na porta, chegar naquele grupinho de senhoras tomando chimarrão e interferir. Ainda sou favorável a isso, mais do que ligar para pessoas. Claro que a gente não pode brigar com a tecnologia, a gente tem feito pautas buscando sugestões em grupos de WhatsApp, mesmo por Facebook, mas ainda sou favorável a ir para a rua e conhecer as pessoas, o olho no olho. Pode ser uma visão romântica, mas eu a mantenho.

Pergunta: Quando o DG conta sobre um personagem, a narrativa é construída de maneira que o texto diga sobre o personagem não apenas pela fala dele. Outros elementos também ajudam a construir o personagem?

Lis – O lugar diz muito sobre o personagem. O repórter, o bom repórter é um curioso, um observador, ele vai à casa da pessoa e vai observar detalhes além do que ele foi conversar e dali vai construir. Ou a relação daquela pessoa com a família, com os vizinhos, ou a maneira como ele recebe o repórter. O bom repórter sempre que puder optar ele vai tentar falar pessoalmente para ver isso. Claro que às vezes ele é atropelado pela pressa. Mas sempre que se pode ir à casa do personagem, ser recebido, ver o ambiente é muito melhor. A percepção do repórter também constrói.

Pergunta: O repórter é tratado, nesta pesquisa, como jornalista-narrador. Ele conta a história, mas tem papel importante relacionado ao personagem porque ele escolhe, determina quem ele vai ouvir e edita o que a pessoa diz. O repórter tem essa autonomia, é o dono da história?

Lis – Muitas vezes, o repórter não apenas edita, como conduz. Às vezes, a pessoa não sabe bem como falar sobre aquele assunto e então o repórter vai conduzindo pela mão: “mas a senhora não acha que gastando isso vai influenciar naquilo...”, joga aquela corda para ver se ela fala mais. Nem sempre aquele personagem está pronto, muitas vezes o repórter tem que lapidar o personagem. Muitas vezes, em poucos minutos consegue estabelecer uma relação de confiança, a partir de uma abordagem educada que tu faças, sem aquela coisa do coitadismo, chegando de forma clara, mas simples, sem se mostrar como uma personalidade que chega na casa da pessoa. Às vezes, as pessoas surpreendem e se abrem.

Pergunta: O personagem do *Diário Gaúcho* promove a transformação social, ou ele acomoda?

Lis – A forma com que cada pessoa trata com o que é dado para ela, para uns pode fazer a diferença, mas para outros não vai fazer com que saiam do conformismo. Às vezes, eu vejo que o jornal pode ser um catalizador para fazer com que as pessoas saiam daquela situação. Um exemplo recente é a fila de Alvorada. Todo dia 1º as pessoas ficavam horas e horas numa fila para carimbar um papel. E, de repente, aquilo tomou deles uma revolta tão grande, que eles chamaram (o jornal), mostraram, e até onde eu sei aquela fila acabou depois que foi exposta. Há quantos meses eles não aceitavam aquilo de cabeça baixa? Mas é muito relativo.

Tem pessoas que nada vai fazer com que saiam da imobilidade. Mas eu penso nessa visão romântica de que o jornalismo pode fazer a diferença. Não digo que vou mudar o mundo, mas esse papel da imprensa de denúncia e de fazer com que algumas coisas melhorem segue existindo.

Entrevista com Aline Custódio, repórter da editoria de Geral do *Diário Gaúcho*, concedida à pesquisadora na biblioteca da UNISINOS, no dia 24 de outubro de 2014.

Pergunta: Como tu vê a reportagem de dia-a-dia, da Geral, que conceito existe para ti, como isso foi sedimentando na tua cabeça quando tu pensas na reportagem?

Aline – Quando eu penso na reportagem da editoria de Dia-a-Dia, eu vejo a editoria como a principal do jornal. Ela que abre o jornal, depois da página dois, é ela que dá serviço, principalmente serviço, para a população, é ela que apresenta personagens, muito mais do que a editoria de Polícia, Variedades e a parte de atendimento ao leitor. Antes de entrar no jornal, eu já observava isso dos meus pais. Porque eu era contra o *Diário Gaúcho* antes de entrar no jornal. Quando ele foi criado, eu achava que ele seria um “espreme e sai sangue”. Eu trabalhava em Lajeado e quando eu ia para casa eu via os meus pais lendo o Diário, e não só eles, eu via também no trem, no ônibus, e isso me chamava muito a atenção. Mas por que as pessoas estão lendo o Diário? E toda vez que eu olhava, eles estavam sempre entre a página 3 e a página 4, não era Variedades, não era Polícia, não era nada. E eu chegava em casa e perguntava: “o que tem nesse jornal que vocês gostam tanto?” E aí a mãe me dizia: aqui eu sei qual é o preço da fruta, quanto está custando a fruta hoje, aquelas colunas de economia, minha mãe recortava inclusive para guardar, e eu achava importante porque na Zero Hora não tinha isso. Então, eu vejo a editoria de Dia-a-Dia como uma porta para o leitor entrar no jornal. Muito mais do que o floreio da editoria de Variedades, e as mortes na editoria de Polícia. É na editoria de Dia-a-Dia, ou Geral, como a gente fala, que a pessoa vai realmente ter a informação sobre Porto Alegre, sobre a Região Metropolitana, sobre economia popular e até história de personagens também. Eu vejo a editoria de suma importância para o *Diário Gaúcho*.

Pergunta: Em relação à reportagem da Geral. Na época que tu entraste, como foste te apropriando para entender a estrutura da reportagem do Diário? Ela é muito diferente em relação a outro jornal?

Aline – É sim. Eu vinha da Zero Hora e eu percebia isso já na primeira reportagem que eu fiz. Quando eu cheguei ao Diário, eu tive que fazer uma reportagem sobre os moradores da Vila Umbu (na cidade de Alvorada), que tinham se reunido, juntado dinheiro, uma vaquinha, para colocar asfalto na sua rua. Nem era asfalto, era aquela pedra basalto. Eles pegaram do próprio dinheiro, gastaram do próprio bolso pra isso e eu nunca tinha visto isso na Zero Hora. Quando eu cheguei para conversar com eles, teve um senhor de roupa branca, não lembro o nome dele, mas ele me levou na casa dele “vamos sentar ali em casa, para gente conversar e eu te contar a história” e aí ele me contou como é que foi. Isso jamais me aconteceu na Zero Hora, isso em cinco anos trabalhando. Ninguém me convidou para entrar, sentar e conversar. E no Diário foi na primeira reportagem. Eu lembro que voltei para a redação, eu estava com o Ricardo Jaeger (repórter fotográfico do *Diário Gaúcho* na época), emocionada, fui falar com a Rozanne Adamy (editora de produção da época), e disse “a gente tem a reportagem, foi muito legal”, acho que até foi foto de capa. E ali eu já percebi que era diferente o contato com a fonte. Porque eles me receberam de braços abertos. Quando o carro do Diário chegou foi uma festa, tinha umas 50 pessoas na rua, todo mundo “chegou o Diarinho, chegou o Diarinho!” isso nunca tinha acontecido comigo na Zero Hora e achei que era diferente. Ao longo do tempo, fui me adaptando a essa realidade de que a fonte no *Diário Gaúcho* ela não é simplesmente uma fonte, ela passa a ser de alguma forma tua amiga. Eles confiam em ti muito mais do que como repórter, eles têm um respeito por ti como repórter, mas eles também te enxergam como aquela pessoa que vai ser a voz deles lá no Diário ou no jornal ou na imprensa. O que eu não posso falar diretamente para o governador, eu vou falar para o Diário. É isso que eu entendia. E isso eu fui reforçando com as minhas fontes. Desde o primeiro ano, eu percebia que tinha que ficar com o contato delas porque essas pessoas depois de alguma forma poderiam me ser úteis. Diferente da Zero Hora que eu ia lá entrevistava e ia embora, essas pessoas estavam dispostas. Elas diziam “Já que tu fez a reportagem, eu posso te ajudar no que for quando tu precisar de mim, pode me ligar”. E eu fui guardando isso e foi assim que eu fui formando as minhas fontes. Porque todos eles falam isso. “Já

que tu me ajudou, pode me ligar de novo que eu faço questão de ajudar vocês” e isso é uma coisa que não acontecia. A reportagem para mim tem isso no *Diário Gaúcho*, essa coisa da proximidade com essa fonte. Essa proximidade é diferenciada, tenho esse relacionamento que, às vezes, eu até tento me afastar um pouco, mas é quase impossível. As lideranças têm meu celular pessoal, eu já tentei não divulgar, deixo telefone da redação, mas não adianta, eles descobrem o telefone e me ligam, me mandam mensagem 4h, sábado, domingo, principalmente esses que eu tenho há, pelo menos, nove anos, desde o início, esses já ultrapassou. Obviamente, eu não os visito em casa quando não estou trabalhando, eu não vou a churrasco, eu não vou a aniversário quando eles me convidam, eu tento manter a distância. A relação que a gente tem eu ainda tento manter essa coisa repórter e fonte, mas, obviamente, eles me ligam fora do horário de trabalho e eu atendo, faço questão de atender porque eu sei que para eles é importante ter alguém para ouvir do outro lado. Muitas vezes, essas pessoas realmente passam pautas importantes não só para a Geral, mas para a Polícia, atendimento ao leitor, (seção) Seu Problema é Nosso. Então, como é que eu não vou atender? Eu faço questão de atender. Eu sei que é uma relação “enquanto eu te ajudo, tu me ajudas”. Eu deixo bem claro isso. É uma troca que vai sendo alimentada pela confiança. E quando a pauta não vale, eu digo, eu sou franca, sou muito clara, xingo inclusive, já xinguei um taxista da Rodoviária que me ligou 4h. Existe essa troca fonte-repórter, esse laço, é uma amizade e não é porque eu não levo para vida pessoal, não vou à casa deles, essa relação é o que mais importa na reportagem do Diário. Eles são as nossas fontes oficiais, não é a prefeitura, não é o governo estadual, não é a polícia. A nossa principal fonte ainda é quem vem da rua. Isso é o diferencial do Diário na reportagem.

Pergunta: Muitas vezes, o personagem depois que é matéria, vira fonte. Isso acontece?

Aline – Acontece muito. Não é esse o objetivo, tanto que tem alguns com os quais eu nunca mais falei. Mas os mais antigos, eles realmente ligam. Principalmente as lideranças comunitárias sim. Se ele sai no jornal, provavelmente depois ele vai te procurar de novo, tu nem precisas procurar por ele, ele te procura, é bem comum isso. Principalmente, se a matéria, não digo uma matéria positiva,

mas uma matéria que colocou realmente o que ele tinha pensado, ele vai te ligar para agradecer primeiro, ou vai te mandar um e-mail hoje em dia, e ele vai te ligar de novo para sugerir outra reportagem. E outra: o repórter não pode esquecer o cara, o repórter não pode esquecer a fonte. Eu tenho mania de ligar. Eu ligo muito, gasto telefone, mando mensagem, para saber como ela está, tento não esquecer. Tanto que eu saí do jornal, voltei e mantive as mesmas fontes, eu não perdi as fontes porque tenho esse costume. Tenho os celulares deles todos, boa parte está no meu celular pessoal, tenho a minha agenda pessoal de lideranças que podem me ajudar e eu ampliei ela com a questão do orçamento participativo. Ali não tem fontes, não é gente que eu conheça, eu tenho os contatos ali, e eu vou ligar: “Ó, eu vi teu nome ali no orçamento, quero saber se tu podes me ajudar”, daqui a pouco pode virar uma fonte. Essa coisa do personagem virar fonte é comum. Principalmente, entre as lideranças. Às vezes, nem ela é personagem, mas ela te ajuda a encontrar alguém.

Pergunta: Quem é o personagem do *Diário Gaúcho*?

Aline – Ele é a peça fundamental da reportagem. A reportagem começa pelo personagem, muitas vezes. Mesmo que seja uma matéria de economia, sobre o preço da bergamota, que subiu. Eu vou procurar um personagem que me mostre por que o preço da bergamota subiu. Não vai ser o especialista que vai me dizer. Eu vou procurar a dona Florzinha que vai todo dia à mesma feira, ou ela pesquisa feiras diferentes, para encontrar o preço melhor. Eu sempre penso primeiro no personagem, independente da reportagem que eu vou fazer. Eu vou pesquisar, eu vou procurar alguém que me mostre o que eu quero. É a construção do real, a gente tenta construir. É isso que eu procuro. O personagem é a peça fundamental, independente de que reportagem for. Mesmo na Polícia. Quando eu fazia matéria na editoria de Polícia, eu sempre focava no personagem, mesmo que fosse o morto. Eu fiz uma matéria uma vez que ela não renderia nada, absolutamente nada, ela era uma nota, num domingo. A gente tinha uma página aberta e não tinha nada, ela seria uma notinha de beira de página. E aí, me chamou atenção: era um morto na extensão do (arroio) Dilúvio, na parte da Ipiranga (em Porto Alegre), onde não é asfaltada. Aquele morto estava ali havia seis horas. Eu fui com o (fotógrafo) Carlos Macedo fazer essa reportagem – outra coisa que eu sempre lembro é o fotógrafo, eu gosto de lembrar o fotógrafo sempre – eu fui com o Carlos Macedo e aí esse morto

estava na beirada do Dilúvio e me chamou atenção a quantidade de pessoas na volta, e mães tirando fotos de crianças com o corpo do lado, felizes e contentes. E aí, eu disse “gente, não é simplesmente um morto que tomou oito tiros”, eu acho. O delegado Bica chegou depois. É tudo o que ele transformou, ele transformou um domingo de tarde num momento de lazer para aquelas pessoas, tinha gente vendendo refrigerante no local, tamanha era a quantidade de pessoas. E aí, eu fiz toda a matéria em cima disso: eu contei o cara que estava vendendo refrigerante, a mãe que estava tirando foto com o bebê, mas tudo em cima daquele personagem, daquele corpo estendido no chão, do cara que ficou oito horas esperando pelo IML. Até nisso o personagem foi importante. O crime ficou secundário. Eu contei tudo o que aconteceu na volta daquele corpo naquele momento em que eu fiquei observando. Eu só observei, eu quase não entrevistei pessoas. Foi mais observação. Aí, contei quem era o cara, descobrimos depois quem era ele, o personagem em si, mas até nisso é possível transformar uma reportagem a partir do personagem. Ele não tinha nome e a matéria virou uma página, acho que até saiu na capa. Eu valorizei a pessoa de alguma forma, mas valorizei o que aconteceu no entorno dela, eu deixei de falar só do crime. O crime era um morto com oito tiros na beira do Dilúvio. Em sete, oito linhas, eu terminaria. Eu percebi que era muito mais no entorno daquele personagem, por que aquelas pessoas estavam ali, idolatrando um morto? Fazendo fotos, que horror! E aí é que entra uma coisa: é o olhar que não pode deixar de ser inocente. O Geneton (Moraes Neto, jornalista) fala isso e sempre levo isso para mim. A gente não pode achar que tudo é normal, não pode nunca, isso é uma coisa do repórter. Independente se é *Diário Gaúcho*, Zero Hora, Folha de S. Paulo, o repórter tem de estar aberto a qualquer possibilidade na rua. Ela vai fazer uma reportagem, mas se ele vir que tem uma coisa mais interessante que aquilo ali, ele pode virar e fazer outra coisa. Neste caso do corpo, foi isso que aconteceu.

Pergunta: Tem elementos da narrativa que ajudam a falar sobre o personagem. Tu tens essa preocupação de construir não só com a fala do personagem, mas com outros elementos?

Aline – Eu procuro observar tudo no personagem. Na matéria dos Invisíveis, por exemplo, tem a Vanessa. O que eu mais observava nela eram os olhos

marejados, ela estava sempre com os olhos cheios de lágrimas e isso eu coloquei no texto. Do seu Adão, era o bolso vazio. Ele puxou o bolso e mostrou vazio, eu coloquei isso na matéria. Então, tem detalhes e eu gosto muito de perceber detalhes do personagem, independente se for uma matéria de economia. Eu lembro de uma senhora que fomos fazer uma reportagem que ela pegava e cheirava as frutas e eu botei isso no texto. Ela não cuida apenas o preço, ela vai lá e cheira também, ela quer a qualidade, ela não quer só o preço mais barato, quer a qualidade da fruta também. Sinceramente, ninguém me ensinou isso. É uma coisa que fui pegando aos poucos, nem sabia que era um dos elementos da narrativa. Não sei se funciona com o leitor, mas nunca tive reclamação nesse ponto. A roupa da pessoa vale, se ela tem tiques nervosos, vale. Teve uma matéria que eu fiz que a gente não podia identificar as pessoas, na (editoria) Polícia também, pessoas que viviam em locais dominados pelo tráfico e se conectavam com as outras pelo celular, o Messenger. Eu procurei identificar uma delas por essa coisa de ela estar sempre engolindo em seco e, quando ela lembrava deles, ela parava e ficava em silêncio. Até o silêncio conta nessa hora. É muito da observação. Obviamente, tem muitas vezes que a gente não consegue colocar tudo isso. Eu coloco e às vezes o editor corta, tira, mas eu não deixo de colocar. E também não tento forçar muito porque o Diário tem o texto curto. Então, se eu puder colocar uma frase só interessante que possa dizer isso, já está valendo. Eu fiz agora a matéria sobre os marisqueiros, então eu coloquei o “cavouca”, eu queria mostrar o que eles fazem. Era uma matéria? Não sei se é uma reportagem. A gente está contando o perfil de uma profissão quase em extinção no Litoral Norte. E como é que eu ia fazer isso? Já que eu não tenho elementos, números, dados, então vou descrever como eles fazem. Então, eu fiquei 1h30min, 2h observando. Fiquei parada olhando para eles e eles faziam exatamente isso: o mar vinha, eles pisavam com o pé e quando o mar saía, espocava assim e eles começavam a enfiar a mão. Foi isso que eu tentei fazer, a descrição. E aí, o personagem foi importante. Porque neste caso, foi fundamental. Eu queria fazer uma matéria sobre marisqueiros. Eu não tinha personagem, eu não tinha ninguém. Como vou fazer? Liguei para o vice-prefeito, para o secretário de turismo de Cidreira, que me passou o telefone do Babalu, um pescador antigo, que me passou o telefone da Regina, a dona de uma peixaria e a Regina me passou o telefone do cara que eu ia fazer a matéria, o marisqueiro. Conversei com ele por telefone para ter uma ideia, tinha 29 anos de experiência, perfeito. Combinamos com ele que íamos às 5h, dois

dias depois. No dia anterior, liguei pra ele umas 9h da noite. Ele disse que não ia pode ir, que teria que ir para Osório. Liguei de novo para a Regina. Precisava de alguém. Ela tinha o telefone de outro. Liguei para o Valdir, eram 21h30min. Ele atendeu, expliquei que queria fazer uma reportagem sobre marisqueiros, ele disse “eu trabalho há quase 30 anos, tenho 35 anos e trabalho desde guri, desde os oito anos”. Ele disse “eu te ajudo”. Sete horas combinamos lá. Aí, ele me contou um pouco, são R\$ 6 o quilo, ele disse que tira 100kg por dia, é muita grana. Ele tinha uma Hyllux. É esse o personagem. Quando a gente chegou ao local, o que mais me surpreendeu foi que tinha a sobrinha dele, era uma pessoa que eu tinha entrevistado no início do ano, a Andressa, que mora no meio das dunas. Naquela época, a gente queria fazer essa matéria dos marisqueiros e era com ela que a gente ia fazer e não deu. A gente até tinha conseguido ficar um dia a mais no litoral em janeiro, mas não deu para fazer porque ia chover. E eu fiquei triste. Queria tanto fazer a matéria com ela. E não é que eu cheguei à praia e ela estava acocada com o tio, cavoucando. Eu disse “não acredito!”. E o Mateus: “É a Andressa!” E era a própria. A mulher que a gente queria fazer a matéria em janeiro estava lá. Eu só não lembrava o nome dela, liguei para o jornal, já estava com eles lá, entrevistando, o Mateus fazendo foto, e não lembrava o nome dela. Falei com a Cáren, e ela viu a matéria que eu fiz em janeiro, e disse que o nome era Andressa. Foi muita coincidência. Foi mais importante porque eu já sabia que a história dela era boa e a do tio, que ela já tinha me contado, era excelente. Os dois fecharam. E era uma matéria que o personagem foi fundamental porque sem ele não tinha matéria, não tinha história para contar como é essa coisa, quem é o marisqueiro. Muitas vezes, a reportagem parte do personagem. É uma ação dele que o torna parte de uma reportagem ou a reportagem em si. O Seu Ricardo, PM de Gravataí, acho que o conheci em 2005, ele fazia um trabalho social de entrega de roupas, donativos – veio pelo Atendimento ao Leitor, eu acho, não tenho certeza de como foi que eu achei ele. E a história era ele. Teve uma história interessante que aconteceu há pouco, saiu no jornal, foi na praia também. Queria fazer uma reportagem sobre o Horto de Tramandaí. E comecei a pesquisar a história. Eram oito pautas que eu tinha pensado e pesquisei sobre o horto, achei interessante, tem mais de 40 anos. Pensei “vai render foto” – porque eu penso no fotógrafo sempre, eu gosto muito de imagem e penso em fazer matérias que deem prazer para mim e para o fotógrafo também, independente de quem seja o fotógrafo. Pesquisei a página do horto, vi que tinha umas fotos bonitas, o lugar era

bacana e pensei, “vai render”. E aí, a gente chegou lá, a matéria virou. Fui entrevistar o diretor do horto, eu não sabia, já tinham me falado, eu estava em (Balneário) Pinhal e comentei com o prefeito que ia fazer matéria no Horto de Tramandaí, e ele disse “O Seu Argílio, maravilhoso”. Cheguei lá, fui conversar com o Seu Argílio. Aí, soube que ele era um ex-guarda, já aposentado, que tirava dinheiro do próprio bolso, que fazia um trabalho de educação ambiental no Estado inteiro, tinha árvore de Tramandaí lá em Derrubadas, que ele levou para plantar. E eu só olhei para o Mateus: “Mudamos a pauta!”. O personagem foi fundamental. Porque a matéria ia ser o horto. E não foi, foi a história do Seu Argílio, o guarda que tirava dinheiro do próprio bolso para sustentar o horto. E aí, a matéria virou. E o legal é essa comunicação com o fotógrafo porque eu avisei: foca nele, ele é o cara. O Mateus já conhece, quando eu fico sorrindo, com a satisfação de encontrar uma história incrível dessas escondida na praia. Fiquei uma meia hora sorrindo. Eram 5 da tarde, a luz estava baixando muito rápido, o Mateus fez as fotos primeiro e depois continuamos a conversa quando anoiteceu. E deu uma luz linda, num final de tarde e estava bem bonito no meio das alfaces. E foi assim que aconteceu, o personagem que deu a história. A do Sessinzão, também. Eu virei ela na praia. A gente fez há um ano a matéria sobre o Sessenzião, que ia ser vendido, nada aconteceu e eu resolvi fazer a matéria com o Seu Ivo, que é o cara que cuida do Sessinzão, só tem ele lá, não tem mais ninguém, é o único funcionário da prefeitura no local. Vamos contar a história do Seu Ivo, tem 73 anos, está lá há dez anos, chora quando tu fala no Sessinzão, que vai acabar e se acabar vai acabar o mundo dele. Cheguei lá, não tinha nem combinado nada, avisado a prefeitura, e estava Seu Ivo com suas cinco cadelas. Ficamos lá umas 2h e aí o Mateus focou nele. Ele teme o fim do Sessinzão, quem mais teme é ele. A matéria estava muito mais focada nele dessa vez. Estou contando que há um ano estão tentando vender, tem a palavra do prefeito, tem a história do Sessinzão, mas eu foquei no Seu Ivo. Começo e termino com o Seu Ivo. É o personagem. Ele costura a história. A ação dele é fundamental para a matéria porque não tinha nenhuma novidade. A prefeitura segue tentando vender, mas eu queria fazer uma matéria mesmo assim, faz um ano que estivemos lá, e continua tudo do mesmo jeito. Então, fizemos a partir do Seu Ivo. De novo, o personagem foi fundamental para uma reportagem.

Pergunta: Quando tu pensas no personagem, tu tens uma intenção, pensas em promover a identificação com o leitor, ou tem algum detalhe do personagem que possa inspirar o leitor, fazê-lo pensar?

Aline – Eu tento, mas nem sempre dá. Quando tem uma matéria que precisa terminar no dia, é quase impossível. Mas eu sempre tento trazer uma emoção. Eu gosto que o leitor se identifique de alguma forma, e essa coisa de superação. Tem gente que diz que isso é bobagem, mas eu gosto de histórias de superação, de gente que se esforça de alguma forma, se dedica a alguma causa, o próprio Seu Ivo, que doa a vida dele para o Sessinzão, o Seu Argílio, que doa do dinheiro dele para sustentar o horto. Eu tenho essa coisa de querer mostrar que é possível mesmo quando é impossível. É uma forma que eu tenho de fazer com que o leitor se inspire. Nem sempre é possível fazer isso, mas sempre que eu posso em meio às matérias mais práticas do dia-a-dia, eu tento colocar alguma coisa nesse sentido. É possível. Tem espaço no Diário para isso. A gente lida com um leitor que está crescendo economicamente falando, é um leitor que está chegando à classe C depois de muito esforço, então é um cara que entende essa coisa de superação, ninguém mais do que ele sabe o que é se superar. É importante mostrar que existem exemplos dentro dessa classe que se superaram. E se a gente não mostrar quem vai mostrar? Não vai ser a Zero Hora, o Metro, o Jornal do Comércio. É o Diário. É o Diário que entende essa classe ainda.

Pergunta: Como tu trabalhas com situações nas quais o personagem é abordado como vítima?

Aline – Eu tomo cuidado. Porque primeiro eu estou mexendo com o ego da pessoa. Eu sei que a pessoa estaria com vergonha. Geralmente, tenho cuidado com a pessoa. A matéria não está querendo ajudar ela. Não é esse ponto. O ponto é mostrar que existe essa situação e que ela está sendo um exemplo dentro de um universo.

Pergunta: Esse cuidado é natural com todos os personagens? Ou te sentes usando aquelas pessoas para contar uma história?

Aline – Eu fico preocupada. Nos Invisíveis, aconteceu isso. Para todos eles eu explico o que estou fazendo. Nos Invisíveis, aconteceu isso. Depois de um ano, a gente voltou aos locais e a sensação que eu tive era de que estava usando eles. Tanto eu quanto o Mateus, a gente acabou chorando até. As coisas não tinham mudado do jeito que a gente queria para alguns, a família do Seu Adão, que tem problema psicológico, problema sério mental inclusive, ou por conta da fome. Eles ganharam uma casa, eles ganharam um auxílio, mas não conseguiram se movimentar sozinhos, precisavam de alguém. E aí, naquela hora, eu me senti inútil. Eu me senti mal. O Mateus também disse “será que a gente está usando eles?” tanto é que a gente não voltou mais. A ideia era realmente depois de um ano não voltar mais. Mas naquele um ano doeu. Eu fiz tantas reportagens com eles mostrando que eles estavam evoluindo, ganhando coisas mas, na verdade, eles não evoluíram nada, eles só ganharam coisas, mas evoluir como pessoas isso não aconteceu. Isso foi o que mais me doeu porque não teve alguém que pudesse auxiliar eles. Eu queria fazer essa ponte, mas aí ia ultrapassar a minha atividade como repórter. Isso foi um dilema, foi um horror para mim, eu passei uma semana mal. E a gente saiu de lá chorando. Ali eu fiquei pensando: será que eu usei eles? O motorista disse “não, tu não usou, tu mostrou aquilo que precisava ser mostrado, tu deixou isso claro para eles, mas depende deles também, tu não podes fazer tudo, tu não podes salvar o mundo”. Às vezes, a gente quer salvar o mundo e não consegue. E isso é uma coisa que até hoje me dói. E não é só essa reportagem, teve outras também. Teve uma matéria sobre os coveiros que vendiam ossos no Cemitério da Santa Casa, com o Diego (Figueira, ex-editor de Esportes do DG) e o (André) Feltes (ex-editor de fotografia do DG), que fez as fotos, eu chorei muito quando eles foram demitidos. Porque no mesmo dia em que eles foram demitidos por fazer isso, e era contra lei, eles estavam cometendo um crime, vilipêndio de cadáver, no mesmo dia acho que era um senador da República, ou um deputado, que tinha sido condenado por corrupção tinha sido liberado. No mesmo dia em que aqueles dois miseráveis coveiros estavam sendo demitidos por venderem ossos, o cara que tinha roubado milhões estava sendo isentado do crime. E aí, aquilo me doeu. E eu pensei “o que é que eu estou fazendo?”. Eu fiquei uma semana com crise de consciência muito forte, chorava em casa. Às vezes, eu sinto isso. Mas fica o peso na consciência.

Pergunta: Às vezes, o repórter constrói o personagem e a pessoa não se vê naquela narrativa.

Aline – Eu tento não mostrar o texto para a pessoa antes. Mas, depois, eu tento saber se ela gostou ou não. Dependendo da reportagem, eu ligo, incomodo. Tem vários que eu ligo para saber se gostaram, o que acharam, o que faltou, se eles conseguiram se enxergar. Principalmente, quando é a história de personagem, eu procuro saber o que aconteceu, se a pessoa gostou ou não. Eu sempre pergunto, eu quero saber.

Pergunta: O personagem é personagem de qualquer matéria, ou só quando é uma história especial em cima dele?

Aline – Tudo é personagem. Eu peguei a história do personagem depois do Rio (trabalhou no jornal Extra) porque lá eles falam personagem para tudo. Tanto que eu ia fazer o meu projeto de mestrado sobre o personagem. Depois, mudou. Queria saber quem é esse personagem. No Rio, falavam personagem. Quase não falo case (como foi hábito no *Diário Gaúcho*), mas para mim é tudo a mesma coisa. Eu uso muito personagem. Para mim, toda pessoa que é entrevistada por mim, é um personagem, toda pessoa que tem a sua fala descrita numa reportagem é um personagem.

Pergunta: Há uma identificação no jornal com os heróis do cotidiano e há as situações nas quais eles são identificados como vítimas. É uma característica do jornal?

Aline – É uma dúvida que eu tenho. Eu não tento fazer com que o personagem seja o coitadinho nunca. É superação, eu mostro o lado ruim, mas eu mostro o lado bom também. Eu não tento fazer o “pobrezinha, ela tá passando fome, morando numa casa de papelão”. Ela morava numa casa de papelão, mas ela estava procurando emprego, tentando melhorar de vida de alguma forma, cuidando dos filhos sozinha, uma batalhadora, eu mostrei o lado triste dela que era importante para a reportagem, mas eu também mostrei que ela estava tentando se superar. Se a mulher mora numa casa de papelão se tem vergonha de sair na rua com um balde

cheio de cocô para largar no pátio, como é que não vou contar isso? Isso é fundamental na reportagem. Por mais que possa vitimizar, aquilo ali contava a história, eu não podia fugir. Então, muitas vezes, faz parte sim contar esse lado triste porque ele faz parte da reportagem. Não significa que eu vou contar sempre o lado triste. Não. Se ele é importante para que a reportagem seja escrita, eu vou contar. E vou inclusive comentar com a pessoa: vou usar isso, vou contar isso, tem problema? Às vezes, é tão difícil porque eles não entendem. O próprio entrevistado, por mais que tu tentes explicar o que tu estás fazendo, às vezes ele não entende. Aconteceu esses tempos numa reportagem que eu fiz na Casa da Sopa. Eu expliquei para a mulher qual era a reportagem, que precisava da imagem dela, das crianças, eu fiz a matéria, a matéria saiu e ela reclamou que a foto saiu na capa, que ela não tinha permitido na capa, que ela tinha permitido dentro. O que eu vou dizer para ela? Eu passei uma tarde tentando ligar para ela, ela me ligou, eu não pude atender, depois liguei de novo, fiquei preocupada e não sei se não vai vir processo por causa disso. Porque ela não entendeu que poderia sair uma foto na capa do jornal. Ela disse “tu me disse que seria uma reportagenzinha, que não ia ter uma foto na capa do jornal”. Mas eu disse “olha, mas isso faz parte, se a reportagem saiu no jornal, pode vir a ter uma foto na capa. Por isso que eu perguntei se podia sair a foto”. Difícil. Ela disse “eu não falei desse jeito”. E eu “falou sim porque eu tenho aqui, eu tenho gravado”. Foi bem complicado, mandei mensagem até para os editores.

Pergunta: Às vezes, lendo uma narrativa, a reportagem contribui para sacudir a sociedade e outras que ela acomoda. A reportagem do DG está mais para qual lado?

Aline – Acho que estamos perdendo o foco de tentar causar uma marola, de mexer com a sociedade de alguma forma, isso me incomoda bastante. Eu gosto de contar histórias de personagens, mas também gosto de dar uma mexidinha de alguma forma, mesmo que seja para auxiliar, alguém que vá ajudar, ou um governo. A última que eu fiz, a dos Invisíveis, um ano depois. O prefeito ligou indignado. A matéria saiu no sábado, e a Fasc não tinha dado retorno e a gente publicou sem retorno. O prefeito mandou um e-mail para a assessoria da Fasc, que chegou para mim e para o (editor-chefe do DG na época, Alexandre) Bach na época, questionando porque a gente tinha dado sem a resposta da Fasc. Eu não tinha

recebido a resposta, fiquei uma semana tentando. Então, foi um pouquinho de marola. Depois, o prefeito exigiu que a gente publicasse a parte deles, foi legal. Foi a última que eu me lembro de ter mobilizado de alguma forma um órgão oficial. Acho que está faltando isso no Diário, está faltando a gente de alguma forma provocar mais, isso era uma coisa do Diário, até porque a gente é a voz dessa gente ainda, eu ainda me considero uma voz de quem está do outro lado. E se a gente não provocar isso, quem vai provocar? Talvez a gente ainda consiga fazer isso no Seu Problema É Nosso. É de onde vem o retorno e o problema vai ser resolvido. Tu vê solução, vê que teve algum encaminhamento. Por mais que digam que é assistencialismo, não me interessa, é jornalismo e a gente está fazendo o nosso papel. Aquela pessoa estava tentando mostrar o seu problema e não conseguia. O Diário mostrou e foi resolvido. E o SPN tem que ter uma parte de serviço. Muita gente até tenta resolver, tem os protocolos, e por que quando o Diário vai lá resolvem? A pessoa faz o caminho certo e não é atendida.

Pergunta: E a marola em relação ao leitor? O jornal estimula alguma lição, alguma mudança?

Aline – A gente tenta. Não está como objetivo, mas faz naturalmente. O repórter, principalmente os mais antigos, tem esse senso de fazer algo para motivar, mexer com o seu leitor.

Pergunta: O objetivo é que o leitor identifique com o personagem?

Aline – Eu tento fazer isso. Toda vez que estou na rua procurando um personagem para uma reportagem eu tento procurar naqueles locais onde eu sei que a gente tem leitor.

Pergunta: Qual é o teu método de busca de personagens?

Aline – Eu gosto muito de me pautar. Dificilmente, eu deixo que o pauteiro me dê pauta. Muita coisa vem da rua. Eu estou fazendo uma reportagem e aí surge outra, e aí surge uma ideia. E aí, eu já vou atrás do personagem. A do dia das mães foi assim. Uns três meses antes eu disse “acho que vou fazer a matéria do dia das

mães” – comentei com o fotógrafo. Quero achar uma mãe que não seja mãe, que não tenha adotado, mas que cuide de crianças, que de alguma forma faça esse trabalho. Aí, eu estava numa outra reportagem, de economia, e uma liderança estava junto e disse “minha vila tem muita história boa para contar”. E eu perguntei “tem uma história de mãe que não seja mãe para me contar?” E ela: “Tenho! É a Irmã Fulana, ela já cuidou de mais de mil crianças, tem médico, tem psicólogo que passou pelo trabalho dela”. Tem que ter uma predisposição a procurar. Eu vou largando iscas pelo caminho, sempre, o tempo inteiro. Na praia, por exemplo, a gente fez oito matérias eu já deixei mais umas oito pré-agendadas. Eu joguei iscas para o prefeito de Pinhal, eu joguei iscas para o Seu Argílio me passar outra pauta lá, eu joguei isca para os marisqueiros que eles já vão me passar o contato de outro cara para entrevistar. E, assim, vou ampliando. E a história dos líderes é assim que surge também. Quando eu não conheço uma região, por exemplo, a Lomba do Pinheiro, eu já tenho três ou quatro pessoas que eu conheço. Se eu quero uma pessoa nova para aquela outra não precisar me ajudar, ou eu procuro no Orçamento Participativo que tem as lideranças, ou eu procuro a associação de moradores, ou eu procuro um ex-case meu que eu guardo os telefones – “Fulano, lembra que eu fiz uma matéria contigo? Por acaso, lembras de alguém assim, assado?”. Ou, se eu não consigo dessa forma, eu vou para rua. E na rua tu sempre vais achar. A gente sabe os bairros onde estão os nossos leitores. Agora, está mais ampla a coisa. Geograficamente, a gente sabe. Lá estão os nossos personagens e eles nos recebem bem. Basta ir com o carro do *Diário Gaúcho*. Eu vou aos extremos: Rubem Berta, Zona Norte, qualquer parte da Zona Norte já dá, eu vou para extremo da Zona Leste, Agronomia, Beco dos Herdeiros, Lomba do Pinheiro, eu vou para o extremo Sul, Restinga, Lami, alguma coisa de Belém, eu vou para o Oeste, as Ilhas, ou ali na parte mais central, Cruzeiro, Cristal. Eu fui uma vez ao (bairro) Moinhos de Vento porque exigiram aquela matéria dos estrangeiros da Copa.

Pergunta: Como tu selecionas teus personagens?

Aline – Quando eu fazia Fala, Povo! (enquete), eu ficava procurando as pessoas. Eu não pegava a primeira. Esse não tem cara de Diário, esse tem cara de Diário. Um cara que está com uma mochila nas costas, caminhando cansado, esse é *Diário Gaúcho*. É a intuição de repórter. Eu pego idosos porque idosos leem o

Diário Gaúcho, gostam. Às vezes, eu pego até jovem, um boy trabalhando na rua, gente de uniforme, trabalhando. Eu procuro idosos porque eles leem, gostam e dão retorno. Eu recebo cartas de um senhor da Zona Norte, um idoso de 60 e poucos anos que fica me mandando cartas, sugerindo pautas. Esse também foi um personagem, o Seu Greenpeace, o senhor que cuidava de folhagens. Eu fui para fazer a pauta de um prédio abandonado na Zona Norte e chamaram nove lideranças da região. A gente estava terminando a matéria, e eu fui conversando com eles. Elogiei o lugar bonito, com tanto verde, e falaram do Seu Greenpeace. Aí, quis saber “quem é o Greenpeace?” Aí, disseram, é o Seu Fulano. “Mas por que Greenpeace?” Aí, ele disse que cuidava de folhagens, que plantava no Costa e Silva, que plantava as árvores, tinha mais de 300 folhagens em casa. Olhei para o Mateus (Bruxel, fotógrafo) e perguntei: “está com horário?” e ele disse que sim. E perguntei para o Seu Greenpeace se podíamos ir até a casa dele. Ele perguntou o porquê. Porque eu quero contar a sua história! Era meio-dia, fomos à casa dele, a esposa estava fazendo almoço e a casa dele era só folhagens, era toda verde e ele conhecido como Greenpeace. Aí, ficamos com ele até as 13h30min fazendo essa matéria que surgiu do nada, de uma brincadeira de outro colega dele. Tem que ter disposição, mas a gente foi. E ele era o personagem. E o que eu pensei em contar nessa história: que é um senhor de idade, bem disposto, que é exemplo na sua comunidade, que cuida do meio ambiente, que tem essa consciência. A matéria era essa. É a exemplaridade. É um exemplo de vida, como a gente coloca na cartola. A gente usa bastante no Diário.

Pergunta: A entrevista rende mais do que tu consegues colocar no papel?

Aline – Muitas vezes, fica coisa de fora. E para selecionar isso... fico angustiada. Dependendo da matéria, uma especial, que não é para o dia, eu passo até para o fotógrafo ler. Para qualquer um deles que trabalha comigo, e geralmente eles dão retorno. Tenho saído muito com o Mateus, então o Mateus lê bastante. Ele até dá pitacos. Passei para o Tadeu, para o Omar, a matéria que eu fiz com eles. Se a gente tem um tempo, ajuda a contar uma história mais viva, mais próxima do que seria o real. Eu gosto de compartilhar isso com o fotógrafo. Às vezes, compartilho até com o motorista. Eu tenho essa mania. Eu não sou a dona da verdade nem dona da história. Estamos juntos. E se a matéria não é para o dia, tem tempo de ser

melhorada e lapidada, eu tenho esse critério de passar para fotógrafo e até o motorista. Ou, conto a história para ele de como eu fiz, se o motorista não está com a matéria: “O que tu acha? Faltou alguma coisa?” Às vezes, o *motora* ajuda, dependendo do motorista, se é um cara observador, um cara mais antigo, ele é pauteiro.

Pergunta: Qualquer pessoa pode ser transformada em personagem?

Aline – Qualquer pessoa tem uma história para contar. Independente se é gari, se é médico, se é cozeiro. Todo mundo tem uma história a ser contada. Eu parto desse princípio. Tu vais para rua e para lá no meio do Mercado Público, a primeira pessoa que tu atacares vai ter uma história para contar. Eu sempre tive vontade de fazer isso, inclusive. De parar no meio da rua e atacar as pessoas. Era um projeto que eu até estava desenvolvendo para mim, pessoal, de contar num vídeo: “me conte a sua história”. Estão fazendo isso no Rio.

Pergunta: Os melhores personagens surgem das mãos daqueles repórteres mais tem disposição?

Aline – É daqueles que vão para a rua. E daqueles que não foi o pauteiro que deu. Eu adoro derrubar pauteiro, e não é por maldade. Eu acho que o repórter tem que ter esse *tesão* de derrubar a pauta. Eu não aceito. Claro se a pauta é muito boa, é óbvio que eu vou fazer. Mas eu sempre tento dar o meu pitaco no meio dela. Eu sou chata. E sempre fui assim, desde que eu estava em Lajeado, discutia com a Rosane Tremea, sempre, recém tinha me formado, era foca. Desde aquela época, eu já discutia pauta. Só o tempo e a experiência para ajudar.

Pergunta: Tu já entrevistaste o personagem da tua vida, da tua carreira?

Aline – Eu sempre acho que vai vir um novo. Sempre acho que vai vir o grande personagem. Tenho vários incríveis, mas eu acho que sempre vai vir um melhor. Tenho essa busca constante por achar “A história”, eu sempre acho que vai vir “A nova história”. E acho que é isso que me move. A hora que eu achar que já fiz tudo o que eu tinha que fazer, aí eu largo fora e vou plantar alface que é outra coisa

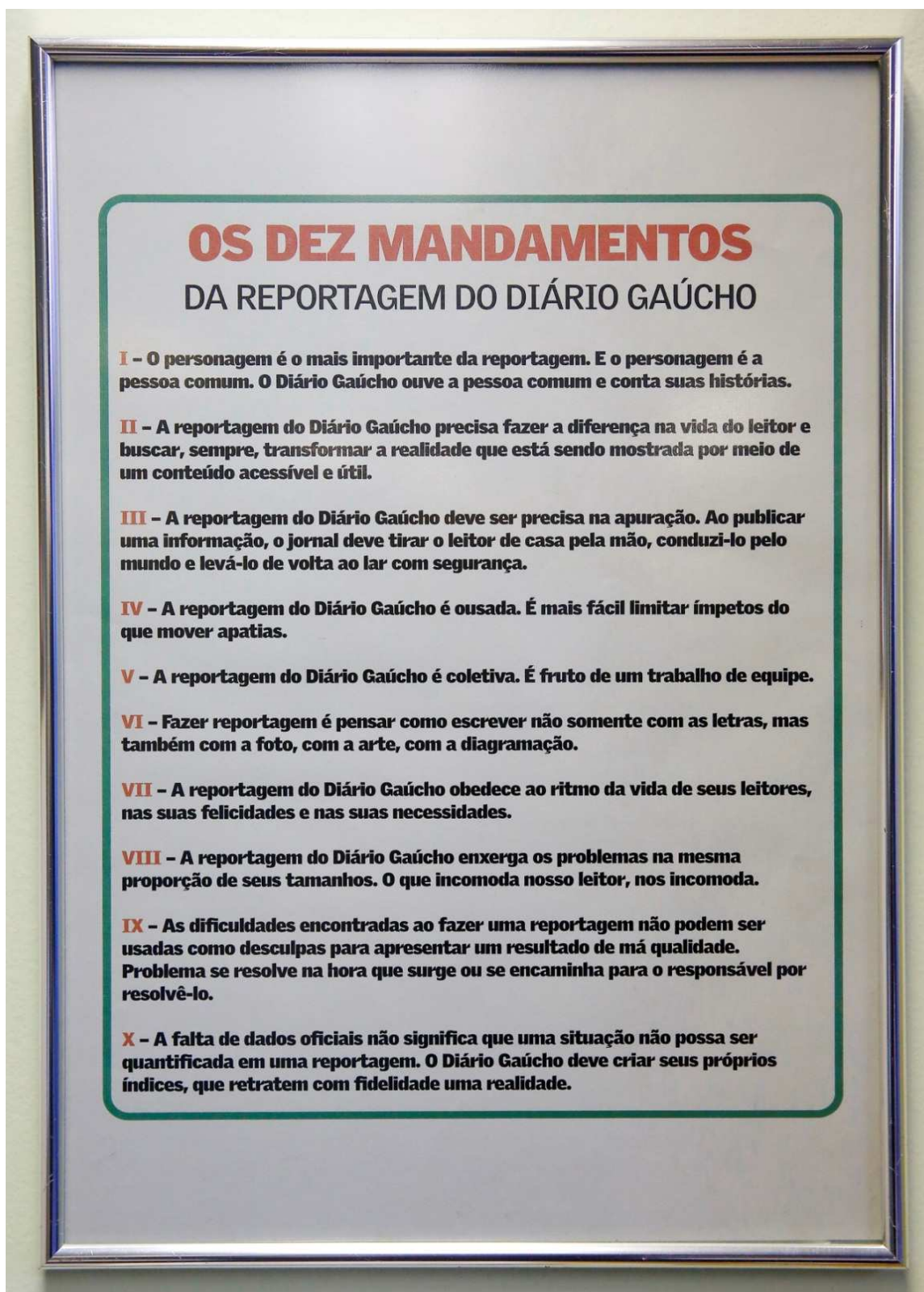
que eu adoro. Acho que ainda não. Eu já fiz muita história legal. Eu podia botar uma lista de uns 50 legais, que tiveram um bom retorno também. Mas eu sempre acho que vai vir um melhor. Eu estou sempre olhando para a rua e pensando, no metrô olhando as pessoas, no ônibus eu olho muito também. Alguém falou “desliga um pouco do trabalho”. Mas não é, já faz parte de mim, de ficar pensando: que história essa pessoa tem para contar? Agora mesmo vinha sentada no metrô, e vinha olhando um rapaz sentado do outro lado, com uma barba enorme, estava de alpargata, uma calça preta, um botonzinho da Dilma e do Tarso, uma sacolinha virada. E eu pensando: quem é esse cara? Militante. Para onde ele estava indo? Estava vindo para a Unisinos. Foi engraçado. E fiquei olhando. Quem é essa pessoa? Ele estava quase dormindo, cansado. Quem é ele? Coragem colocar o botom, né, ninguém está botando, e eu fiquei pensando, quem é essa pessoa. E eu faço isso o tempo inteiro: quem é aquele ali, quem é aquela lá, quem são essas pessoas? Talvez, por isso, eu esteja no jornalismo.

Pergunta: Tu achas que o Diário sabe quem é o seu personagem?

Aline – Eu acho que o Diário já soube. Acho que a gente está num período meio solto ao mar, tentando achar o caminho. Porque com a inclusão do online, de alguma forma mudou o pensamento dentro do Diário e a gente ainda está buscando o nosso espaço. Ao mesmo tempo em que a gente sabe onde tem o nosso leitor, a gente quer saber onde tem esse novo leitor e, talvez por isso, a gente ainda esteja meio solto ao mar. Ainda não tem um rumo, não consigo ver a luz no fim do túnel ainda. Eu me sinto perdida. Isso me assusta um pouco, mas me desafia também a tentar descobrir para onde a gente vai.

ANEXO A - OS DEZ MANDAMENTOS DA REPORTAGEM

Fotografia 1 - Os Dez Mandamentos da Reportagem

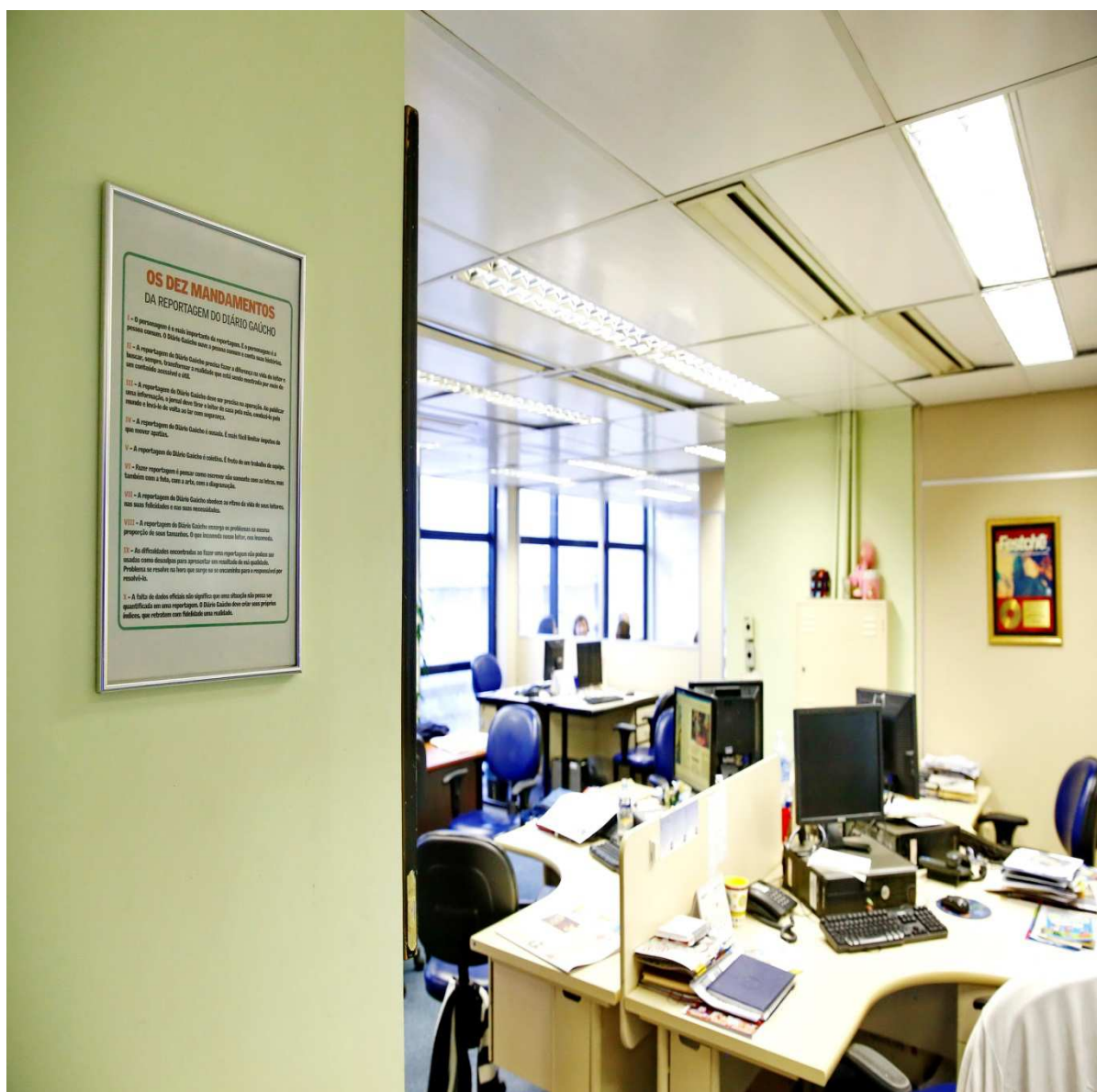


Fonte: Os dez... (2005).

Nota: Registrada por Mateus Bruxel.

ANEXO B - REDAÇÃO DO *DIÁRIO GAÚCHO*

Fotografia 2 - Redação do *Diário Gaúcho*



Fonte: Registrada por Mateus Bruxel.

ANEXO C - REPORTAGEM SALVE, JORGE!

PORTO ALEGRE, QUARTA-FEIRA, 6/11/2013

DIÁRIO GAÚCHO

3

FEIRA DO LIVRO

Salve, Jorge!

RESUMO DA NOTÍCIA

Ex-menino de rua, Jorge Luis Martins, 54 anos, dormiu nos bancos da Praça da Alfândega. Hoje, ele volta à sua antiga "morada" para lançar o terceiro livro.

EDUARDO RODRIGUES

eduardo.rodrigues@diariogaucha.com.br

O papel que ajudou o ex-menino de rua a sobreviver como catador agora serve de moldura para contar sua bonita trajetória. Jorge Luis Martins, 54 anos, esteve na porta do inferno e voltou como herói. Tinha tudo para dar errado, mas a vida lhe abriu os braços e ele se jogou. Hoje, às 15h, o sobrevivente das ruas que virou bacharel em Administração e se tomou pós-graduado em Psicopedagogia volta à Praça da Alfândega, sua casa dos 13 aos 16 anos, para lançar seu terceiro livro.

● Avaliação de valores

O Menino e o Seu Segredo narra as aventuras de um guri que, nos primeiros anos de vida, encontra Valente, um ratinho simpático. A ficção serve para contar a vida real do menino Jorge. Ele só virou a página da sua história ao fortalecer laços de amizade, passar a fazer o bem e lutar por um futuro melhor.

– Busquei subsídios na minha história para trazer valores como a amizade, o carinho e a solidariedade – disse ontem, durante visita à antiga "morada".

● Numa cozinha veio a redenção

Jorge foi um sem-teto precoce. Órfão, aos dez anos começou a zanzar atrás de papéis por Novo Hamburgo. Dormiu embaixo do porão da casa da avó e em cima de lápides de um cemitério. Perdido, veio à Capital. Encontrou os bancos duros da Praça da Alfândega. Passou frio e fome, conviveu com prostitutas e traficantes:

– Meu apelido era Múmia Parálitica, todo mundo me conhecia.

Certo dia, um homem lhe ofereceu a chance de lavar a cozinha e a louça no restaurante da Assembleia. O guri que vivia de restos e sobras nas ruas passou a se alimentar regularmente, voltou a estudar. O resto é a história de superação que hoje ilustram as páginas de sua obra.



De andarilho a escritor de sucesso

FOTOS LUIZ ARMANDO VAZ

DO OCASO AO SUCESSO

- Além de O Menino e o Seu Segredo, que será lançado hoje, Jorge é autor de outros dois livros: o infanto-juvenil O Menino da Caixa de Sapatos e do autobiográfico Meu Nome é Jorge.
- Os três livros já venderam, juntos, mais de 9 mil cópias.
- Jorge é empresário, dá palestras e participa de eventos literários. Desde 2011, foram 70 feiras do livro no país e no Exterior, sendo que em quatro delas teve a honra de ser patrono.
- Ator, também participou de diversas produções para tevê e cinema. Atualmente está em pré-produção o longa metragem Meu Nome é Jorge, baseado no livro.



Livro será lançado hoje

Serviço

- O lançamento do livro O Menino e o Seu Segredo será, às 15h, na Praça de Autógrafos. Antes, às 9h, haverá bate-papo com o autor, na sala leste do Santander Cultural.
- O livro tem 30 páginas, ilustrações de José Vilmar e custa R\$ 30. A editora O Sonho da Traça, que publica o livro, é do autor.

No passeio, papo com andarilho

Durante o passeio pela praça que conhece como poucos, Jorge relembrou cada recanto da área de lazer e até arriscou apontar o lugar onde dormia. Admirou as árvores, que agora estão mais altas e frondosas, e mostrou onde ficava o antigo prédio dos banheiros, demolido na revitalização feita pela prefeitura.

Ao avistar um morador de rua em um banco, sentou ao lado dele para conversar e ouvir o desejo que um dia também foi o seu.

– Eu já vim aqui nesses bancos, passei dificuldades e hoje sou escritor. Amanhã (hoje), lançarei meu terceiro livro – disse Jorge. – Também já dormi em praças, fui baleiro, vendia rapaduras e picolé. Ando atrás de uma oportunidade, mas na paz – retrucou o andarilho, que pediu para não ser fotografado.

CHAMADA DAS RUAS

ANTÔNIO CARLOS MACEDO
macedo@diariogaucha.com.br



Novembro Azul

O Cristo Redentor, o Congresso Nacional e dezenas de monumentos estão iluminados na cor azul, como parte da campanha Novembro Azul. A ideia é despertar nos homens o cuidado com o câncer de próstata. É o correspondente masculino do Outubro Rosa, sobre o câncer de mama. No caso dos homens, o problema é mais sério.

A maioria raramente vai ao médico e, além disso, tem preconceito ao toque retal necessário para verificação da consistência da próstata. Como resultado, 90% dos diagnósticos de câncer de próstata são feitos quando a doença já se encontra em estado adiantado e a cura é difícil. Não por acaso, é a moléstia que mais mata depois dos problemas de coração.

A patologia é traiçoeira. Não apresenta qualquer sintoma na fase inicial, o que explica a necessidade dos exames preventivos. A boa notícia é que a expectativa de cura chega até 90% dos casos identificados precocemente. Além do toque retal, exames de sangue e ecografia auxiliam no diagnóstico. Os testes devem ser feitos anualmente a partir dos 50 anos. Homens com histórico de câncer de próstata na família devem se ligar a partir dos 40 anos.

● Novembro Dourado

Neste mês, tem também o Novembro Dourado, iniciativa da Confederação Nacional das Instituições de Apoio à Criança e ao Adolescente com Câncer. Em Porto Alegre, a causa é representada pelo Instituto do Câncer Infantil. O dourado é a cor que simboliza a luta contra a enfermidade que mais mata brasileiros dos cinco aos 19 anos.

O diagnóstico prematuro garante cura a 70%. O objetivo é convencer o Ministério da Saúde a abraçar a campanha, assim como faz com o Outubro Rosa e o Novembro Azul.

Acaba hoje martírio em Gravataí. Será?

A promessa é que hoje acabe o período de três semanas sem serviços de limpeza em escolas e postos de saúde de Gravataí. A prefeitura anunciou a terceirizada CAB Assessoria Empresarial Ltda., de Estância Velha, como a escolhida para contrato emergencial de 90 dias.

Também serão restabelecidos os serviços de merenda escolar nos 76 colégios da rede municipal. Ao todo, são quase 400 profissionais que devem assumir até o final da tarde de hoje. O impasse começou no dia 10 de outubro, quando os funcionários da Clinsul, até então



responsável pelos serviços, cruzaram os braços devido aos salários atrasados. A empresa alega que o município lhe deve R\$ 2 milhões. A administração admite, mas diz que a responsabilidade é da gestão anterior. O caso foi parar na Justiça.

DOM DADEUS: FIM DE CICLO NO DOMINGO

No próximo domingo, o arcebispo de Porto Alegre dom Dadeus Grings fará a sua despedida durante a festa de 75 anos do Seminário São José, em Gravataí.

A programação inclui missa às 10h30min, seguida de almoço. O seminário fica na Avenida Adolfo Inácio Barcelos, 1490. Informações: 3042-2144.



Para conhecer a fascinante obra de Pessoa

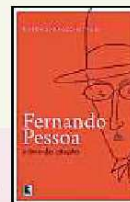
Fascinado por Fernando Pessoa desde a adolescência, o advogado pernambucano José Paulo Cavalcanti Filho dedicou os últimos dez anos a pesquisar a vida do poeta português. Anteriormente, Cavalcanti também havia escrito Fernando Pessoa, uma quase autobiografia, que venceu, entre outros, o prêmio Jabuti em 2012.

É das anotações que coleciona há tempos que o advogado tirou a sua nova obra, Fernando Pessoa, O Livro das Citações. Por meio de versos, textos e até cartas a amigos, o autor explica a origem de alguns termos usados pelo português, que faleceu aos 47 anos, em Lisboa, em 1935. Além do mergulho no fascinante universo de

Pessoa, o livro é boa oportunidade de apresentar a obra do poeta para crianças e adolescentes.

A dica de hoje é do repórter José Augusto Barros.

- Fernando Pessoa, O Livro das Citações
- Editora Record – R\$ 24,90



Fonte: Rodrigues (2013a, p. 3).

ANEXO D - REPORTAGEM UM LAR PRONTO PARA O NATAL

4

DIÁRIO GAÚCHO

PORTO ALEGRE, QUARTA-FEIRA, 27/11/2013

À ESPERA DO PAPAÍ NOEL

Um lar pronto para o Natal

RESUMO DA NOTÍCIA

Moradores de rua decoram o espaço onde vivem, sob o viaduto Tiradentes, na área central da Capital, relembrando seus tempos de criança.

DENISE WASKOW

denise.waskow@diariogaucha.com.br

O pedestre pode até passar meio distraído, e o motorista um tanto preocupado com o trânsito. Mas quem circula sob o viaduto Tiradentes, da Avenida Silva Só, na Capital, não tem como ficar indiferente ao espírito natalino que se instalou por ali.

Muitos são os que param para fotografar e admirar a decoração elaborada pelos moradores de rua que vivem no local. Árvores, bolinhas coloridas e festaõ são alguns dos itens, todos doados,

que dão vida ao cenário de festa de final de ano.

O capricho em preparar o espaço chamado de lar para o Natal tem um motivo: a alegria de celebrar a data. Ao ver passar um ônibus decorado ali perto, Isabel Cristina Mello Bittencourt, 57 anos, não teve dúvidas: reuniu tudo o que tinha e começou a montar a sua decoração.

Moradora do entorno há uma década, é a sétima vez que ela se dedica



Isabel capricha nos enfeites

FOTOS MATEUS BRUNEL

a embelezar o viaduto para essa época. Fotos de anos anteriores revelam comemorações que reúnem a família e os amigos.

— O Natal me transmite alegria. O meu coração se enche de esperança. E tudo que eu pego eu faço com carinho — revela.

● Sonhos natalinos

Esses sentimentos envolvem um anseio antigo que Isabel carrega. Apesar de já

ser conhecida por toda a vizinhança, e de contar com a companhia fiel dos cachorros Maxweel, Túfão e Théó, ela acalenta o sonho de voltar a ter uma casa para receber filhos e netos:

— E desse calor que eu sinto falta, de conviver com eles, fazer um doce, um pudim para eles comermos. Tenho vontade de abrir a janela da minha casa, colocar as cobertas no sol.

Por alguns obstáculos da vida,

esse desejo ainda não se concretizou. Mas Isabel não deixa de acreditar no Papai Noel. Seria um belo presente, assim como

uma outra vontade que ela relata: conseguir um tratamento dentário para ela e, especialmente, para a filha Jaiane, 25 anos.

— Tenho vontade de dar essa alegria para ela, de voltar a sorrir — conta, como uma criança que torce para que o tão esperado pacote esteja embaixo do pinheirinho na noite de Natal.



Valério tem até um Bom Velhinho

Cenário para a cidade

Não foi apenas Isabel que se empolgou com a chegada do Natal e resolveu embelezar a sua morada. Valério de Oliveira Pinheiro, 35 anos, que vive há quatro nas imediações do viaduto, também se dedicou a sua terceira decoração natalina. E resgata os motivos da sua empolgação com a data no período da infância.

— Devemos nos lembrar dos tempos de criança, quando as

nossas mães faziam isso. Não podemos deixar essa cultura sair de nós — acredita.

Valério, que sobrevive da coleta de material reciclável e de pequenos serviços, conta com a companhia do cãozinho Amarelo. Mas lembra que o cenário decorado não é uma exclusividade deles. Deixa o seu lar aberto para que todos possam ver e fotografar.

— Isso aqui é para a cidade.

Rotina: Porto Seco interdito

LISIANE LISBOA

lisiane.lisboa@diariogaucha.com.br

A prefeitura da Capital foi pega de surpresa após receber a notícia de que uma decisão liminar (provisória) impede que o Complexo Cultural do Porto Seco seja utilizado pela população enquanto não for emitido o Plano de Prevenção e Combate a Incêndio (PPCI) do local. A Secretaria Municipal de Cultura (SMC), responsável pela

organização do Carnaval, desconhecia a falta de adequação, até a reportagem do Diário Gaúcho entrar em contato.

— A Smov ficou responsável de adequar o documento no tempo determinado. O atraso ocorreu por conta da empresa constatada pela secretaria de obras. Não sabemos a quantas anda a adequação — alegou o coordenador de comunicação da SMC, Luciano Medina Martins.

● "Trabalhos estão sendo feitos"

O secretário-adjunto da Smov, João

Pancinha, confirma o atraso na adequação do PPCI e garante que os trabalhos estão sendo feitos no Complexo do Porto Seco.

— Mesmo com atrasos, vamos entregar o documento, independentemente de muita ou não.

● Entenda o impasse

Em julho deste ano, foi constatada a inexistência do PPCI. Intimada pelo MP, a prefeitura prometeu concluir os trabalhos de adequação para obtenção do alvará em 60 dias, a contar de 22 de julho. Em 26 de novembro, a vistoria do Corpo de Bombeiros não foi confirmada, e a Smov não passou informações à SMC sobre o andamento do plano.

— Se houver multa, não sei quem vai pagar. Mas garantimos que o Carnaval de Porto Alegre vai ocorrer de qualquer maneira — disse Luciano.



Barracões não pode ser usados

MATEUS BRUNEL

livre SERVIÇOS

CRÉDITO PESSOAL LIVRE.
PERFEITO PARA REALIZAR O QUE É IMPORTANTE PARA VOCÊ.

Se você tem os cartões Paquetá, Paquetá Esportes e Gaston, pode sacar dinheiro nas lojas e o pagamento é feito direto no carnê ou na fatura.

Disponível em todas as lojas Paquetá, Gaston e Paquetá Esportes.

*O financiamento é exclusivo para clientes dos cartões Gaston, Paquetá e Paquetá Esportes do RS e de SC. Sujeito a análise cadastrada. Condições de pagamento: valor mínimo para saque de R\$ 50,00; valor máximo para saque de R\$ 1.500,00. Parcelamento: de 1 a 36. Parcela mínima, em 10, R\$ 50,00; em 2, R\$ 25,00; de 3 a 36, R\$ 20,00. Taxa de crédito no momento da operação: R\$ 0,00. Encargos de financiamento: em 10, encargos de 7,50% a.a. e 10,2% a.a.; CET de 13,7% a.a. e 13,7% a.a.; em 2, encargos de 7,50% a.a. e 10,2% a.a.; CET de 13,7% a.a. e 13,7% a.a.; em 3 a 36, encargos de 6,50% a.a. e 10,2% a.a.; CET de 8,0% a.a. e 13,7% a.a.

Fonte: Waskow (2013a, p. 4).

ANEXO E - REPORTAGEM SÁBADO PARA LOTAR O PÁTIO DE GILMAR

6

DIÁRIO GAÚCHO

PORTO ALEGRE, SÁBADO, 2/11/2013, E DOMINGO, 3/11/2013

DIA DE FINADOS



Zelador mora no cemitério de Canoas há 17 anos

FOTOS LIVIA STILMPFF

Sábado para lotar o "pátio" de Gilmar

RESUMO DA NOTÍCIA

Zelador do Cemitério Municipal Santo Antônio, no Bairro Estância Velha, em Canoas, homem mora sozinho entre mais de 8 mil túmulos.

ALINE CUSTÓDIO

aline.custodio@diariogaucha.com.br

Por viver onde ninguém quer morar, Gilmar Xavier Rosa, 44 anos, já foi confundido até com fantasma. Há 17 anos, a casa dele fica no Cemitério Municipal Santo Antônio, no Bairro Estância Velha, em Canoas. E é entre mais de 8 mil sepulturas que, durante o dia, Gilmar trabalha e, à noite, dorme.

Zelador e coordenador de equipe, é o único morador na casa de três cômodos logo depois do portão de entrada. Neste sábado, Dia de Finados, seu

"pátio" ficará movimentado.

Quando participou de um concurso público para a Secretaria de Transportes, a responsável pelos cemitérios na época, Gilmar imaginava que a função seria outra.

— Entrei no concurso achando que viajaria em caminhões. Eu nunca tinha entrado num cemitério — conta.

● Ele garante não ter medo

Não se assustou tanto com o primeiro enterro realizado, mas ficou sem dormir

depois de exumar um corpo. Chegou a pensar em desistir. Mesmo depois de se acostumar, ainda sente desgosto:

— Quando é criança, a gente chora junto. Em Canoas, dois cemitérios têm zeladores que moram nos terrenos (Santo Antônio e Chácara Barreto). Mas é Gilmar o mais antigo a desempenhar a função.

Solteiro, chegou a dividir o espaço com a mãe, Maria Edite Todeschini, 62 anos. Ela, porém, acabou se mudando depois de seis anos. Antes, plantou as quatro árvores que hoje dão sombra à casa.

— As pessoas perguntam "como é morar lá dentro? Tu não tem medo?" Digo não não, pois abro a porta e já estou com as "visitas" na frente — comenta, acariciando o amigo fiel Sem Nome (um cão vira-latas de quatro anos).

Taxista pensou ver um fantasma

Certa vez, quando voltava de Santa Catarina, embarcou num táxi por volta das 4h30min. No caminho, evitou dizer ao taxista que iria ao cemitério. Quando estava chegando próximo à

rua, pediu que o taxista fosse até o portão de entrada. Foi então que o motorista o olhou assustado.

— Desci do carro e disse para ele: "não te preocupa que eu tô vivo. Os cachorros all já

me reconheceram. Vou abrir o portão e vou entrar".

Rindo, Gilmar completou:

— Ele só se acalmou quando os meus cachorros se aproximaram.



Na porta de casa, com o cão Sem Nome

"Passei a dar valor à vida"

Natural de Santa Catarina, Gilmar percebe como a vida mudou depois que passou a morar no cemitério. Quando volta ao Estado natal, os parentes, curiosos, perguntam sobre as histórias vivenciadas por ele.

— Aprenda a interagir com o ser humano, né? Com o público. Passei a dar valor à vida. Não adianta ter o bolso

chelo se todos terminam aqui.

Apesar de afirmar gostar de onde vive, ele ainda precisa dar explicações quando fomeço o endereço a uma loja, a uma entregadora ou a novos amigos.

— Sou bem sincero. O meu endereço é no Beco Luiz Carlos Muller, 186. A minha casa é dentro do cemitério, vou dizer o que?



Confira o vídeo com Gilmar e o serviço dos cemitérios de Porto Alegre em www.diariogaucha.com.br

CHAMADA DAS RUAS

ANTÔNIO CARLOS MACEDO

macedo@diariogaucha.com.br



Todos iguais

Há pouco tempo, todo mundo queria ser amigo do empresário Elke Batista. Isso quando o crescimento de sua fortuna indicava que poderia virar o homem mais rico do planeta. Agora que seus negócios afundaram feito Titanic, os puxa-sacos sumiram. Pior ainda, há os que tentam culpar os adversários pelo apoio concedido aos projetos de Elke, esquecendo que eles próprios fizeram parte da claqué.

As maiores acusações recaem sobre o Dilma Rousseff e Lula, apontados como pouco prudentes no apoio às empresas dele. Há um ano e meio, por exemplo, a presidente chegou ao extremo de vestir o uniforme laranja da OGX, a petrolífera de Elke, durante evento. Dilma disse que ele era um exemplo para o Brasil.

● Elke endeusado

A crítica ao governo é pertinente, já que tinha o dever de ser mais cauteloso com os megaprojetos do empresário, principalmente na hora de abrir as torneiras dos financiamentos com dinheiro público. Mas, por questão de justiça, é importante lembrar que muitos dos acusadores também endeusaram Elke e seus métodos.

Entre eles, está a revista Veja, fiscal permanente dos atos do governo petista, que já em 2008 publicou a primeira capa enchendo a bola de Elke. Ou seja, no referente ao tombo do homem que pretendia ser o mais rico do mundo, é como diz a letra de uma canção de Ivan Lins: "Somos todos iguais nesta noite". O resto é pura hipocrisia.

Reviravolta no Caso Clinsul

O Juiz Vinícius Tatsch dos Santos, da 1ª Vara Cível de Gravataí, autorizou a prefeitura a fazer a contratação emergencial de outra empresa para prestar serviços de limpeza em escolas e postos de saúde do município. A decisão,

na sexta-feira, atende a pedido feito pela Promotoria de Justiça Especializada local.

Responsável pela prestação dos serviços, a Clinsul havia obtido na Justiça a suspensão do processo emergencial. Tercelizados, que atuam na rede escolar e de saúde, estão de braços cruzados por atraso de salários

desde 10 de outubro. No despacho, o juiz explica que tomou a decisão para a "efetiva continuidade dos serviços públicos".

● 5 mil alunos sem merenda

Além de 5 mil alunos estarem sem merenda, por causa da greve de cozinheiras e auxiliares de cozinha, 1,8 mil crianças estão em casa em virtude da suspensão das aulas em dez escolas. Das 26 unidades de saúde, pelo menos 20 estão com o atendimento comprometido por causa de limpeza.

Promessa para terça

Nove empresas chegaram a se candidatar para assumir o serviço, e uma delas foi escolhida. Segundo o procurador-geral de Gravataí, Jean Pierre Torman, o contrato deve ser assinado na próxima segunda-feira.

— A ideia é que, na terça, os serviços sejam normalizados — afirmou Jean. O diretor da Clinsul, Pedro Diego Hamilton, disse que a empresa vai recorrer da decisão. A Clinsul alega que a prefeitura lhe deve R\$ 2 milhões referente a reajustes contratuais que não teriam sido honrados.

ANEXO F - REPORTAGEM ESPERA GERA SEQUELA

PORTO ALEGRE, SEGUNDA-FEIRA, 9/9/2013

DIÁRIO GAÚCHO

3

DUREZA NO SUS

Espera gera sequela

RESUMO DA NOTÍCIA

Pacientes que aguardam cirurgias de traumatologia sofrem com o agravamento das lesões. Na Capital, fila para consultas em ortopedia tem 9.982 pessoas.

EDUARDO RODRIGUES

eduardo.rodrigues@diariogaucha.com.br

O caldeireiro aposentado João Carlos Severo, 78 anos, de Esteio, e a diarista Rosângela de Fátima dos Santos Motta, 52 anos, de Viamão, integram uma estatística informal e não contabilizada pelos órgãos da Saúde: a dos pacientes com lesões graves que ficam com sequelas devido à demora no atendimento.

Esta lista cresce à medida que aumenta o tempo de espera por cirurgias pelo Sus. Só na Capital, esta fila beira os 10 mil pacientes.

Vítimas de traumas no ombro e no quadril, João e Rosângela, respectivamente, já estão com a mobilidade dos membros superiores e inferiores comprometidos.

João não tem força no braço

Em 2009, ao sofrer uma queda em casa, João teve ruptura completa do manguito rotador direito (grupo de músculos que cobre a cabeça do úmero e tem grande importância na estabilização, na força e na

mobilidade do ombro). Além de sentir dor intensa na região, ele perdeu a força no braço e ficou com os movimentos limitados. – Não posso fazer nada, pegar coisas pesadas, comer direito e nem dormir desse lado do corpo – lamenta o idoso.

Filha fala em descaço

Segundo a filha Lisamara da Rosa Severo, 51 anos, o pai inicialmente fez fisioterapia, mas o tratamento não resolveu. Ele aguarda desde 2011 por uma consulta na área de ortopedia de ombro.

– É um descaço. Ele já está com um caroço na parte de cima da coluna por causa desse problema no músculo – revela Lisamara, que ingressou com pedido de providências no Ministério Público local.



Enquanto pôde caminhar, Rosângela trabalhou em casa de famílias. Desde março, ela abandonou a função de diarista por causa da evolução da doença. Sofre de osteoartrose coxofemoral no quadril (processo degenerativo que reduz movimentos). A dor na perna direita é tanta que precisa da ajuda das filhas para se vestir e tomar banho.

– O médico disse que preciso colocar uma prótese no quadril, porque houve um desgaste da cartilagem – revelou Rosângela, de Viamão. Em dezembro do ano passado, a doença foi diagnosticada. Em Janeiro deste ano, ela entrou na fila para consulta com especialista, mas até hoje não foi chamada.

LADO OFICIAL

Jogo de empurra adia solução:

Secretaria Estadual

● Segundo a área de consultas eletivas, a solicitação de João entrou no sistema em 2011, e a partir daí o município de Esteio não completou as informações necessárias para que fosse feita a regulação da consulta. Por isto, o pedido foi indeferido. Com relação a Rosângela, o pedido de consulta com ortopedista foi feito em fevereiro deste ano. Mas ele teria sido cancelado porque a paciente foi atendida por outro serviço. Em 30 de agosto passado, foi feito novo cadastro na regulação do Estado, mas o caso não é considerado de prioridade.

Secretaria de Esteio

● A Secretaria afirma que João deu entrada no sistema do município em 15 de dezembro de 2009. Em 2011, entrou na regulação do Estado, mas aguarda chamada para consulta com especialista em Canoas (são oito por mês) – referência em trauma na Região Metropolitana. Na semana passada, o nome do paciente foi encaminhado e deve ser chamado em breve.

Secretaria de Viamão

● A diretora geral da Secretaria da Saúde, Maria Rita Cardoso, informa que Rosângela solicitou a cirurgia em fevereiro deste ano, mas o caso não foi avaliado como prioridade.

Na Capital, espera de até 21 meses

Com gestão plena do Sus, Porto Alegre vem diminuindo a fila e o tempo de espera por consultas com especialistas. Mesmo assim, áreas como a ortopedia, com 9.982 pessoas, seguem estranguladas. Segundo dados da Secretaria Municipal da Saúde, o pedido mais antigo é de 5 de dezembro de 2011 (21 meses) na área de ortopedia coluna adulta, com 3.380 pessoas. Comparado com dezembro de 2012, subespecialidades de ortopedia

coluna adulto, geral adulto, de ombro e de Joelho têm hoje cem pacientes a menos na fila. Na Capital, o atendimento de urgência para pacientes que sofrem fraturas em quedas ou em acidentes de trânsito continua sendo feito só no HPS e no Cristo Redentor. Já quem precisa de avaliação de um ortopedista é encaminhado para hospitais como Independência, Clínicas, Santa Casa, São Lucas, Parque Belém, Cristo ou Beneficência Portuguesa.

O TAMANHO DA FILA

Subespecialidade	Solicitações de Porto Alegre	Solicitação mais antiga na fila
Ortopedia coluna adulto	3.380	5/12/2011
Ortopedia Joelho	1.688	31/10/2012
Ortopedia ombro	1.070	30/4/2012
Ortopedia pé	1.848	27/12/2011
Ortopedia mão	944	12/11/2012
Ortopedia geral adulto	1.052	16/10/2012
Total:	9.982	

Obs.: dados de Capital, enviados no dia 4 de setembro

Como funciona a regulação

● A marcação de consultas especializadas em Porto Alegre para pacientes do Interior é, desde novembro de 2011, regulada pelo Estado. O município solicita um cadastro, e a Central de Regulação Ambulatorial checka a oferta.

● A central marca a consulta e informa data e local ao município, que informa o paciente.

● Caso a consulta resulte em pedido de cirurgia ou outro procedimento, esse trâmite se dá dentro do hospital em que a consulta foi feita. Quando o paciente não tem prioridade, a definição de quem será encaminhado é do município dentro da cota que ele possui.

1.002 AGENDAMENTOS*

Especialidade	Subespecialidade	Cotas
Ortopedia	Coluna adulto	72
Ortopedia	Coluna pediátrica	2
Ortopedia	Mão adulto	52
Ortopedia	Geral adulto	503
Ortopedia	Geral pediátrica	32
Ortopedia	Joelho	168
Ortopedia	Ombro	34
Ortopedia	Pé	94
Ortopedia	Quadril	45

* Consultas de pacientes do Interior agendadas para a Capital em setembro.



Dor em ombro faz João Carlos sofrer desde 2009

FOTOS LIVIA STUMPF

ANEXO G - REPORTAGEM SHOW DE BELEZA E AUTOESTIMA

8

DIÁRIO GAÚCHO

PORTO ALEGRE, SEGUNDA-FEIRA, 11/11/2013

MAIS BELA GARI

Show de beleza e autoestima

RESUMO DA NOTÍCIA

Moradora do Bairro Belém Novo foi escolhida entre as 34 finalistas, em festa realizada no Ginásio Tesourinha, na noite de sábado. Outras cinco foram premiadas.

DENISE WASKOW

denise.waskow@diariogaucha.com.br

Brilhou mais forte a estrela de Suelen Weber Abreu, 21 anos, na noite de sábado, no Ginásio Tesourinha. Entre 34 candidatas que deram um show de desenvoltura e carisma, a moradora do Bairro Belém Novo conquistou o título de a Mais Bela Gari de Porto Alegre.

— Foi uma surpresa, fico feliz porque eu sei que eles reconheceram o meu trabalho — relata a vencedora.

Em uma noite marcada pela emoção, as gariis encararam com firmeza o desafio de se apresentar perante o corpo de jurados e um público tímido, mas caloroso. Penteados elaborados, belas maquiagens e muita elegância fizeram parte do visual.

A primeira entrada no palco, com a roupa de trabalho, foi cheia de descontração, ao som da Dança da

Vassoura, do Grupo Molejo. Logo depois, elas retornaram em traje social, para um desfile em duplas, com uma apresentação mais detalhada.

● Vitória da superação

Enquanto os votos eram apurados, o clima entre as candidatas era de muita expectativa no camarim. Afinal, o momento esperado por mais de dois meses estava por vir.

Com muito suspense, as vencedoras foram anunciadas, e logo se viu belos sorrisos iluminarem o rosto das eleitas. Ao ouvir seu nome, a Mais Bela Gari ergueu os braços e, logo depois, agradeceu ao público e ao júri, enquanto recebia os prêmios, sob os aplausos de todos.

— O que mais me



Sorriso e vibração da campeã Suelen

FOTOS MARCELO OLIVEIRA

marcou nessa conquista foi reconhecer a minha capacidade, que eu posso mais. A gente tinha que dar o nosso melhor — comemora Suelen, pronta para assumir os desafios que a faixa e a coroa representam.

O concurso foi realizado pela prefeitura de Porto Alegre (DMLU e Secretaria Municipal da Cultura) e pela Cooatravpa. O coordenador é o Rei Momo Fábio Vergoza. O idealizador é o Projeto Vó Chica, da Vila Safira.

Teve escolha de melhor torcida

— Eu que organizei tudo. Estou muito orgulhosa da minha filha, ela merece essa torcida — elogia a mãe, a doméstica Neusa Viegas Keis, 61 anos.

presentes nas arquibancadas do Ginásio Tesourinha para torcer por ela, com balões, coletes personalizados e instrumentos musicais.

UMA ALEGRIA PARA TODA A FAMÍLIA

A conquista de Suelen veio trazer um novo sopro de alegria à família. Há pouco mais de um mês, ela perdeu o único irmão homem, de 17 anos. E chegou a pensar em abandonar o

concurso.

— Tinha dias em que eu ia, mas pensava em desistir — lembra. Com o incentivo do pai, o eletricitista Sérgio Luiz Abreu, 46 anos, das irmãs, da filha Maria Lúzia, três anos e de toda a família, ela decidiu continuar. E foi ao lado deles que ela comemorou.

— O que fortaleceu ela foi esse concurso. Elas tiveram oportunidades que normalmente uma pessoa não tem. Eu tenho muito orgulho — elogia a irmã, a auxiliar administrativa Luana Weber, 24 anos.

Quando chegou em casa depois da conquista, ela foi logo chamar a vizinha, a cabeleireira Mariana

Azevedo, 26 anos, para dividir a alegria.

— Eu tinha certeza que ela iria ganhar, ela merece muito esse prêmio — elogia a amiga, responsável por cuidar do cabelo da Mais Bela Gari de Porto Alegre.

● Pai não esconde orgulho

Gari há pouco mais de dois anos, Suelen encontrou nessa profissão a porta de entrada para o mercado de trabalho e uma forma de sustentar a filha. Dentro da Cooatravpa, ela fez curso de líder e está estagiando na área. E o seu crescimento é motivo de satisfação para a família.

— É o primeiro emprego e ela está levando a sério, trabalhando, conseguindo os objetivos. Eu estou muito orgulhoso, feliz mesmo — derrete-se o pai.

Palavra de vencedoras

Entre as demais eleitas pelo júri, o sentimento também era de muita alegria e realização.

Escolhida Gari Simpatia, Maria Sirlei dos Santos, 59 anos, era a mais experiente da turma. E teve a satisfação de receber os prêmios sob o olhar dos netos na plateia:

— Eu nunca poderia imaginar tanta coisa boa! Estou muito feliz!

Quem também se emocionou com o carinho vindo do público foi a Primeira Princesa, Roberta Tatiane Brum, 28 anos. A filha Gabrielly, oito anos, mandou um beijo para a mãe no momento em que ela recebia a faixa.

— Quando eu vi que chamarem ela, eu gostei muito, fiquei muito feliz — revela a pequena, chorando de alegria pela conquista da mãe.



Roberta é a primeira princesa



Comemoração foi em casa

CLASSIFICAÇÃO

- **A Mais Bela Gari:** Suelen Weber Abreu
- **Primeira Princesa:** Roberta Tatiane Brum
- **Segunda Princesa:** Paola Silveira Goulart
- **Gari Simpatia:** Maria Sirlei dos Santos
- **Gari Revelação:** Marta Viana
- **Mais Bela Gari da Cia do Cabelo:** Angélica Alves



As seis premiadas

Premiação

● A Mais Bela Gari recebeu faixa, coroa, viagem a Gramado com acompanhante, R\$ 1 mil, tevê, cursos variados, roupas, sapatos, acessórios, produtos de beleza, uma fantasia para desfilir no Carnaval de Porto Alegre, entre outros prêmios.

● As demais agraciadas receberam R\$ 500, acessórios, sapatos, cursos e outros prêmios.

Ao Rei, com todo o carinho das candidatas

Rei Momo de Porto Alegre e organizador do concurso, Fábio Vergoza se tornou um grande amigo das gariis ao longo dos mais de dois meses de convivência. Com muita dedicação, ele não mediu esforços para que essa fosse uma experiência única na vida delas.

— Eu fico com a sensação de dever cumprido. Uma delas me disse que eu a ensinei a viver. Olha que coisa mais linda!

carinho. Mas uma surpresa fora do roteiro mexeu com o coração do Rei Momo. As candidatas subiram ao palco no intervalo para presentear-lo com flores e ler uma mensagem sobre a importância do concurso no resgate da autoestima delas.

— Eu fico com a sensação de dever cumprido. Uma delas me disse que eu a ensinei a viver. Olha que coisa mais linda!

ANEXO H - REPORTAGEM VASSOURA CAMPEÃ

6

DIÁRIO GAÚCHO

PORTO ALEGRE, QUARTA-FEIRA, 13/11/2013

DE VOLTA À LIDA

Vassoura de campeã

RESUMO DA NOTÍCIA

Diário Gaúcho acompanhou o primeiro dia de trabalho da Mais Bela Gari da Capital. Suelen Weber Abreu, 21 anos, virou celebridade na Zona Sul.

DENISE WASKOW
denise.waskow@diariogaucha.com.br

Ela se tornou uma celebridade. Ontem, no primeiro dia de trabalho da semana, Suelen Weber Abreu, 21 anos, de Vassoura em punho foi saudada por quem reconheceu a vencedora do concurso a Mais Bela Gari de Porto Alegre. Depois de dois dias curtindo a vitória, ela

retomou a rotina de trabalho nas ruas do Bairro Belém Novo. Mas revela que está com a agenda cheia. No domingo, fez um churrasco com a família e os amigos. E perdeu as contas de quantas entrevistas concedeu à imprensa. – As pessoas vinham com o Diário Gaúcho (ela está na capa da

edição de segunda) pra me pedir autógrafa. Todo mundo quer tirar foto – conta a campeã.

Depoimentos nas redes sociais e mensagens no celular chegaram inclusive de desconhecidos. Com tanto carinho, Suelen está radiante: – Não parei um minuto, está sendo muito bacana.

Trabalho em equipe

Ontem foi o dia de retomar ao convívio das colegas, que ficaram na torcida. Ela trabalha na equipe que atende o Bairro Belém Novo e seu entorno. Depois de fazer um curso de líder, a vencedora agora faz estágio na área.



Suelen (D) esbanja alegria nas ruas

MARCELO OLIVEIRA

Professora do meio ambiente

Suelen aguarda com ansiedade a data da viagem para Gramado, que está incluída entre os prêmios do concurso. E não vê a hora de poder começar a atuar como uma divulgadora da educação ambiental.

Sua vontade é trabalhar com crianças e ensiná-los, desde cedo, a importância de não jogar lixo no chão e colaborar com o meio ambiente. Afinal, “eles são o futuro”.

– Quero poder passar um pouco do meu conhecimento para as pessoas. É possível separar o lixo e até ganhar dinheiro com ele – ensina.

Orgulho das colegas

Quando Suelen pensou em se inscrever no concurso, uma das primeiras a incentivá-la foi a colega Tânia Maria Mello dos Santos, 64 anos. De tanto a turma falar, ela decidiu participar.

– Ela é bonita, jovem, querida. Disse que ganharia. Fiquel facelra – contou Tânia.

A colega e amiga Cristina Gomes dos Santos, 39 anos, acredita que o jeito alegre de Suelen foi um dos fatores que influenciou na conquista.

– Torci o tempo todo. Ela trata todo mundo igual, não deixa ninguém quieto, está sempre de alto astral – revela Cristina.

A coordenadora da equipe em que Suelen trabalha, Olga Maria D’Ávila, 53 anos, também não poupa elogios à Mais Bela Gari de Porto Alegre. Diz que é o seu braço direito no dia a dia:

– Eu acho que ela vai representar muito bem a nossa profissão. Agora é só tocar em frente.

1

2

1 Coloque no micro-ondas.

2 E pronto.

Chegou Assado & Pronto! LeBon.
O frango assado mais rápido e saboroso que você já viu.

É só tirar da embalagem e colocar no micro. Pronto em menos de **10 min**

LeBon.

Fonte: Waskow (2013c, p. 6).

ANEXO I - REPORTAGEM UM HOBBY GIGANTESCO

PORTO ALEGRE, QUARTA-FEIRA, 9/10/2013

DIÁRIO GAÚCHO

3

MEUS SAPATINHOS

Calçados minúsculos dão colorido à estante

Um hobby gigantesco

RESUMO DA NOTÍCIA

Professora aposentada mantém em seu apartamento, na Capital, coleção com 3,6 mil calçados em miniatura. Cada exemplar tem uma história especial.

EDUARDO RODRIGUES
eduardo.rodrigues@diariogaucha.com.br

Se fossem de tamanho normal e em pares, Neura Cecilia Todeschini, 71 anos, poderia usar um modelo diferente por dia pelos próximos dez anos. Mas como a coleção de 3,6 mil calçados da professora aposentada é formada por miniaturas, as réplicas cabem na palma da mão.

Na casa da colecionadora, no Bairro Rio Branco, na Capital, a peça criada para os pés transcendeu sua finalidade. Serve como adorno e acessório de moda, na forma de pingente.

Primeira peça é tamanho de 1948

Em alguns casos, há pequenas obras de arte, botinhas e sapatinhos utilitários, que viram porta-canetas e permitem até telefonar.

Neura é daquelas que vasculha antiquários, biques e lojinhas de R\$ 1,99 em busca de peças raras. Muitas ganhou de presente de parentes e amigos em viagem. O primeiro item da coleção foi um tamanho dado por um violonista amigo de seu pai, em 1948, quando ela tinha seis anos. O mais recente é um modelo colorido do artista plástico Romero Britto, adquirido por R\$ 140.

— É uma paixão e um vício. Muitas vezes, eu não contava para a família o quanto havia gasto. Se contasse, me mandariam para a Pinel (lugar de pessoas consideradas loucas) — confessa a mãe de três filhos e avó de uma neta.

De Judy Garland a Lady Gaga

Observar de perto cada exemplar é fazer um passeio pela história do calçado. Dentro de armários numa sala ampla e iluminada, há exemplares usados por povos obscuros e damas da Belle Époque (período de cultura na história da Europa no fim do século 19).

Mas há, também, algumas curiosidades, como a réplica dos sapatos usados pela atriz Judy Garland em O Mágico de Oz e o modelo plataforma da cantora Lady Gaga, mostrando que é um hobby em sintonia com o mundo.

Dois momentos mágicos...

1 - CHORO — Certa vez, Neura convidou um amigo sapateiro para visitar sua coleção. Quando o homem entrou na sala e viu as centenas de sapatinhos, começou a chorar.

— Essa bota eu já arrumei, esse sapatinho já consertei — dizia.

2 - RISO — Diante da coleção, as crianças dizem coisas surpreendentes.

— Elas ficam encantadas, e algumas dizem: aquele sapato lá serve no meu pé. Não, não serve não — responde Neura, rindo.

Neura: fascinada por réplicas

Este é um telefone

AI BOTA AQUI, AI BOTA ALI O SEU PEZINHO

Caderno tem informações completas

- A coleção tem réplicas de sapatos, tamanhos, botas, botinas, coturnos, sandálias, chinelos, tênis, chuteiras e sapatinhas.
- São peças de couro, plástico, metal, tecido, borracha, porcelana, cerâmica, vidro, cristal, palha, polímeros e resina.
- Vieram de países como Alemanha, Croácia, Holanda, Estados Unidos, China, México, Japão, Uruguai, Argentina, Inglaterra, Itália, Espanha, Polónia e de Estados do Brasil.
- Todos estão catalogados, num caderno caprichado, por número, modelo, tipo, material, cor, estado de conservação, posição (direito ou esquerdo), dimensão, origem e valor estimado.

Confira o vídeo com o acervo em www.diariogaucha.com.br/videos

Fim da greve do Correios

O Tribunal Superior do Trabalho (TST) encerrou no fim da tarde desta terça-feira, em Brasília, o julgamento do dissídio dos funcionários da Empresa de Correios e Telégrafos, que estavam em greve desde 12 de setembro.

A decisão do TST agradeu os servidores, que decidiram voltar ao trabalho amanhã. O TST atendeu parcialmente às reivindicações dos

empregados dos Correios. Concedeu 8% de reajuste salarial, 6,27% de aumento nos benefícios (auxílio de alimentação, creche e outros) e manteve o plano de saúde da categoria, que estaria sob ameaça de ser privatizado.

Motivo de comemoração

O Sindicato dos Trabalhadores de Correios e Telégrafos

do Rio Grande do Sul (Sintec) comemorou principalmente o fato de o TST ter considerado a greve legítima. Os dias paralisados deverão ser recuperados, no prazo de seis meses. O Correios gaúcho ainda calcula quanto tempo será necessário para normalizar a correspondência represada. Ontem, era de 2 milhões de volumes, o que equivale a um dia de trabalho dos carteiros.

PENSÃO PARA AMANTES: SEGUE O SUSPENSE

O Superior Tribunal de Justiça (STJ) decidiu suspender o julgamento do pagamento de pensão alimentícia de um homem à amante no interior do Rio de Janeiro. A Quarta Turma entendeu necessidade de substituição da mulher na ação, já que ela faleceu durante os trâmites da apelação. A regularização do caso deve ocorrer com a entrada de um herdeiro no processo — no caso a filha da relação entre as partes.

Dentro de 20 dias, o

Judiciário deve voltar a julgar o mérito da ação. O relacionamento durou mais de 20 anos e, quando houve o rompimento, a amante estava gravemente doente. Com isso, o pagamento de cinco salários mínimos à mulher, determinado pela Justiça do Rio de Janeiro, foi suspenso.

Réu pede dinheiro de volta

Mesmo assim, os valores foram depositados. O réu

pede agora a devolução do dinheiro, pois defende que não há proteção legal a casos de concubinato.

A professora de Direito da Família da Unisinos Maria Alice Rodrigues entende que o Código Civil reconhece a existência do concubinato, apesar de não estabelecer seus efeitos.

— O Estado e o Judiciário não podem fechar os olhos a esses relacionamentos e negar direitos. É uma relação longa, que deveria ser considerada



a existência dessas "entidades familiares" formadas fora do casamento.

ANEXO J - REPORTAGEM 42KM DE SAÚDE E BOM EXEMPLO

PORTO ALEGRE, SÁBADO, 21/9/2013, E DOMINGO, 22/9/2013

DIÁRIO GAÚCHO

3

LIÇÃO DE VIDA

42km de saúde e bom exemplo

Edi já tem uma coleção de medalhas e troféus



FOTOS LUIZ ARMANDO VAZ

RESUMO DA NOTÍCIA

Há dez anos participando de competições de atletismo, aposentada de 73 anos já conquistou centenas de prêmios e nem pensa em parar de correr.

ALINE CUSTÓDIO

aline.custodio@diariogaucha.com.br

As mais de 600 medalhas e 300 troféus espalhados pela casa de cinco cômodos revelam a evolução da vendedora aposentada Edi Terezinha Menezes da Costa, 73 anos, no mundo do atletismo. Neste mês, a moradora

de Estelão completa dez anos de corridas. E de uma mudança de postura que a tomou vencedora no esporte e na vida.

— Correndo, esqueço que já passei dos 70 anos. Na verdade, quando me perguntam sobre isso, digo que

não tenho idade, tenho saúde — afirma.

● Dedicção depois da aposentadoria

Vídua há 23 anos, ela tem uma filha, uma neta e e dois bisnetos. Edi sempre foi uma admiradora de todos os esportes. Mas só passou a se dedicar ao hobby depois da aposentadoria, em 2003. Incentivada por amigos, começou a correr.

Menos de seis meses depois, sagrou-se campeã na segunda competição da qual participava, a Rústica dos 80 anos de Bento Gonçalves:

— Passei a treinar com mais dedicação, mudei a alimentação e comecei a pedir dicas para outros atletas. Nunca mais parei.

● Correu em sete estados brasileiros

Apesar de morar em Estelão, Edi treina em Porto Alegre. E tem as ruas da Capital como a segunda casa. Antes de competições de longa distância, costuma correr três vezes por semana do Bairro Azenha até o Bairro Restinga; cerca de 30km de longas subidas e descidas. Nos outros dois dias da semana, trabalha os

músculos na academia.

E foram as corridas as responsáveis por levá-la a conhecer o Brasil e a América do Sul. Edi coleciona conquistas em sete estados (Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Espírito Santo, Minas Gerais e Rio de Janeiro) e cinco países vizinhos (Peru, Chile, Uruguai, Paraguai e Argentina).

Entre as competições das quais participou, estão a tradicional São Silvestre, em São Paulo, a Travessa da Ponte Rio-Niterói e dois sul-americanos de atletismo master (Peru e Chile).

"Estou sempre testando meus limites"

Em 2010, durante a Meia Maratona de Foz do Iguaçu, no Paraná, Edi conheceu o ídolo Vanderlei Cordeiro de Lima, ex-maratonista brasileiro — aquele que perdeu a chance de ganhar o ouro olímpico ao ser agarrado por um

maluco a poucos metros do final da maratona em Atenas (2004). Edi recorda ter sido incentivada por ele a correr uma maratona inteira. Entusiasmada, se inscreveu na 77ª Maratona Internacional

de Porto Alegre. Para sua surpresa, conquistou o primeiro lugar na categoria acima de 70 anos, correndo 42km em cinco horas e seis minutos. — Estou sempre testando meus limites. As corridas fizeram

bem para a minha saúde física e mental.

● Mundial Master é o próximo desafio

O próximo desafio da atleta será em outubro, quando disputará a meia maratona do

Campeonato Mundial de Atletismo Master. O evento será realizado em Porto Alegre — a primeira vez na América Latina.

— O mais importante é que estou fazendo o que gosto, ganhando novas amizades e me desafiando.



Um forte aquecimento...



... com exercícios...



... e alongamento...



... garantem uma boa corrida

ANEXO K - REPORTAGEM COM DORES, VERGONHA E ABANDONO

8

DIÁRIO GAÚCHO

PORTO ALEGRE, SEXTA-FEIRA, 25/10/2013

SAÚDE BUCAL

Com dores, vergonha e abandono



RESUMO DA NOTÍCIA

Pelo menos 16 mil moradores do Bairro Restinga não têm acesso a dentista pelo Sus. Centro de Especialidades Odontológicas deve ser inaugurado até o final deste ano.

ALINE CUSTÓDIO

aline.custodio@diariogaucha.com.br

Em 26 anos morando na Vila Chácara do Banco, na Restinga, a diarista Márcia Aurélio Santos da Silva, 43 anos, não lembra a última vez que sorriu sem colocar as mãos sobre a boca. Sem 12 dentes (quatro embaixo e oito em cima), Márcia Aurélio faz parte dos cerca de 16 mil moradores do bairro que não têm acesso ao serviço odontológico do Sus no bairro da Zona Sul de Porto Alegre.

Enquanto esperam há quase uma década por um Centro de Especialidades Odontológicas (Ceo), os moradores da Tinga que pertencem a postos sem dentista têm como referência o Ceo Santa Marta, no Centro, a 30km de distância. A Capital,

aliás, está com déficit odontológico pelo Sus: há uma equipe para 12,1 mil habitantes. O ideal seria uma para cada 3,5 mil.

● Mais 18 dentistas para a região

No bairro, há 120 mil pessoas cadastradas nas áreas dos quatro postos de saúde que oferecem o serviço demorado. É preciso alertar.

Na UBS Macedônia, há um dentista para 35 mil cadastrados. Por dia, ele atende até dez fichas. Se seguisse a meta a ser alcançada pela Secretaria Municipal de Saúde (SMS), um dentista para cada 3,5 mil pessoas, a Macedônia precisaria de mais nove especialistas.

Na UBS Restinga,

onde são 75 mil pessoas, a oferta é de 35 consultas diárias com quatro especialistas. Mas para atender dentro da meta, a SMS precisaria de outros 18 dentistas.

● “Janela para boa apresentação”

Márcia tem quatro filhos – oito, 15, 17 e 19 anos. Como tem uma renda mensal de R\$ 400, metade dela vinda do Bolsa Família, a possibilidade de pagar por um tratamento fica cada vez mais distante. Márcia chegou a pagar R\$ 80 por uma consulta com um dentista particular. Para tirar os dentes que faltam e colocar duas próteses, gastaria R\$ 1 mil – quase o triplo do salário.

– Tenho vergonha de conversar, de sorrir. Quando vou procurar um emprego, arrumo o cabelo, coloco roupa e calçados novos, mas sempre ficam faltando os dentes. Eles são a janela para uma boa apresentação. Acho que é por isso que jamais consegui um trabalho fixo – desabafa Márcia.

Suportar o drama até reunir dinheiro

Uma doméstica descobriu da pior forma que nos postos que oferecem o serviço odontológico só os cadastrados podem ser atendidos. Na semana passada, ao ter dor de dente,



Juliana Lopes, 30 anos, moradora na Vila Castelo, buscou o ESF da sua região. Ela foi orientada a buscar atendimento no Ceo da Vila dos Comerciantes, na Grande Cruzelzo. Lá, recebeu limpeza

e um medicamento para aliviar a dor. Porém, para extrair o dente dolorido, recebeu a indicação de ir ao posto no qual está cadastrada – onde não tem dentista.

Resultado: segue tomando analgésicos e sem perspectiva de atendimento.

– De que adianta ir ao serviço de urgência, se eles te encaminharam de volta? Fiquei feito barata tonta. Vou aguentar a dor até ter dinheiro para pagar particular – conformou-se.

O QUE DIZ A SECRETARIA

- Hoje, o atendimento via Sus em Porto Alegre tem cobertura de 33%. Ou seja, apenas um em cada três pessoas. A meta é dobrar até o final de 2014.
- A meta do Ministério da Saúde é que cada equipe atenda 3,5 mil habitantes. A Capital tem média de 12,1 mil habitantes por equipe (são 115).
- Até o próximo ano, a SMS deverá chamar dentistas e auxiliares selecionados em dois concursos vigentes. Entre os postos que deverão ser contemplados está o Esf Castelo, no Bairro Restinga.

A REALIDADE DA TINGA

- UBS Macedônia – 35 mil cadastrados (média de 10 pacientes/dia)
- UBS Restinga – 75 mil cadastrados (média de 30 atendimentos/dia)
- ESF 5ª unidade – 5,4 mil cadastrados (média de 12 atendimentos/dia)
- ESF Núcleo Esperança – 4.984 cadastrados (média de 15 atendimentos/dia)
- ESF Pitanga – 4.150 cadastrados (não tem dentista). Para ter uma especialista, precisa de obras que comportem o consultório odontológico.
- ESF Chácara do Banco – 4.368 cadastrados (não tem dentista). Como o posto está improvisado numa associação de moradores, precisaria de um novo prédio para ter o consultório odontológico.
- ESF Castelo – 7.496 cadastrados. Aguarda troca de dentista, mas ainda sem prazo.

Vai sair do papel?

Há três anos, uma pesquisa feita pela Associação Hospitalar Moinhos de Vento revelou que pelo menos 5% dos 4.573 entrevistados na Restinga nunca tinham ido ao dentista. Outros 20% precisavam de atendimento imediato e 28% tinham consultado há mais de três anos.

Coordenador da área técnica de saúde bucal da SMS, Alex Elias Lamas afirma que o Ceo do Extremo-Sul

será implantando dentro do Hospital Geral da Restinga, previsto para dezembro. No local, haverá quatro consultórios.

Para casos de urgência como o de Márcia, em áreas sem dentistas, Alex ressaltou que podem buscar o HPS, o Cristo Redentor e os seis Ceos de Porto Alegre (Santa Marta, Iapi, Born Jesus, Urugs, Conceição e Vila dos Comerciantes).



Claro HDTV. A alta definição ao seu alcance.

Mais de 90 canais por apenas

R\$ 39,90

por mês, durante 6 meses, no Plano Fácil.



Claro

Assine já, com um de nossos parceiros credenciados!

0800-6482822

Claro HDTV
Você por dentro.

Oferta válida até 31/10/2013. Consulte condições de contratação.

ANEXO L - REPORTAGEM JUVENAL: TAXISTA AOS 91 ANOS

8

Diário Gaúcho

PORTO ALEGRE, QUINTA-FEIRA, 28/11/2013

EXEMPLO DE VIDA

Juvenal: taxista aos 91 anos

RESUMO DA NOTÍCIA

Festa de aniversário do experiente motorista, na Rodoviária, teve bolo e balões, ontem. Segundo a EPTC, é o permissionário há mais tempo em atividade na Capital.

EDUARDO RODRIGUES

eduardo.rodrigues@diariogaucha.com.br

Ele começou como chofer de praça num flamejante Pontiac 40 da GM na Porto Alegre dos anos 60. A Capital tinha menos de 700 mil habitantes, poucas ruas asfaltadas e bondes circulando. Táxis eram um meio de transporte raro. Um dos poucos que existia era conduzido por este simpático senhor das fotos. Há mais de meio século, o taxista Juvenal Cunha da Silveira transporta passageiros pelas ruas da cidade.

Ontem, comemorou

91 anos cercado de colegas e amigos no ponto da Rodoviária, onde trabalha. A festa teve bolo, balões coloridos e carro de telemensagem.

● Saúde de guri e firmeza no volante

– Se soubesse disso, mandava minha família vir aqui. Enquanto tiver saúde, vou trabalhar. Só paro no dia que a medicina disser que não dá mais – disse, emocionado.

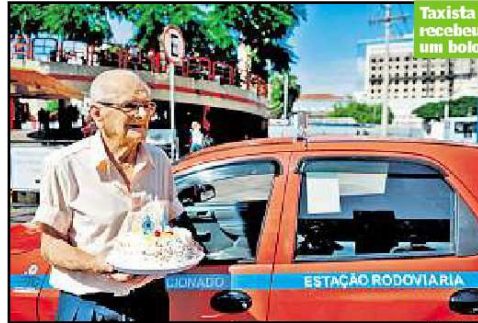
Juvenal conheceu uma outra Porto Alegre. A tranqueira

que enfrenta hoje nas ruas em nada lembra a tranquilidade do trânsito quando começou na atividade.

● Elogiado por todos

Antes de assumir o táxi, trabalhou como torneiro mecânico. Tirou a carteira de motorista em 1960, aos 38 anos. Depois do Pontiac, teve um Fusca, um Gol e hoje é proprietário do Celta prefixo 4284. Em novembro de 2012, a EPTC renovou seu cartão por mais um ano. Ele se prepara agora para renovar a CNH. Enquanto ouvia elogios do supervisor do ponto, Rovani da Silva Rodrigues, Juvenal era abraçado por passageiros.

– Além de ser bom motorista, ele é benquisto por colegas. Nunca tivemos reclamações dele aqui – afirmou Rovani.



Taxista recebeu um bolo

Defunto no banco de trás

De todas as histórias vividas por Juvenal no táxi, uma é de arrepiar. Certa vez, uma família pobre de São Jerônimo, na Região Carbonífera, não tinha dinheiro para comprar o calção e pagar o traslado do corpo de uma mulher, que havia falecido na Capital. Juvenal então foi requisitado para fazer o transporte.

– Já levei muita gente ao hospital sem dinheiro para pagar a passagem, mas uma vez transportei uma morta. Naquela época, se fazia isso. Colocaram o corpo sentado no banco de trás do carro com um chapéu na cabeça – contou.



Uma das carteiras (C) e um Pontiac 40, semelhante ao que ele dirigiu

REPRODUÇÃO

BANCO DE DADOS

SE QUER RESPIRAR O AR PURO DOS BOSQUES MILENÁRIOS EM ARAUCANIA, VENHA AO CHILE.

E SE NÃO, VENHA AO CHILE.

Share with:

www.chile.travel/araucania

Chile

Parque Nacional Conguillío Volcán Llaima

ARAUCANIA
Natureza Originária

ANEXO M - REPORTAGEM OBSTÁCULO NA RETA FINAL

PORTO ALEGRE, SEGUNDA-FEIRA, 14/10/2013

DIÁRIO GAÚCHO

3

DILEMA NA PISTA



De tênis, sua performance será prejudicada

"ESTAR LIMPO É FUNDAMENTAL"

Júlio teve sua história contada no Diário Gaúcho do dia 18 de maio. Naquela época, começara o trabalho de facilitador da Fasc. Até hoje, mantém-se firme na função – dedica três dias da semana para discutir justamente a exclusão social da qual ainda luta para superar:

– A parte mais importante é a da abordagem de moradores de rua. Com minha experiência, explico a importância de procurar ajuda especializada. Só

assim se pode almejar algo bom na vida.

Com ou sem sapatilha, Júlio se entende como um vencedor. Ainda mais porque, assegura estar livre das drogas.

– Na vida com quem vive sem teto, encontro ambientes dominados pelo vício. Mas estou resistindo, ela só me derrubou na vida. Não quero mais. Estar limpo é fundamental – afirmou Júlio, que perdeu casa e família, no Vale do Sinos, justamente porque o crack estava destruindo seu lar, em 2010.

O assunto já foi notícia no Diário



18 e 19/5/2013

RESUMO DA NOTÍCIA

O andarilho Júlio César Barbosa, 40 anos, conseguiu o sonho de se inscrever no Mundial Master. Porém, a cinco dias da estreia, ainda não tem um calçado adequado.

FELIPE BORTOLANZA

felipe.bortolanza@diariogaucha.com.br

Ele não tem casa, mas a partir de quarta-feira, estará representado o Brasil no Mundial Master de Atletismo de Porto Alegre. Talvez seja o único andarilho entre os mais de 4 mil inscritos de 82 países. Mas não é o fato de ter dormido na rua boa parte dos últimos três anos que angustia Júlio César de Jesus Barbosa, 40 anos, nesta reta final de preparativos para a realização de seu grande sonho – disputará as provas de 100m e 200m rasos.

Antes de um treino, em que exhibe orgulhoso um boné com as cores do Brasil, tira de uma sacola um par de calçados usados. É aí Júlio revela seu grande obstáculo:

– Faltam poucos dias e não tenho sapatilha de pregos. Esta é emprestada e tenho de devolvê-la antes do Mundial. Correndo de tênis, seguramente não terei chance. Faltará aderência...

Uma sapatilha nova custa mais de R\$ 200. Certa vez, até achou uma num brechó, mas não tinha os R\$ 50

que o comerciante pedia.

● Estreia será na sexta-feira

Até a greve dos bancos tem tirado o sono de Júlio. Como facilitador da Fundação de Assistência Social e Cidadania (Fasc), ganha R\$ 300 por mês – dinheiro que retira numa agência.

– Sou muito grato ao pessoal da Fasc, que já pagou minha

inscrição (R\$ 305). Ainda acredito que vou ganhar uma sapatilha – torce o atleta, de 1,64m e 60kg, que disputará na categoria de 40 a 44 anos.

A estreia dele na competição que reúne até ex-campeões olímpicos, com idades entre 35 e 99 anos, será na manhã de sexta-feira, a partir das 9h, no Cete, no Bairro Menino Deus. De janeiro a agosto, treinou todos os dias, com ajuda

de professores de Educação Física. Em competições, ganhou seis medalhas de ouro em 2013. Na carreira, já passaram de 30.

● Acaba o Mundial, reconheça a corrida

Mas é sua obstinação por ser velocista que o faz superar dramas. Quando não consegue vaga em albergue, a namorada o acolhe. Mas, quando ela não pode recebê-lo à noite (mora com a família), Júlio dorme sob alguma marquise do Centro:

– Tenho garantia de cama até o fim do Mundial. Depois, acaba meu período no abrigo.

Al recomencará sua corrida em busca de uma cama.



Júlio treina com sapatilha emprestada

Como fazer

Quer doar uma sapatilha de pregos, número 39?

Procure pelo Júlio no Albergue Marlene, Avenida Getúlio Vargas, 40, Bairro Menino Deus. Telefone: 3212-1158.

Um erro será fatal

Não existe mais regra que permita uma segunda chance ao atleta que queimasse a largada (iniciar a corrida antes do tempo). Portanto, é preciso esperar o tiro de largada para correr.

– Será preciso muita concentração para não desperdiçar preciosos milésimos de segundo. Para quem tem todas as condições é difícil, imagina para mim, que durmo em albergue...

Nos 100m, Júlio garante fazer na casa dos 12s. O recorde de sua categoria é 10seg29. Nos 200m, a melhor marca é 20seg64, dois segundos abaixo do que o andarilho consegue.

– Minha meta é passar pela primeira eliminatória (de oito, passam os dois primeiros). Depois, tudo será lucro.

Dos 40 aos 44 anos, há cerca de 80 atletas inscritos.

GATA

TUDO DE BOM

AGORA É A SUA VEZ!
VOTE NA SUA CANDIDATA FAVORITA.

Acesse www.gatatudodebom.com.br e escolha a menina de sua preferência no Gata Tudo de Bom. A eleita pelo voto popular estará entre as cinco finalistas do concurso. Ajuda a candidata da sua comunidade e participe da votação.

Vote bastante até o dia 24 de outubro.

Realização

Fonte: Bortolanza (2013a, p. 3).

ANEXO N - REPORTAGEM UM BRILHANTE SEXTO LUGAR

PORTO ALEGRE, SÁBADO, 19/10/2013 E DOMINGO, 20/10/2013

DIÁRIO GAÚCHO

3

ANDARILHO VELOCISTA

Júlio (calçado vermelho) realizou seu grande sonho



Um brilhante sexto lugar

RESUMO DA NOTÍCIA

Júlio Barbosa, 40 anos, é morador de rua em Porto Alegre. Mesmo sem treinador e peregrinando em albergues, ele conseguiu rivalizar com os melhores atletas do mundo.

FELIPE BORTOLANZA

felipe.bortolanza@diariogaucha.com.br

A noite foi mal dormida. A cabeça, acelerada, só pensava na linha de chegada. Os pés estavam doloridos, pois ele precisou treinar na véspera para amaciar a sapatilha nova, um presente de última hora. Mas a falta de sono não perturba o corredor Júlio César de Jesus Barbosa, 40 anos, um andarilho acostumado a pernolitar em calçadas do Centro de Porto Alegre, acomodando seus 1,64m em escadarias sob marquises.

Mas, na sexta-feira, ele era elite, competidor do Mundial

Master de Atletismo, que reúne na Capital 4 mil atletas acima de 35 anos, vindos de 82 países. - Ele está que nem pisca. Muito nervoso. Não é pra menos. Está realizando seu sonho.

Concorrentes impressionam

A frase é da namorada dele, que pede anonimato. Apesar de o orgulho a fazer sorrir sem parar, ela revela que parentes ainda não entenderiam bem o fato de ela se relacionar com alguém que, três anos atrás, perdeu a família (e a casa) em função do vício em crack.

Mas foi só por estar limpo da droga há mais de um ano que Júlio alinhou-se na raia 6 da quinta bateria dos 100m rasos da categoria 40 a 44 anos, às 13h35min de sexta, na pista do Cete, representando o Brasil com a inscrição 0827. Diante dos concorrentes que se apresentaram nas provas anteriores, a namorada concluiu: - Olha que corredores grandes são! A cada passada deles, o Júlio terá de dar três!

Uma vida em 12 segundos

Mesmo assim, o Velocista foi guerreiro ao ouvir o tiro da largada. Cumpriu os 100m em 12seg48. O primeiro, cravou 11seg. Também avançou na disputa o segundo colocado, com 11seg27. Ou seja, por 1seg21 Júlio foi eliminado. Chegou em sexto lugar.

Assim que respirou, abanou para colegas do albergue e do seu trabalho - é facilitador da Fasco, com trabalho junto aos moradores de rua. Por fim, ganhou um beijo da namorada. - Fiz o que pude, a rapaziada é profissional. Em seguida, chorou: - Minha vida passou nos 12 segundos. Foi a prova que faltava pra eu recomeçar, longe de coisas ruins e perto de quem me ama.

"Foi a prova que faltava para eu recomeçar a vida"



FOTOGRAFIA: LUIZA STUNOFF

O drama das sapatilhas

Na edição de segunda-feira passada, Júlio revelou que temia não participar do Mundial. Afinal, faltava algo fundamental: a sapatilha de pregos. De tênis, não bastaria de 15seg. A história sensibilizou dois doadores de fora da Capital. Um deles, um bombeiro gaúcho que mora em Curitiba, que leu a história no site. - O Vitor (bombeiro) foi fantástico. Me ligou

empolgado. Mandou pelo Correios - contou Júlio. Mas, como tudo na vida dele, a entrada foi dura. Por algum problema, o calçado só chegou na véspera. Para amaciá-lo, treinou à noite. - Para segunda-feira, já estarei melhor adaptado. Júlio vai correr os 200m, a partir das 13h (inscrição, de R\$ 305, foi bancada pela Fasco).

CHAMADA DAS RUAS

ANTÔNIO CARLOS MACEDO
macedo@diariogaucha.com.br



Denúncia contundente

Uma foto vale mais que mil palavras. Fiel ao lema, a capa do Diário Gaúcho de sexta-feira foi definitiva na denúncia da superlotação da emergência do Hospital de Clínicas de Porto Alegre. O clique do colega Marcelo Oliveira mostrou de forma contundente e inegável o ambiente caótico enfrentado pelos pacientes, funcionários e visitantes deste importante pronto-atendimento.

Parece um hospital de campanha, montado em lugar envolvido em guerra ou afetado por grande catástrofe. Quem desconhece a realidade da saúde pública brasileira jamais poderá imaginar que não está diante da exceção, mas da rotina vivida por importante hospital de uma das capitais com maior qualidade de vida do Brasil.

Personagem central

Ao comentar o assunto na Rádio Gaúcha, sugeri que todos deveriam ver a reportagem para ter plena consciência do problema. Mais tarde, um deles me corrigiu: "O cidadão tá careca de viver essa desgraça. Quem precisa ver essa reportagem são os políticos: vereador, prefeito, deputado, governador e, principalmente, o presidente Dilma e o ex-presidente Lula. Eles precisam conhecer o resultado do que deixaram de fazer, enfiando dinheiro na Copa em vez de construir hospitais", contrapôs o ouvinte e leitor Dércio Ricardo Hack Júnior.

Tem toda a razão. O povo sabe bem o que se passa pois é o personagem central desse drama. O poder público é que precisa ser cutucado para sair da sua zona de conforto e tomar medidas capazes de terminar com o quadro vergenhoso mostrado pelo DG.

O assunto já foi notícia no Diário



18/10/2013

Vestibular da Ufrgs: prazizo até domingo

Termina às 23h59min de domingo o prazo de inscrições para o Vestibular 2014 da Ufrgs. O procedimento deve ser feito no site www.ufrgs.br. Os estudantes devem ficar atentos ao prazo para a quitação da taxa de R\$ 100, que se encerra na segunda-feira. A inscrição é homologada somente após o pagamento, que pode ser feito em qualquer agência bancária. O concurso vai oferecer 5.461 vagas

em 89 graduações, com 30% para cotas sociais. Em comparação com vestibular passado, são 37 vagas a mais, distribuídas entre as engenharias Química, Ambiental e de Produção.

Confira as datas do vestibular

As provas serão entre os dias 5 e 8 de janeiro de 2014, nas cidades de Porto Alegre, Bento Gonçalves, Imbé e Tramandaí.

MAIS TÁXIS NAS RUAS DA CAPITAL

A EPTC pretende lançar a licitação para 105 novos prefixos de táxis em Porto Alegre até a primeira quinzena de março de 2014. O órgão aguarda a aprovação, ainda neste ano, de dois projetos

de lei que tramitam na Câmara de Vereadores. Hoje, circulam pela cidade 3.920 táxis. Com a ampliação, Porto Alegre voltará a ter autorizados mais de 4 mil veículos.

O assunto já foi notícia no Diário



18 e 19/5/2013

Fonte: Bortolanza (2013b, p. 3).

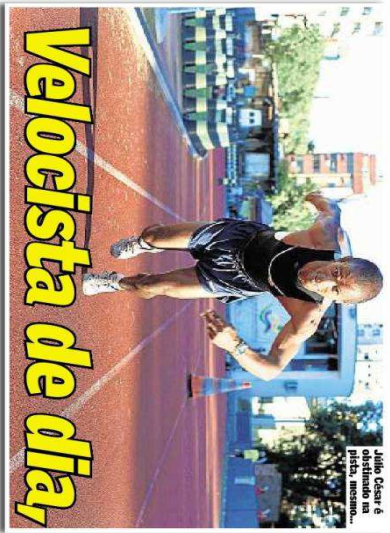
ANEXO O - REPORTAGEM VELOCISTA DE DIA, ANDARILHO À NOITE

O COELHO E A TARAPUGA

TEXTOS FELIPE BORTOLANZA
Imagens: Felipe Bortolanza/Contraste.com.br

O Jilão Garcho correu hoje a história de um homem de 40 anos que correu pela noite de Porto Alegre em busca de um lugar para dormir. Mesmo sem cama ou café da manhã, levantou, trabalhou e foi trabalhar. E chegou ao fim da tarde com 12 segundos, fez 100km.

Entre seus sonhos está o de representar o Brasil no Campeonato Mundial que a Paris 2024 trará para a cidade francesa. Chegar lá, mas de enfrentar sua maratona diária em busca de um tempo, para a qual falta velocidade. Mais, porém, há três anos. A seguir, sua história, os dramas, os glórias e os desafios.



Jilão Garcho é o primeiro brasileiro a correr uma maratona noturna. Ele fez 100 km em 12 segundos.

1 | A FÁBULA

Em uma vez um coelho que possuía uma grande velocidade, decidiu fazer uma corrida com um tartaruga. O coelho se desafiou para fazer a corrida, mas acabou ficando muito cansado e acabou perdendo a corrida para o tartaruga.

2 | O ÔNIBUS

É o dia de um novo ano e a cidade de Porto Alegre está cheia de gente. Um ônibus está cheio e não consegue ir para o destino. O motorista tenta fazer com que o ônibus vá, mas não consegue e acaba ficando parado na rua.

3 | A MIGRAÇÃO

Em 19 anos, Garcho viveu em Porto Alegre, Rio de Janeiro, São Paulo e Curitiba. Ele decidiu voltar para Porto Alegre porque gosta da cidade e quer fazer uma maratona noturna.

4 | O ABISMO

Muita coisa o abismo do Jilão Garcho. Ele tem uma história de vida muito interessante e cheio de desafios. Ele sempre quer melhorar e se tornar um atleta profissional.

5 | A RETOMADA

Jilão Garcho voltou a correr depois de um tempo parado. Ele decidiu fazer uma maratona noturna para comemorar o aniversário de 40 anos.

7 | O PERGRINO

Garcho decidiu fazer uma peregrinação para o Rio de Janeiro. Ele quer conhecer a cidade e fazer uma maratona noturna lá.



Jilão Garcho dormindo em um banco público durante a noite.

8 | O MUNDIAL

Jilão Garcho quer participar do Campeonato Mundial de Maratona Noturna em Paris 2024. Ele está se preparando muito para isso.

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

PORTO ALEGRE, SABADO, 18/2/2013 E DOMINICO, 19/2/2013

PORTO ALEGRE, SABADO, 18/2/2013 E DOMINICO, 19/2/2013

PORTO ALEGRE, SABADO, 18/2/2013 E DOMINICO, 19/2/2013

PORTO ALEGRE, SABADO, 18/2/2013 E DOMINICO, 19/2/2013

Porto Alegre 2013, jeito de Olimpíada

Porto Alegre será a cidade sede das Olimpíadas de 2016. A cidade está se preparando para receber os atletas de todo o mundo.

As Olimpíadas de 2016 serão realizadas em Rio de Janeiro. A cidade está se preparando para receber os atletas de todo o mundo.

As Olimpíadas de 2016 serão realizadas em Rio de Janeiro. A cidade está se preparando para receber os atletas de todo o mundo.

Abafros na Capital

Os abafros são um tipo de comida muito gostoso e saudável. Eles são muito populares em Porto Alegre.

As prioridades

As prioridades são as coisas que são mais importantes para as pessoas. Elas podem variar muito de acordo com a situação.

Ação na rua

Ação na rua é um tipo de atividade muito divertida e saudável. Ela ajuda a melhorar a saúde e o bem-estar.

Porto Alegre é uma cidade muito bonita e acolhedora. Ela tem muitas coisas interessantes para oferecer.

PORTO ALEGRE, SABADO, 18/2/2013 E DOMINICO, 19/2/2013

PORTO ALEGRE, SABADO, 18/2/2013 E DOMINICO, 19/2/2013

PORTO ALEGRE, SABADO, 18/2/2013 E DOMINICO, 19/2/2013

PORTO ALEGRE, SABADO, 18/2/2013 E DOMINICO, 19/2/2013

PORTO ALEGRE, SABADO, 18/2/2013 E DOMINICO, 19/2/2013

PORTO ALEGRE, SABADO, 18/2/2013 E DOMINICO, 19/2/2013

PORTO ALEGRE, SABADO, 18/2/2013 E DOMINICO, 19/2/2013

PORTO ALEGRE, SABADO, 18/2/2013 E DOMINICO, 19/2/2013

PORTO ALEGRE, SABADO, 18/2/2013 E DOMINICO, 19/2/2013

PORTO ALEGRE, SABADO, 18/2/2013 E DOMINICO, 19/2/2013

PORTO ALEGRE, SABADO, 18/2/2013 E DOMINICO, 19/2/2013